

A close-up, soft-focus photograph of a mother's face as she gently kisses her newborn child's forehead. The mother's eyes are closed, and her expression is one of love and protection. The child's face is partially visible in the lower half of the frame, also with closed eyes.

Marcos Veríssimo

# Mães da Bíblia

**Outras histórias de mulheres  
transformando destinos**

Volume II

Ágape

Marcos Veríssimo

# Mães da Bíblia

Outras histórias de  
mulheres transformando  
destinos

# Volume II



---

SÃO PAULO, 2016

Mães da Bíblia: Outras histórias de mulheres transformando destinos – Volume II Copyright © 2016 by Marcos Veríssimo  
Copyright © 2016 by Editora Ágape Ltda.

---

**COORDENAÇÃO EDITORIAL**  
Rebeca Lacerda

# CAPA

Rebeca Lacerda

**PREPARAÇÃO**

Patrícia Murari

Rebeca Lacerda

**DIAGRAMAÇÃO**

Equipe Ágape

**REVISÃO**

Fernanda Guerriero Antunes

---

# GERENTE EDITORIAL

Lindsay Gois

AUXILIAR DE PRODUÇÃO

Emilly Reis

---

# DESENVOLVIMENTO DE EBOOK

Loope - design e publicações digitais | [www.loope.com.br](http://www.loope.com.br)

---

# EDITORIAL

João Paulo Putini  
Nair Ferraz  
Rebeca Lacerda  
Vitor Donofrio

---

Texto de acordo com as normas do Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa (1990), em vigor desde 1º de janeiro de 2009.

---

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**  
**(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

---

Veríssimo, Marcos  
Mães da Bíblia: Outras histórias de mulheres transformando destinos – Volume II / Marcos Veríssimo. -- Barueri, SP: Editora Ágape, 2016.

ISBN: 978-85-8216-154-8

1. Histórias bíblicas 2. Mães na Bíblia 3. Mulheres na Bíblia I.  
Título.

16-01121 CDD-220.83054

---



## **Índice para catálogo sistemático:**

1. Mães : Histórias bíblicas 220.83054

---

EDITORA ÁGAPE LTDA.

Alameda Araguaia, 2190 – Bloco A – 11º andar – Conjunto 1112

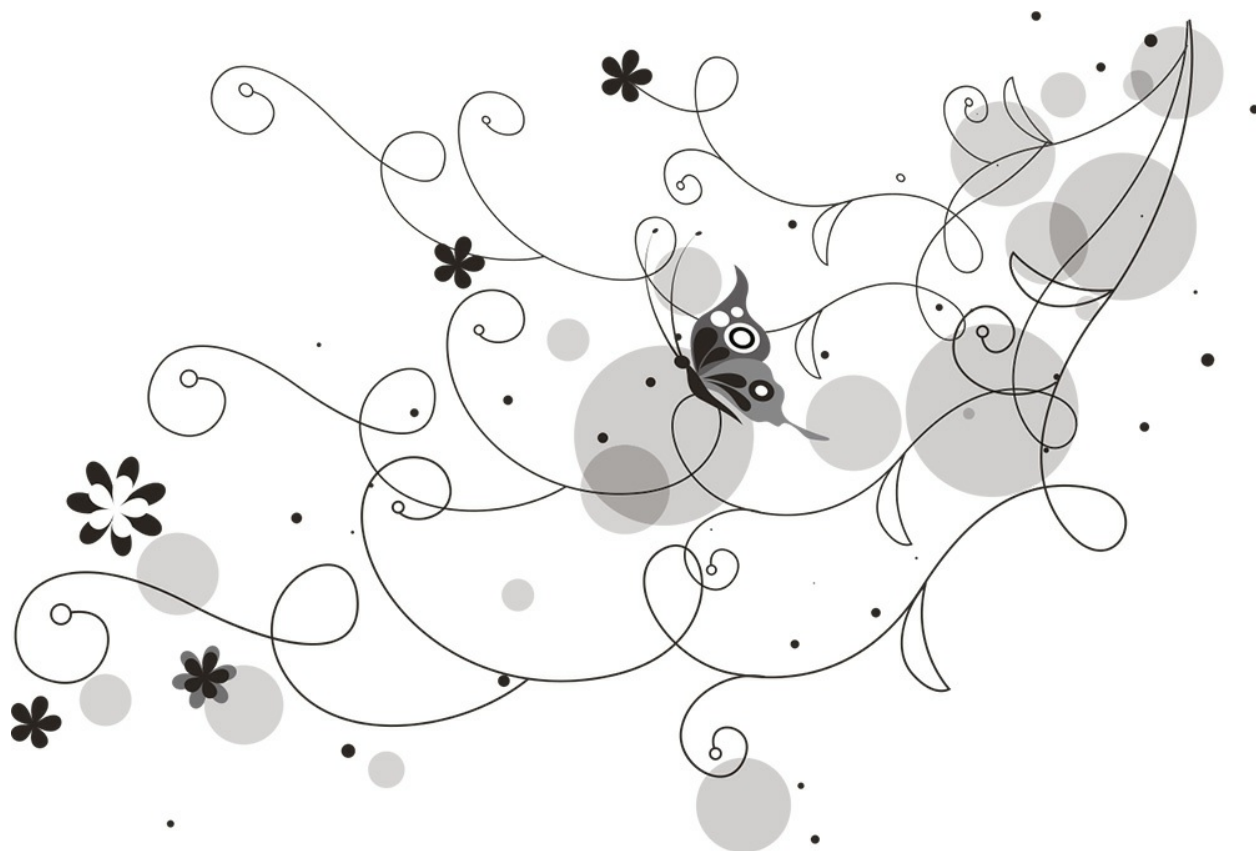
cep 06455-000 – Alphaville Industrial, Barueri – SP – Brasil

Tel.: (11) 3699-7107 | Fax: (11) 3699-7323

[www.editoraagape.com.br](http://www.editoraagape.com.br) | [atendimento@agape.com.br](mailto:atendimento@agape.com.br)



Dedico esta obra à memória de minha mãe, quem a vida toda lutou com o sublime propósito de transformar o destino de nossa família, e a todas as mulheres empenhadas nesta mesma causa!



# *Prefácio*

Por Gleidson Gomes Izidório

Com alegria e não menos apreensão, recebi o convite do amigo Marcos Veríssimo para prefaciar seu segundo livro da série “Mães da Bíblia”. Conhecendo-o como é, sempre criativo e dotado de uma sensibilidade extraordinária para ouvir a voz de Deus onde os outros nada escutam, esperava um texto recheado de surpresas e revelações.

E não foi diferente a experiência vivida ao conhecer estas páginas. De leitura fácil e conteúdo imaginativo, a narrativa transita bem de um personagem para o outro, sem se descuidar do cenário. A vivência familiar e a prática pastoral do autor enriquecem o texto, com pitadas bem-humoradas de referências pessoais nas circunstâncias encontradas, reforçando o argumento e tornando-o autêntico. Esse toque discreto de

interação pessoal torna a leitura próxima, insinuando uma cumplicidade de Marcos na aventura de ler.

Detalhista na medida certa, sem ser cansativo, ele imerge-nos na experiência de vida dessas mulheres, não se esquecendo de que, apesar de refletir sobre histórias reais, vivenciadas por seres humanos, também são histórias de Deus, preservadas em Sua Palavra revelada, e que, portanto, traduzem uma mensagem que permanece para sempre, ainda que, igualmente, esta tenha a característica imanente de se renovar a cada amanhecer, sendo viva e eficaz.

E o autor faz bem seu papel, descobrindo aqui e acolá tesouros e pérolas escondidas que enriquecem a narrativa, tornando-a relevante para os nossos dias, transpondo com leveza a distância cronológica do texto para o nosso momento e permitindo uma aplicação prática das lições aprendidas nesse tempo.

No capítulo sobre a viúva de Sarepta, o meu preferido, o texto se supera, trazendo reflexões vivas que nos instigam à condição possível do

relacionamento com Deus, lembrando a todo instante que nosso Senhor não está ausente, indiferente à vida e às dificuldades dos Seus. Ao contrário, ressalta que da simplicidade e do pouco pode-se extrair o ambiente e a espiritualidade necessários para ouvir a voz de Deus, e ouvindo-a, alcançarmos a maturidade que só a presença d'Ele e Seus valores podem nos proporcionar. As personalidades díspares do profeta e da viúva assim destacadas engrandecem o momento para atestar que somente em Deus a comunhão perfeita é possível, pois só Ele é suficiente para nivelar os anseios, estabelecer pontes entre as diferenças e satisfazer nossos desejos infantis, substituindo-os pela satisfação da vida plena e eterna. O desafio feito aqui, de conseguirmos interpretar com justiça as coisas fáceis, insinua que Deus tem preparado caminhos mais altos, experiências mais relevantes para aqueles que se dispõem a segui-Lo de coração aberto, espírito aventureiro (ou pronto) e uma boa

dose de confiança, e que Ele sempre estará por perto para nos ensinar mais. Resta saber se vamos nos aventurar a aprender.

“Mães da Bíblia” é tudo isso, uma tentativa de esclarecer o significado por detrás da palavra mãe, mesmo que isso tenha que se revelar no paradoxo do subtítulo escolhido – *Outras histórias de mulheres transformando destinos* –, que brinca com as palavras, quebrando a rigidez inerente ao “destino”, que é algo imutável, já prescrito e sem possibilidade de variação. Assim, insinua-se que esse estado pode ser deslocado e até mudado em sua essência através do agir de uma mãe, mulher que, pela relação íntima de gerar a vida, ama sem medida e, por isso, consegue a inusitada façanha de fazer acontecer o novo, traçando novos caminhos e possibilidades pelo amor.

Imagino se não seria esse o propósito de Deus ao fazê-las mães.





# *Introdução*

Fazer a introdução de um livro é como abrir a porta de sua casa para uma visita entrar... Ao entrar, você apresenta as peculiaridades que o fazem amar e ter prazer em morar ali!

Convido-o, então, a entrar e apresento a você mais um “Mães da Bíblia”: a segunda seleção de histórias que nos fazem refletir sobre a importância que essas doze mulheres-mães tiveram na vida de personagens marcantes da Bíblia sagrada.

Com essas mulheres, aprendemos que somos surpreendidos com o desconhecido, assim como Eva, que teve de lidar com questões a respeito da experiência de ser mãe sobre as quais ela nunca tinha ouvido sequer de uma amiga! Ou então Ana, que, com humildade, não levantou a sua voz para quem a humilhava, mas sussurrou aos ouvidos d’Aquele que é poderoso para atender o seu clamor!

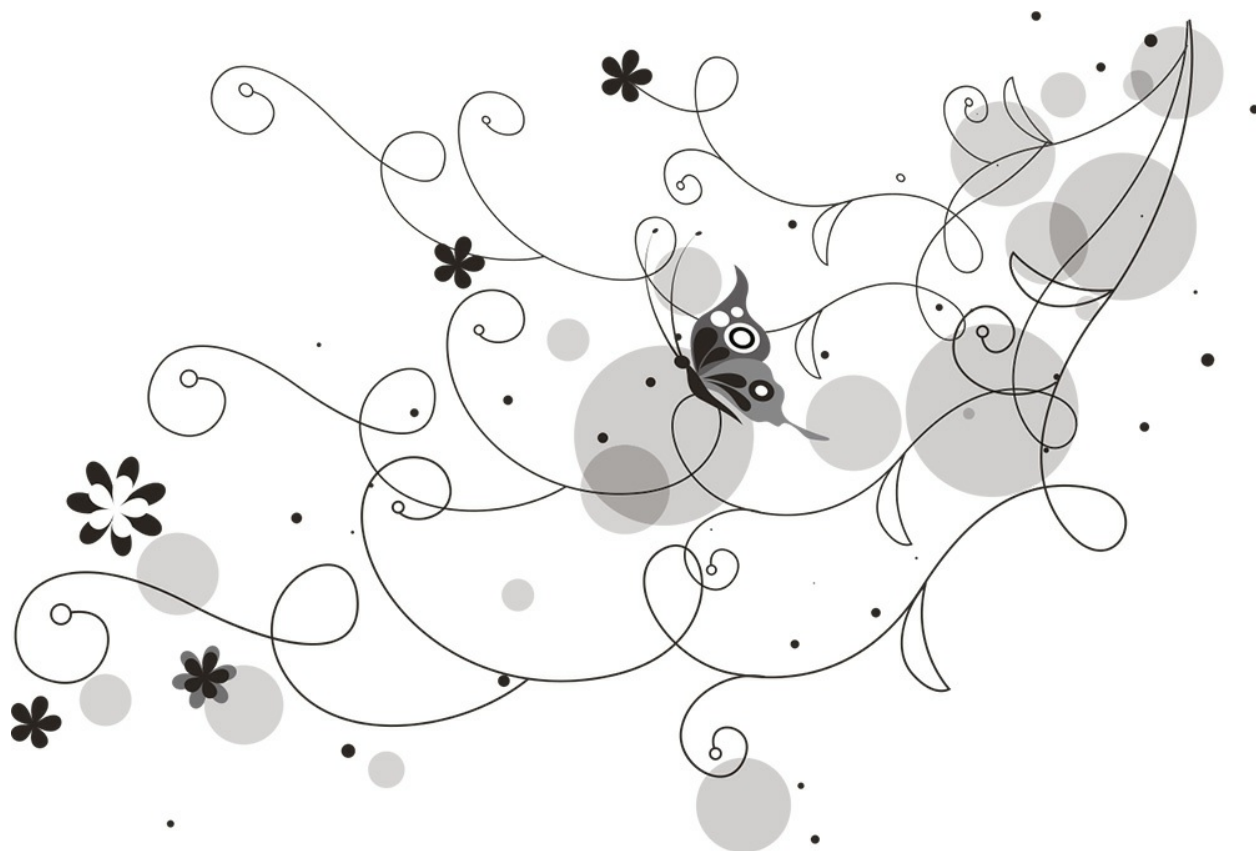
Mães que, com muita dor no coração, tiveram que lidar com a perda de seus filhos queridos, tal qual a mãe dos filhos de Jó, e fizeram de tudo para ver a libertação deles.

Mães que preferiram agir com o coração, e não com a razão, como as mães que disputavam um único filho na presença de Salomão!

Mulheres-Mães que transformaram destinos de grandes personagens bíblicos, alguns notáveis e outros até desconhecidos!

Quero convidá-lo a entrar, acomodar-se em um belo e confortável sofá e sentir a mesma alegria que há em mim, em compartilhar essas histórias espetaculares que nos fazem amar a Palavra!

Que Deus lhe abençoe e boa leitura!



# *Eva*

## *A primeira mãe*

*“E à mulher disse: ‘Multiplicarei grandemente a tua dor e a tua conceição; com dor terás filhos; e o teu desejo será para o teu marido, e ele te dominará’.” (Gn 3:16)*

## *Contexto histórico*

O Jardim do Éden era a casa de Eva até ela ser expulsa, e tudo que fora formado nas mais perfeitas condições começou a mudar: as dores, os sinais de envelhecimento, o cansaço dos anos... enfim, uma série de limitações em seu corpo. Mas, conforme as narrativas do texto bíblico, Eva foi criada para preencher um espaço vazio junto ao seu esposo.

A solidão de Adão era perceptível ao caminhar meio que desolado no belo e imenso Jardim, após terminar suas tarefas de cada dia. Cansaço ele não sentia, dores também não, e não havia segredos ou mistérios que ele não soubesse sobre as plantas que ali germinavam ou animais que ali viviam e estavam sob a sua responsabilidade, pois era um homem extremamente inteligente. Mas não era completo... Provavelmente, sua solidão era o único mistério que Adão não compreendia.

Deus é sábio, Ele percebe em suas criaturas necessidades que elas sequer são capazes de imaginar. O homem foi criado com determinadas limitações, mas com grandes possibilidades emocionais e espirituais que irão proporcionar o ambiente de interação com ele mesmo, com a família, com Deus e com a natureza. Adão foi formado e dentro dele ainda havia muito que explorar. Os processos e as oportunidades que a vida

lhe daria praticamente não haviam começado, tudo era realmente muito novo.

Quando observou a solidão do homem, Deus o induziu a um sono muito profundo, exatamente para que ele não percebesse que seria submetido a um processo cirúrgico para que dele mesmo fosse criada Eva, a primeira mãe da Bíblia. Ela foi formada com a mesma essência, possuidora da mesma qualidade de vida, porém de natureza mais delicada, criativa, meiga, sensível e com maior disposição para espiritualidade. Ela seria a primeira mãe e ia fazer aflorar em Adão a dose de doçura e encanto que até então ele não havia encontrado em nenhuma outra criatura.

É bem possível que, ao contemplar todo o encanto do presente que Deus lhe havia dado, depois de ouvi-la pela primeira vez e surpreender-se diante de uma visão diferente de tudo que ele estava acostumado a ver, tocar, sentir e amar, Adão tenha

dito: “Como é bom o presente que o Senhor me deu!”.

Eva chegou e com ela a possibilidade de Adão adquirir certos conhecimentos a respeito de si mesmo, algo que tem a ver com amor, desejo, romantismo, capacidade de se relacionar, cuidar e defender aquela que Deus criou só para ele. Era preciso tempo para descobrir quem era ela em toda sua profundidade e a bênção que seria estar ao seu lado; não aconteceria da noite para o dia, nada de conclusões apressadas, pois os bens vindos de Deus possuem entre suas peculiaridades, a capacidade de se renovar a cada dia.

## *Uma serpente em meu jardim*

Eva tinha as características essenciais de toda mulher: delicadeza, espontaneidade. Quem sabe já

não tivesse mania de recolher flores e formar pequenos buquês coloridos?! Ela também devia ser criativa e provavelmente tinha mania de apreciar o perfume das flores, as cores dos pássaros, o verde intenso da vegetação, o ruído de pequenas fontes e os animais. Tudo é muito intenso e arrebatador. Até que um dia a Serpente apareceu e trouxe consigo uma mensagem que lhe chamou a atenção. A Serpente, vagarosa, prudente e profundamente analítica, percebeu sua fragilidade. Acredito que a rotina do casal já havia sido observada. Adão saíra para cuidar de outras partes do Jardim e Eva ficou só. Livrementemente, caminhou pelo ensolarado e refrescante Jardim, e foi exatamente dentro do mais lindo lugar da Criação, entre rosas, lírios e orquídeas de cores variadas, que ela escutou a voz da Serpente. Eva percebeu que havia mais alguém ali e que a voz não era assustadora; ao contrário, era doce e até parecia familiar.



Como é doce e encantadora a voz da Serpente. Naquele dia, especificamente, ela veio falar com Eva no Jardim... Aquele ser era realmente encantador, de fala tranquila e muito bem articulada. Conversou sobre coisas diferentes e agradáveis, falou de possibilidades e descobertas que Deus nunca havia contado a Eva. A Serpente sabia o que estava fazendo, é fácil entender que ela se preparou para esse momento porque se percebe que já conhecia a mulher e sabia que sem Adão por perto o jogo de sedução seria apenas questão de um diálogo bem articulado, no despertar dos desejos, trazendo ilusão de uma nova visão das coisas. E foi assim que ela, sozinha no Jardim, comeu do fruto que Deus havia proibido de comer.

Após ingerir o fruto e levar seu esposo a prová-lo, ambos, pela primeira vez, perceberam que estavam nus, mas a vergonha da nudez em seu estado real jamais pôde ser compensada com as roupas de folhagens que teceram para si, pois a nudez de toda

a humanidade seria descoberta e as folhas de figueira não seriam suficientes para cobrir a impureza causada pelo mal. As consequências, então, seriam bem mais profundas e marcantes.

## *Consequências e dores multiplicadas*

Sabe aquela tensão que sentíamos quando crianças ao cometermos algum erro e o irmão mais novo prometer relatar os detalhes à mamãe? Talvez por já conhecermos o temperamento da nossa mãe já conseguíamos imaginar sua reação. No caso de Eva, porém, creio que deva ter sido ainda mais tenso, pois até então ela não conhecia a fúria do Senhor. Aguardar o parecer Divino em relação aos últimos acontecimentos deve ter sido muito difícil, um momento de muita ansiedade, mas ela iria aprender

que Ele é um Deus de amor e cuidaria deles até o fim.

Hoje nos é possível assimilar que as descobertas e os mistérios da Serpente são vagas ilusões, um grande arremesso em direção ao abismo. Mas Eva viveu o primeiro ataque da Serpente e, pela primeira vez, teve de enfrentar as consequências de sua desobediência. Por mais frágil que fosse, a partir daquele ponto em sua história, ela teve de criar novas disposições psicológicas, físicas e espirituais para sobreviver a uma nova e complicada jornada. Assim como a mulher moderna, que suporta os labores e os desgastes dos preconceitos culturais e religiosos quanto à incompreensão dos aspectos que envolvem sua “fragilidade”.

Durante toda a História da humanidade, fora do Jardim do Éden, a mulher tem de sobreviver em ambientes hostis de uma sociedade com extrema dificuldade para tolerar as fraquezas, viver na

insegurança dos tempos e suportar a ignorância de corações duros.

O Senhor chegou ao Jardim já sabendo que o casal havia comido do fruto proibido, mas Ele é pai e criador e não tem dificuldades em reelaborar novos ambientes para a vida dos Seus filhos. Pela primeira vez, Ele provou à Serpente que sabe lidar com o pecado e que também possui os meios de reeducar a espiritualidade e a relação com Suas criaturas, mesmo que estejam longe do Jardim.

Deus direcionou as sentenças primeiro à serpente (animal) e depois ao Diabo, que a havia usado; segundo o parecer bíblico, esse animal não costumava rastejar pela terra, mas essa foi a condenação que ele recebeu de Deus para humilhá-lo (Sl 72.9). Deus amaldiçoou a serpente e o solo.

Toda a criação passaria a sofrer e, conseqüentemente, haveria danos sobre a natureza por alterar a biologia do homem. Ele se tornaria uma criatura mais propensa ao cansaço e ao fracasso,

suas vitórias seriam mais custosas e desgastantes, a terra não produziria o seu fruto com tanta facilidade, espinhos e ervas daninhas passariam a fazer parte das plantações, enfim, o mundo seria duramente afetado. O homem sofreria com seus trabalhos diários no campo.

O Senhor também repreendeu Eva, a primeira mãe, determinando sua condição de submissão ao homem a partir daquele momento. Submissão que precisa ser analisada com verdadeiro rigor de amor e sabedoria. Se existem dúvidas em relação à interpretação de como deve ser esse modelo de submissão, basta atentarmos ao modo de nos submetermos a Deus: trata-se de uma submissão natural e até mesmo prazerosa. Ser submisso a Deus não aniquila nossa liberdade e sequer elimina nossa arte ou criatividade; é possível honrá-Lo e reconhecer o Seu senhorio sem confundir o nosso lugar e sem nenhum tipo de desrespeito. Ser submisso a Deus é bom e agradável, doce e não

amargo, pois Ele orienta com amor e não é cruel nem violento; é Ele quem cuida dos detalhes da vida, não permitindo que nada nos falte, seja durante a noite ou durante o dia; Ele está presente e atento às horas difíceis e nos livra do mal, compreendendo bem as nossas fraquezas. Assim, a nossa submissão acontece naturalmente, quase que comparada a um tipo de resposta por Seu modo de cuidar de nós. Entretanto, caso o nosso ego venha inflar, devemos estar prontos para sermos corrigidos por Ele e, se formos sábios, não teremos dificuldades em compreender o nosso lugar ao Seu lado.

A submissão é possível quando são captados elementos do amor e do comportamento divino, e o amor é um dos atributos compartilhados por Deus. Se a mulher sábia conseguir compreender tais referências divinas e o homem adequar seu comportamento aos padrões do amor de Deus, a vida fica mais simples.

A mulher que fora seduzida pela Serpente também iria sofrer ao dar à luz, suas dores se multiplicariam e o parto seria partilhado em medidas de alegrias alternadas por dores quase que insuportáveis. Essa dor é uma dor bíblica, uma dor incurável que poderia ser chamada de “A dor incurável de Eva”. O fato é que o Senhor interligará essa dor ao processo da vida e a mulher que irá se tornar mãe está inteiramente ligada a esse princípio. A mulher é responsável por essa etapa tão importante e essencial à vida; assim, dar à luz implica dores intensas.

Desde então a dor de parto se tornou a dor da mulher, mas sua força também se concentrará no que a capacitara a não renunciar suas batalhas pela vida. E isso é uma bênção de Deus. Talvez o ato de compreender suas dores incuráveis e absorvê-las como parte essencial da sua natureza sem abandonar a rigidez desse processo já denuncie sua força, suas disposições psicológicas, emocionais e espirituais para vencer suas lutas praticamente

predeterminadas. Toda mulher sai do Jardim do Éden não completamente destruída, pois o seu mal incurável e os aspectos de sua submissão não a diminuem. Sabiamente, Deus lhe garante um lugar onde a versão da figura da verdadeira mulher permanece indestrutível.

Ana Cris Duarte, em um *site* chamado Amigas do Parto, diz:

A dor é diferente dos outros tipos de dor, primeiro porque é uma dor intermitente. Vem com uma contração começando fraquinha e aumentando até atingir o pico, quando começa a diminuir e desaparece completamente. No intervalo entre as contrações não há dor, pressão, incômodo. É como se nada tivesse acontecido há quatro minutos. Nesses intervalos dá tempo de relaxar, meditar, respirar profundamente e muitas vezes até dormir.

Ela diz ainda que a dor varia de mulher para mulher e gestação para gestação, de acordo com fatores associados ao bem-estar físico, emocional, psicológico e funcional.



Por mais dolorosa que seja a dor do parto, ela é uma dor que não deixa vestígios. Assim que a mãe toma o bebê no colo, faz-lhe as primeiras carícias, dá-lhe o primeiro beijo, ela se esquece da dor. Isso me faz pensar que esse milagre da psique feminina faz parte dos numerosos benefícios dados por Deus como bênção para a mulher, e muitas vezes, assim que termina uma gravidez, ela já começa a fazer novos planos para um novo momento. E assim a vida segue. É claro que hoje existem métodos diferenciados e muito eficientes na Medicina para se evitar a dor de parto, e o processo do nascimento tende a ser bem mais tranquilo e indolor, mas de qualquer maneira a dor de parto, por não deixar vestígios, não causa traumas. É claro que uma gestação pode vir acompanhada de uma série de problemas de saúde, mas pelas próprias limitações do corpo humano, limitações que o homem também possui.

Os traumas e as dores que poderiam ser curáveis e não são, na realidade, são causados pela indiferença, pelo abandono, pelo estupro, pelos abusos e pela violência. No entanto, a dor e os males no seu corpo liberados por consequência do pecado à mulher alguma deveriam oprimir ou fazer dela um ser desprezível e sem dignidade.

Eva saiu do Jardim, mas Deus não a deixou só e as cortinas de um novo cenário se abriram para uma nova mulher surgir e garantir seu lugar no palco da vida. Quanto a seu sofrimento, não foi Deus quem enclausurou seus sonhos e criou o véu para o rosto, não foi Ele quem deturpou seus caminhos ou lhe abandonou no deserto, lhe aprisionou, abusou de seu corpo de menina e lhe espancou. O Senhor lhe deu a chance de entrar no palco da vida com verdadeira elegância porque não deixou de abençoá-la com a força da mulher verdadeira, aquela capaz de se renovar, permanecendo suas características e seus dons.

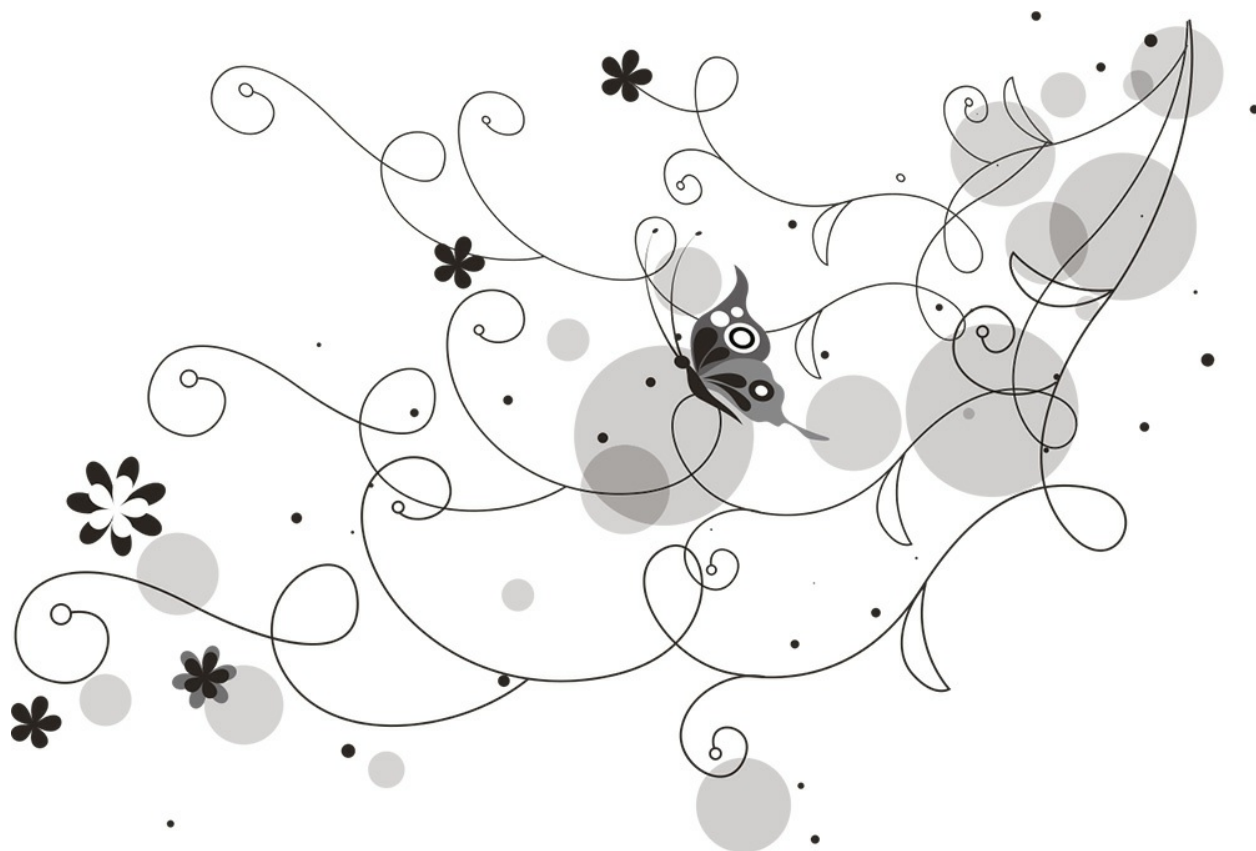
Sua esperança deve residir em entender que Deus continua contando com ela, apesar de seu pecado. Portanto, Ele lhe garante que da semente do seu ventre Jesus viria e seria a esperança contra a Serpente maligna. Isso é uma honra, pois Deus não lhe impediu de gerar.

A mulher gerou não só o Messias, mas todos os reis, profetas, músicos, poetas, pregadores, presidentes, príncipes, soldados e todos os que estiveram antes, juntos ou depois de Cristo, para lutar por um mundo melhor e mais justo, mostrando que a vida ainda possui seus encantos mesmo fora do Jardim, pois as rosas continuam belas, embora com espinhos, os pássaros, embora frágeis, ainda entoam sua música, e a mulher continua abençoada por Deus.

De uma coisa é possível ter certeza: Eva, a primeira mãe da Bíblia, saiu do Jardim do Éden e jamais voltou para lá, mas Deus lhe deu condições de se adaptar e lhe deu a chance de criar o seu

jardim particular e recriar com amor e dedicação o ambiente perfeito para a vida; essa é a bênção de toda mulher. Ela foi enganada pela Serpente, mas não entrou em crise de identidade nem confundiu o seu papel, portanto, jamais foi rejeitada, e a sua presença sempre foi essencial no decorrer da História. A mulher continuou sua luta criando o seu próprio jardim, como Sara criou o seu ao lado de Abraão, como Rebeca criou o seu ao lado de Isaque, e Raquel, o seu ao lado de Jacó.

A mulher, apesar das dores, faz da vida este espaço agradável para se viver. Hoje, além do lar, ainda mantém trabalho secular, desdobrando-se na adequação de um novo tempo, contribuindo para o bem-estar da família e também para a formação de uma sociedade melhor, mas nunca deixando de ser a menina, a mulher, a mãe, nunca deixando de ser Eva, o presente dado por Deus a Adão para que ele nunca mais se sentisse só neste imenso e belo (mas complicado) jardim da vida.



# *Ana*

## *Uma mulher humilhada*

### *por ser estéril*

*“E sucedeu que, no dia em que Elcana sacrificava, dava ele porções do sacrifício a Penina, sua mulher, e a todos os seus filhos, e a todas as suas filhas. 5Porém a Ana dava uma parte excelente, porquanto ele amava Ana; porém o Senhor lhe tinha cerrado a madre.”*  
(1Sm 1:4-6)

Elcana, pai de Samuel, fazia parte da tribo dos levitas, diretamente ligado à família dos coatitas, uma classe específica de homens consagrados para cuidar dos instrumentos do santuário dos hebreus (Nm 3:27-31). Pelas demonstrações do texto, ele era

um homem de expressão tranquila e modesta, morador de Ramá, uma cidade construída nas alturas, fazendo jus ao significado do seu nome, que é “altura”, uma característica comum nas edificações do antigo Israel.

A natureza, em seus primórdios, uma vegetação sem as tonalidades ameaçadoras da modernidade, mesclada ao tom azulado e puro do céu. Esse lugar entre as montanhas de Efraim proporcionava a ideia de um ambiente com combinações perfeitas para uma família ser criada: animais no campo sendo guiados por seus pastores, homens nas estradas contando casos e falando provérbios, crianças imitando o canto dos pássaros nativos e mulheres compartilhando, nos encontros diários, suas alegrias e decepções. Uma comunidade de vidas comuns e sem espetáculos históricos, seres humanos normais, alguns mais amáveis e outros de pouca ou nenhuma expressão sentimental; uns poéticos e amantes das

flores e de histórias, outros rústicos, brutos e decepcionados com a vida.

Os moradores de Ramá também possuíam o espírito de uma humanidade imperfeita e com poderes limitados e, entre eles, sem que percebessem, antes de um tempo determinado por Deus, o Senhor estaria construindo na família de Elcana uma história com as características dos símbolos dos contos medievais, aqueles que contavam histórias de mulheres más perseguindo mocinhas boas em florestas densas e escuras, mas que no final eram amparadas por príncipes encantados que as livravam de toda a maldade em meio à escuridão da floresta. Eram assim as histórias que ouvíamos quando éramos crianças, mas em Ramá, cidade do nosso levita, adentraremos na intimidade de uma narrativa baseada em fatos reais, e qualquer coincidência com algum evento de sua vida não pode ser identificada como mero acaso, pois pode ser que, assim como Ana, você seja uma



mulher escolhida por Deus para marcar um tempo e a vida de outras tantas mulheres nesta e em outras gerações.

Dentro da casa desse levita, o Senhor tratou de questões da alma, nivelou histórias de vida, estabeleceu a igualdade, realizou sonhos, mas também reduziu ao pó a mulher arrogante e zombeteira.

O modelo da família de Elcana era o da poligamia, quando o homem se casava com duas ou mais mulheres (a poligamia ainda é aceita em algumas comunidades atuais). No caso de Elcana, isso aconteceu porque uma de suas mulheres, Ana, era estéril. A outra mulher do levita se chamava Penina.

Segundo o texto bíblico, Penina já havia lhe concedido filhos. Esse lar tem muitos elementos dos padrões da época. A casa era ideal para uma família se desenvolver com uma relativa harmonia, lembrando que o padrão bíblico sempre foi que o homem fosse marido de uma só mulher. Ao

contrário disso, porém, a casa de Elcana era um lar dividido, pois Penina teve imensas dificuldades para administrar com maestria as benesses de um ventre fértil, o que seria possível com movimentos de simplicidade aplicados com sabedoria. Talvez Penina pudesse ter compensado sentimentos, especialmente no coração de Ana, a esposa estéril, mas ela era exatamente um modelo de alma feminina sem o charme e a elegância das mulheres sábias da Bíblia. A propósito, não é só a Bíblia a detentora de lindas histórias de mulheres sábias. Elas sempre existiram como uma providência divina e foram capazes de harmonizar conflitos, acalmar o coração de homens enfurecidos e criar planos para salvar seus filhos e lares em tempos de ameaça.

## *Um lar dividido*

Penina não é a referência de mulher elegante e sábia em suas escolhas, e não se trata da elegância

em seus traços físicos, mas na elegância de viver bem e ser capaz de transmitir a alegria do viver para tantos outros ao seu redor. Clarissa Pinkola Estés descreve, em seu livro, *A ciranda das mulheres sábias*, um sublime momento vivido por ela em sua infância com sua avó Viktoriá. Ela conta que sua avó tinha um gatinho preto e um cachorrinho chamado Cérebro e:

Quando dava um salto com grande energia, o gatinho também começava de repente a correr pelo aposento. Da mesma forma quando o gatinho saltava do alto do velho rádio de celuloide para o encosto da velha poltrona da vovó, com seus paninhos de crochê, e não parava de saltar de um lado para o outro, o cachorro percebia e começava a pular todo sorridente. (ESTÉS, 2007, pp. 13, 14)

Quando isso acontecia, era inevitável que sua avó dissesse: “Vamos nos unir a eles!”. Ela agarrava a infante Clarissa pelas mãos e saíam pulando e dançando no mesmo ritmo da dança do gato e do cachorro. Já em andamento ela dizia: “Quando uma

pessoa vive de verdade todos os outros também vivem”.

Isso se compara a uma forma de celebrar a vida na exploração dos seus dons e compartilhá-los com tantos outros, mas os defeitos de Penina eram os de uma mulher escarnecedora, crítica e zombeteira, e ela não se agradava da presença de Ana na mesma casa. Dá até para imaginar as expressões de seu olhar demonstrando desdém direcionado a Ana, e não seria demais imaginar sua reação a cada gravidez confirmada, mais uma ação de deboche em seu semblante. Gestos irônicos eram elaborados e ela tornava a vida de Ana insuportável.

Se Elcana era um homem bom, temente a Deus, e lidava com questões do sagrado, havia áreas da sua vida que ele não conseguia administrar com êxito, ou seja, ele não dominava o temperamento de Penina e é impossível não tirar conclusões de que realmente não soubesse dos problemas que envolviam suas duas mulheres dentro de sua casa.

O texto bíblico nos diz que uma vez ao ano Elcana e sua família se dirigiam a Siló, o centro religioso de Israel, para adorar e oferecer seus sacrifícios no altar do Senhor. Eli, que nesse tempo atuava na liderança espiritual da nação junto aos seus dois filhos Ófini e Fineias, e pelo teor das indicações bíblicas a família do sacerdote não gozava de boa reputação diante de Deus e da sociedade.

Houve uma preocupação do autor bíblico em esclarecer que as dificuldades da família do levita chegavam ao ápice durante essas idas a Siló, quando Penina concentrava seus esforços para hostilizar Ana durante a viagem. Tudo indica que Ana fosse a primeira esposa de Elcana, pois aparentemente ele direcionava a ela maior atenção e afeto, mas todas essas expressões de carinho não eram de forma alguma suficientes para lhe devolver a paz de espírito roubada por Penina. Pequenas afrontas no dia a dia, nas emoções fragilizadas de uma mulher, podem causar danos irreparáveis ao coração, pois

mulheres gostam de flores, combinam estilos, reconhecem as fragrâncias dos bons perfumes, sabem da utilidade da seda e não desprezam a arte e a beleza da renda de cores fortes ou suaves. Elas desvendam o quebra-cabeça das mil cores, identificam tonalidades e descobrem sabores. Se querem viver com estilo e sabedoria, vivem!

E conseguem fazer muitos outros também viverem mesmo em circunstâncias desfavoráveis. É claro que, convenhamos, elas não vivem só de flores, cores e perfumes. Há aquelas que vão às guerras como Débora, a juíza, superam os homens na batalha e hoje administram empresas, fazem parte da polícia, pilotam aviões e outras tantas tarefas, mas nunca perdendo a natureza da alma feminina.

Mas há aqui o drama da mulher que é humilhada por outra mulher. Na realidade, toda mulher é conhecedora dos detalhes que podem destruir a autoestima da outra. Questões estéticas, visuais ou uma simples crítica por usar um perfume de cheiro

exagerado podem ser um estopim para aflorar as emoções. Por isso, elas quase sempre buscam novidades nas roupas, nos sapatos e nas bolsas. E sabe o que mais? Elas também detestam comparações! O drama de Ana, no entanto, vai muito além de uma questão estética ou de uma simples crítica por usar um vestido rosa-choque inadequado para um passeio no domingo à tarde. O problema é que Penina toca na maior dificuldade de Ana, que era a impossibilidade de ter filhos, o que para os novos padrões das famílias modernas seria perfeitamente aceitável, mas para aqueles dias era uma questão de bênção ou maldição.

O texto nos traz então uma preciosa informação de que havia sido o Senhor que tocou o ventre de Ana, causando-lhe esterilidade; logo, a sua infertilidade era uma ação estratégica de Deus. É interessante notar que Ele promove um milagre com uma espécie de efeito contrário ou oposto às versões de milagres que costumamos ver na Bíblia. Sendo assim, é

preciso reparar que esses toques divinos na vida de uma mulher, como ocorreu com Ana, estão carregados de intenções que ultrapassam as ideias de tempo e espaço. No entanto, é preciso não criar fantasias exageradas com algum tipo de ficção espiritual, pois há quem conviva com suas dores, suas limitações físicas, emocionais ou psicológicas por toda a vida sem experimentar um milagre, como no caso de Ana, e mesmo assim é capaz de transmitir exemplos de vida notáveis. Logo, é preciso ser sensível às possibilidades da existência de elementos contextualizados aos desdobramentos proféticos estabelecidos por Deus, atrelando a isso o poder das manifestações de Deus que primam pelo desenvolvimento espiritual dos Seus filhos.

O que ocorreu com Ana é que a sua história desencadeou uma série de processos espirituais e emocionais. Se começarmos a analisar Penina, perceberemos uma alma feminina vacilante, que nos permite visualizar que seu caráter é cravado de



ressentimentos e temores, pois sabe que não é a mais amada ou até mesmo a mais desejada. Elcana deixa explícita sua preferência amorosa nas medidas de suas atitudes diárias de carinho por Ana. O autor destacou a hora das refeições, quando o marido dedicado servia a Penina e seus filhos uma parte, mas servia à outra esposa alimentos mais substanciais.

Um fato é claro: é praticamente impossível, no convívio direto entre homem e mulher, o homem conseguir fingir amor; em algum momento, ele vacila exatamente por sua frieza e, no final, suas verdadeiras intenções e preferências acabam aparecendo. A realidade é que as mulheres percebem isso, e em alguns casos costumam administrar situações complicadas por receio de danos ainda maiores.

Naturalmente Penina sabia que, segundo as pesquisas internas do lar, seu ibope andava em baixa no coração do levita e ela realmente não conseguia

despertar a atenção do marido desatento; a posição de Penina na construção dessa história é realmente triste e até constrangedora. É óbvio que não podemos deixar de pensar nos fatores culturais daquele tempo, mas como ficam os sentimentos dessa mulher, sendo desprezada pelo pai de seus filhos? Todo o envolvimento de Elcana com ela tinha a única intenção de gerar filhos ou até mesmo para satisfação sexual e ela sabia que entrou nesse cenário porque a primeira esposa não podia engravidar.

Não queremos, de maneira alguma, criar uma linha de defesa com tentativa de neutralizar os defeitos e a maldade impregnada no caráter de Penina, pois, se foi o Senhor quem tocou o ventre de Ana, é natural pensar que existem questões que estariam colaborando para a sua temporária provação. No entanto, se deixarmos de tecer um olhar sobre Penina como a opositora de Ana e enxergá-la apenas como mulher, o que veremos?

Existem no mundo mulheres que em seu dia a dia lidam com o desprezo de seus companheiros, a falta de atenção e ausência de pequenos cuidados – detalhes mínimos, como um elogio espontâneo ou ensaiado, somam de modo positivo nas emoções da mulher. Na verdade, até o homem se sente bem com um elogio adequado ao momento certo. Em minha caminhada, às vezes, em aconselhamentos, me deparo com lamúrias de alguns jovens senhores casados, sofrendo com a dor da indiferença de uma esposa.

Penina é sempre vista e rotulada como a invejosa, o modelo de bruxa má, a velha da floresta com uma verruga saliente no nariz, mal-amada, a sem-promessa, como dizem os pregadores, ela jamais é vista como a outra mulher que foi escolhida só para gerar filhos, e assim sua história deveria se encerrar na terra dos vivos: *the end*; é o fim! Ou pelo menos deveria ser, mas fico desconfiado, como bom mineiro que sou, que ela era tão humana quanto

qualquer outra mulher que também tem dificuldades de entender as pressões de um tempo e de uma cultura. E o levita? Ora! Não falem mal do levita, ele é o homem bom, o pai exemplar, o marido zeloso, cheio de amor pra dar. Não, ele não tem defeitos, seu problema é ter se casado com Penina, ela sim é má. Mas ele é a referência do caráter perfeito do homem que não erra nunca. Ainda não ouvi alguém falar mal dele. Mas convenhamos, pessoal: a casa dele estava dividida, Penina de fato aborrecia Ana, e Ana também não estava feliz. “Será que eu não sou melhor para você do que dez filhos?”, dizia ele a Ana. É claro que não! Nem ele conseguia perceber a verdadeira profundidade dos sentimentos da mulher que mais amava, mas mesmo assim ele é homem e, segundo os padrões sociais, não tem defeitos. O problema é só com elas, ou melhor, o problema é só Penina.

# *Uma mulher que se renova*

Como uma flor que brota após a seca, me lembrei de Noemi, que, mesmo perdendo seus filhos e esposo para as tragédias da vida, ressurgiu das dificuldades, provou estar viva e mudou a sua história e a de Rute, sua nora, também viúva. Pensei na viúva endividada, que recebeu um milagre por intermédio do profeta Elizeu, e tantas outras mulheres que reconstruíram suas histórias das cinzas.

A vida da mulher não precisava e não precisa ser assim tolhida e retalhada para abrir caminho para outra coisa de valor duvidoso. Há outros modos de viver sua vida e deixar outras vidas em paz; de se harmonizar e chegar ao pleno florescimento por toda parte. (ESTÉS, 2007, p. 33)

Realmente é lamentável Penina se achar tão desprovida de recursos emocionais e espirituais, os

quais se perdem na multiplicidade dos valores divinos agregáveis aos corações puros e simples, capazes de criar caminhos mesmo na escuridão dos tempos. A insensibilidade dela foi tão intensa, que nunca foi capaz de perceber que, assim como ela, Ana também era mulher e tinha todos os atributos necessários para se desvencilhar dos males e das maldades humanas porque conseguiu interpretar os sinais da vida em questões que se sustentam muito além das aparências. Ana com certeza tem seu lugar na roda das mulheres entendidas em assuntos da vida, que garantiram sua existência nos ambientes mais complicados e desprovidos de fertilidade que a vida pode proporcionar.

O texto não revela o sussurrar profético lhe dando as garantias de que, se ela fosse ao templo e fizesse a Deus uma oração, o pequeno Samuel nasceria, mas nos parece que o que ela percebia era esse jeito de Deus lidar com a vida; ela percebeu que sempre existiram espaços vazios a fim de ser preenchidos

por vidas ainda mais valorosas e criativas; ela percebeu que as histórias não se encerram com os dramas criados por Penina ou com a corrupção dos filhos de Eli, mas cruzou a estrada da inteligência feminina de acordo com as próprias predisposições.

O ventre era infértil, seco e árido, mas, se o Senhor o tocasse outra vez, ele reagiria, pulsaria, se mexeria, se deslocaria para acomodar a vida e a vida plena, ao estilo de Deus, que a torna possível e com movimentos de uma intensa prosa poética mesmo com todos os defeitos da vida humana.

Há milagres que não produzem ruídos sonoros nem são percebidos com os olhos tão facilmente; são articulados silenciosamente e projetam na cura profunda, atuando na psique de uma mulher tão maltratada como Ana. Quando conseguimos enxergá-los, percebemos que, assim como ela, muitas outras mulheres se tornaram alvo de milagres silenciosos e invisíveis, que primeiro se iniciam na alma e no espírito e se consolidaram em um corpo

fértil, antes possuidor de um ventre estéril ou de outro mal existente na vida da mulher.

A maior tragédia da vida de Penina talvez seja o mal de tantos incapazes de perceber que um problema pode ser apenas um impulso para questões jamais discutidas antes, e que precisam ser assimiladas de modo mais sublime e com mais senso de sabedoria. Ana foi tocada em seu ventre por um período para não ter filhos, e, de fato, sua esterilidade fez desbotar o colorido falso das cores já encardidas da alma de Penina. Interessante quando percebemos quem era Penina, que se mostrou realmente nessa situação, mas também percebemos que Elcana não era um marido tão completo assim. Elcana e Penina não foram capazes de compreender que todas as histórias de vida têm motivações específicas; tentaram cortá-la dessa realidade, tirá-lhe a alegria de viver, mas enfim, silenciosamente, Ana concedeu na própria tribulação a possibilidade de ser observada, salientando que existem histórias



de mulheres neste mundo talvez em realidades familiares e sociais diferenciadas, mas que suportam o mesmo gosto amargo das humilhações.

Desde os dias de Ana o mundo não mudou tanto assim, todos os avanços que os homens fizeram não foram capazes de mudar os corações humanos; existem pessoas com mentalidade pequena, e incapazes de amar verdadeiramente. As dificuldades e os conflitos nos relacionamentos em forma de humilhações acontecem a todo tempo. Mulheres na Bíblia sofreram como Leia, por sua aparência; Sara, porque também era estéril; a segunda esposa de Moisés, devido à sua origem. Quanto à esterilidade de Sara, Deus concedeu-lhe um filho por nome Isaque, mas não mudou a cor da pele dela, no entanto, puniu as partes preconceituosas. Leia, que sofreu por não ser a mais amada por Jacó, lhe deu muitos filhos, mas continuou vivendo em segundo plano no coração do marido. O maior milagre na

vida de uma mulher precisa nascer dela, mas ser ou não curada de seus males é indiferente.

Minha esposa e eu tivemos a oportunidade de conhecer uma pessoa há alguns anos que se casou com um grande amigo nosso. Ela era uma mulher mais velha e, por isso, foi duramente maltratada, em especial pelos familiares de seu marido, pois diziam que jamais lhe concederia um filho com aquela idade. No entanto, Deus lhe concedeu um grande milagre e ela concebeu uma linda criança, mesmo quando ninguém acreditava.

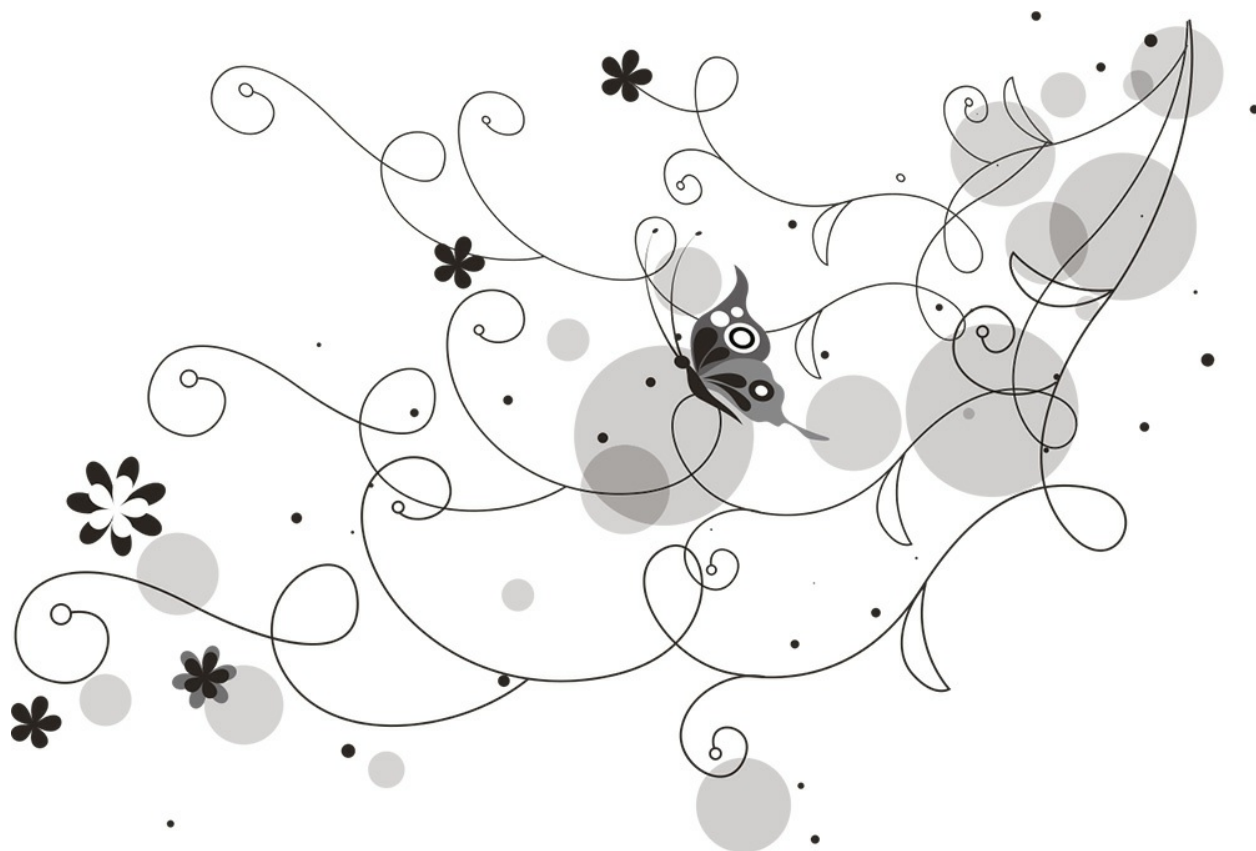
É preciso pensar que grandes heróis tiraram força da fraqueza; as mulheres, com todos os seus atributos e qualidades, possuem dons que vão além da gravidez ou da cura de alguma limitação física. É possível vencer mesmo sem conquistar uma gravidez como a de Ana, mas é preciso começar na própria mente e no coração. Quando conseguir compreender a si mesma e perceber que seus valores estão acima das opiniões comuns, e que tem uma

identidade constituída por Deus, conseguirá enxergar os propósitos d'Ele para a sua vida.

Há inúmeras mulheres em todo o mundo sofrendo diversos tipos de humilhação. O Samuel de Ana veio porque Deus ouviu sua oração, mas nem todas as questões que envolvem dilemas semelhantes aos de Ana são solucionados com os mesmos traços. Mesmo que a cura não aconteça e o Samuel nem venha nascer um dia, uma mulher pode viver plenamente, pois a vida não pode se resumir à aparência ou aos novos padrões que às vezes são tão difíceis de serem acompanhados ou custeados. Ana recebeu do Senhor muitos filhos; em outras formas de milagre, a mulher fragilizada preserva a essência de sua criatividade e espiritualidade mesmo que tenha que suportar suas dores, suas amarguras, suas enfermidades e tantas outras privações.

Existem milagres silenciosos que cercam a vida na tentativa de serem absorvidos com singeleza de espírito e emitem sinais de outras possibilidades que

vão muito além dos aspectos físicos e externos da vida. De algum modo, sentimos que, mesmo se Deus não tivesse honrado Ana com muitos filhos, ela sempre seria capaz de provar sua superioridade em relação à Penina, pois a sua maior beleza era o seu caráter e a sua fé, e isso, para Deus, já seria o suficiente para fazer dela uma mulher muito mais honrada.



# *A viúva de Sarepta*

## *Uma mãe cumprindo com amor uma orientação de Deus*

*“E Elias lhe disse: ‘Não temas; vai e faz conforme a tua palavra; porém faz disso primeiro para mim um bolo pequeno e traze-mo para fora; depois, farás para ti e para teu filho. Porque assim diz o Senhor, Deus de Israel: A farinha da panela não se acabará, e o azeite da botija não faltará, até ao dia em que o Senhor dê chuva sobre a terra’.” (1Rs 17:13,14)*

## *Contexto histórico*

Um profeta caminhava a passos precisos em direção a uma região da Fenícia, chamada Sarepta; ele era um homem sofrido, experimentado nas dificuldades, mas extremante zeloso com suas tradições religiosas. Além de tudo, os últimos acontecimentos envolvendo suas missões vinham lhe causando profundos desgastes emocionais e a sua fé estava sendo duramente provada. Apesar de sua simplicidade, ele era um homem de personalidade vigorosa, possuidor de um discurso rígido e irredutível, portanto era o tipo de pessoa amada por muitos e odiada por milhares. Ele se vestia de pelos de animais, usava um cinto de couro e o nome dele era Elias.

Elias era contemporâneo de Jezabel e Acabe, rei de Israel. Por causa das injustiças desse casal polêmico e da má administração do trono, o profeta Elias se levantou exatamente para se opor à desastrosa liderança. Deus fez recair sobre a terra três anos de seca, quando o profeta ministrou que

durante esse período não cairia chuva sobre a terra. As coisas realmente se complicaram e o rei foi à procura de Elias, mas Deus providenciou alguns lugares para proteger o profeta de seus perseguidores.

O profeta estava indo a Sarepta, seguindo as últimas coordenadas de Deus, que o orientou a se direcionar à casa de uma viúva pobre e com um filho, e a esta Deus já havia orientado que sustentasse o profeta. O cenário era doloroso: a terra estava seca, estradas se alargavam e levavam a caminhos de campos devastados, onde os animais caminhavam cambaleantes em direção ao nada; árvores centenárias, que outrora aninhavam filhotes de pássaros nativos e serviam de sombra para os viajantes, estavam com suas raízes transpassadas no esgotamento dos lençóis freáticos; o agricultor, homem de fisionomia dura, de pele queimada pelos raios de sol e de mãos calejadas, observava diariamente, erguendo os olhos ao horizonte, o



deslocamento de nuvens afugentadas pela força da expressão profética; a pedra do moinho perdeu o compasso de suas jornadas diárias na trituração das sementes do campo; ao entardecer, homens, mulheres e crianças recolhiam os destroços e os sobreviventes de mais um dia de batalha que terminara em derrota para todos.

Os textos bíblicos não se atêm aos detalhes. Não se sabe a hora em que o profeta chega à casa da viúva, mas sabemos que ele estava fora das fronteiras de Israel. Para muitos seria algo até difícil de acreditar, mas o país ao qual Deus lhe enviara para ser sustentado pela viúva é a terra natal da maldosa Jezabel. Quem, em sã consciência, poderia imaginar que ele estaria escondido exatamente na terra de sua maior inimiga?

## *A dura vida da viúva*

O detalhe que o autor do texto mostra está relacionado ao momento em que o profeta se encontra com a viúva. Ela saiu de casa para recolher lenha e aparentemente não seria um feixe muito volumoso, pois eram apenas três pedaços de pau, ou três cavacos, conforme dizem algumas versões bíblicas. O certo é que, pela quantidade de lenha, já se entendia que ela não tinha muito que cozinhar em casa.

Um dos objetivos desse texto é exaltar o amor e a providência divina, mas as circunstâncias ganham profundidade quando esta mãe da Bíblia ganha espaço para colocar em evidência o que ela tinha de melhor.

Certos talentos têm valores tão indispensáveis para tempos difíceis, e para se adquirir tais talentos é preciso esforço, determinação, maturidade e discernimento das variações da vida e da falta de linearidade dos tempos como objetos que sempre se ajustam ao viver.

A viúva de Sarepta é uma mulher de muitos talentos, mas, para muitas mentes de horizontes curtos, não é possível se falar em talentos fora das fronteiras de Israel. Será que é muito trivial perguntarmos quais qualidades emocionais uma mulher precisa ter para se tornar uma candidata a receber um profeta em sua casa mesmo não sendo uma israelita?

Se havia fome na terra, ela não era a única viúva a passar por problemas e dificuldades; não existia somente uma viúva pobre com um filho para cuidar no mundo, temos certeza de que ela era apenas uma entre centenas sofrendo com a seca. É preciso analisar. Primeiro, Deus precisava de um lugar para esconder o profeta, e levá-lo para se esconder exatamente em Fenícia foi uma atitude de um verdadeiro mestre da guerra. Segundo, não seria em uma caverna, não seria mais às margens de um ribeiro, onde ele ficou por um período sendo cuidado pelos corvos, nem dentro de uma mata

fechada. Fugir, mesmo que seja por uma boa causa, ainda que auxiliado por Deus, sempre trás algum tipo de tensão e angústia. O profeta podia ser rude ou dócil, mas se entristecia com a perseguição em excesso e isso o desgastava. Ter uma companhia é sempre bom, afinal de contas gente precisa de gente e, antes de Elias ser profeta, Elias era gente. Isso não tem nada a ver com espiritualidade, é apenas humanidade. Terceiro, precisava ser um segredo, assunto confidencial, pois o moço tinha problema com o governo, ou seja, para o Estado ele era um inimigo público; logo, não podia aparecer na casa de qualquer viúva.

A mãe da Bíblia escolhida para dar proteção a um homem de Deus em um tempo de dificuldades como aquele também precisava ser nobre e profundamente preparada para ser guardiã de um segredo notável, portanto, seria muito adequado ajustar o foco da visão na tentativa de observá-la mais de perto. Talvez assim possamos extrair outras

possibilidades em seu exemplo de vida que servirão como referências bem mais amplas do que estamos acostumados a notar nela, ou seja, sua hospitalidade. E ela não é apenas hospitaleira.

É sempre muito conveniente encerrarmos determinados assuntos bíblicos ou outras histórias da vida sem análises mais coerentes e mais justas, mas corremos o risco de cair no ambiente da superficialidade com questões que não são tão enigmáticas nem de difícil interpretação. Agora, se não conseguimos interpretar com justiça as coisas fáceis, o que faremos quando Deus nos propor coisas mais profundas?

Se essa mulher passou a crer no Deus de Elias, é preciso pensar em seus valores, suas motivações pessoais, e vislumbrar os possíveis sentimentos que modelaram sua postura diante da vida, pois ela não era a única viúva, como já dissemos anteriormente, a pobreza não a fazia especial. Obviamente, é preciso pensar em sua necessidade, mas o milagre precisava

ser precedido também por seus hábitos diários, e as bênçãos que fazem parte da natureza feminina: essa era uma mãe.

Ela vivia só com seu filho e, naquele momento, recolhia do chão seco e empoeirado de Sarepta três cavacos de lenha para alimentar o fogo que prepararia a pouca comida que lhe restava em casa. Essa mãe extraordinária, porém, não hesitou quando o profeta lhe pediu que primeiro lhe fizesse um bolo pequeno e só depois preparasse a refeição para ela e o filho.

O claro sinal da bênção sobre a vida de uma mulher precedendo sua espiritualidade tem a ver com o argumento criado por Athalya Brenner em sua obra *Mulher israelita*, quando ela diz que a mulher é autônoma, mas pertence ao homem; os dois sempre irão lutar para estar reunidos, mas, pelos processos da criação da mulher, ela pode agir de modo mais decisivo e devotar menos tempo e energia à hesitação e à autoconsumação em lutas

internas, “portanto, é da mulher que a Serpente se aproxima com o conhecimento da sua natureza quanto à tomada de decisões”.

Mas nem tudo pode ser visto como maldição, mesmo porque Deus pode transformar a maldição em bênção!

É possível então rastrear de que maneira a mulher da Bíblia, mesmo sendo em uma sociedade patriarcal, contribuiu com Deus e o homem. Mulheres como Joquebede, que elaborou um plano para salvar seu filho, Moisés; Jezebel, que salvou o pequeno Joás, um descendente da família de Davi, dos maldosos soldados de Atalia simplesmente por instinto materno; entre outros exemplos. Temos também várias mulheres que contribuíram com seus bens no ministério do próprio Jesus.

A viúva não teve dúvidas a respeito do homem de estranhas vestes. Ele era um israelita, mas havia nele uma verdade invisível que transitava para além de sua percepção da realidade conhecida; ela estava

inserida em uma causa com repercussões inimagináveis. Eram posicionamentos simples com atitudes possíveis a qualquer mulher, mas que no fundo exigiam certas disposições internas de aceitação e crença, atitudes que viabilizavam interações divinas como um resultado da liberdade ao acessar o que encontrara no coração da viúva, mesmo que ela ainda não tivesse um real conhecimento do Deus de Elias. E Deus, sem causar danos em sua liberdade, promoveu uma extraordinária manifestação dentro de uma revelação tão genuína, que o profeta não lhe parecia mais um estranho, mas alguém de quem, de alguma maneira, ela já havia recebido informações antecipadas, de modo que compreendeu muito facilmente que precisava cuidar daquele homem. A voz de Deus desfruta dos meios incomuns, estabelece diálogos em diferentes formas e, muitas vezes, foge do que estamos acostumados a conhecer. O modo como Deus falou com ela sobre o profeta continua sendo



um mistério bíblico, mas apenas sabemos que Ele falou e ela recebeu o profeta em casa.

Sendo assim, não é difícil analisar a possibilidade de se pensar na voz divina que se manifesta na alma de uma mulher viúva, dando a ela a tranquilidade para abrir as portas de sua casa a alguém que ela nunca viu. É possível que, na realidade, a viúva vivesse de uma espiritualidade em progresso apenas demonstrando sua curiosidade por mistérios que ela nunca havia discernido, mas reconhecia sua existência. E quem sabe não tenham sido essas aberturas em suas emoções que contribuíram com a escolha de Deus em entregar um profeta aos seus cuidados. O mesmo aconteceu com uma mulher de Jericó, chamada Raabe, que deu proteção aos espias israelitas apenas por ouvir falar das vitórias que o povo israelita havia alcançado em nome do Senhor.

Se a mulher é conhecida por ser seduzida por palavras doces e afáveis, isso para Deus de modo nenhum é uma desvantagem. A mulher tem

facilidade em se relacionar com Deus e dar ouvidos ao que Ele também lhe diz; se ela perdeu uma batalha no Jardim por ouvir a Serpente cruel, com certeza foi vitoriosa em outras oportunidades, pois não perdeu esse atributo encontrado em sua natureza. Ela também consegue dar atenção à voz de Deus e viver com Ele.

Todos os milagres ocorridos na casa da viúva a partir dali aconteceram por sua disposição em não achar difícil compreender a voz que ecoou em seu interior. Sua vida e a vida de seu filho foram poupadas da seca e das dificuldades daqueles dias, e ela cuidou do profeta.

## *Uma boa qualidade para a mulher de hoje*

Mesmo com todas as transformações do mundo atual, com toda sua complexidade, existem atributos

que não devem ficar pedidos no tempo; a receita para que as coisas continuem dando certo para a preservação dos dons e das qualidades femininas ainda continua sendo a mesma. Todo o avanço do mundo moderno não torna inadequado a existência dos valores femininos indispensáveis para o bem-estar da vida, de modo geral.

Sua visão sobre a vida, o trabalho, a família e o próprio Deus, traz equilíbrio e harmoniza a existência. Sabemos que não só existe o problema da seca em determinados lugares, conforme ocorreu no antigo Israel nos dias de Elias, mas o mundo está envolvido em tragédias maiores, ainda mais tenebrosas e assustadoras. Contudo, é possível perceber milagres acontecendo como resultado da bondade de muitos corações de mães que se desdobram no dia a dia para dar ouvidos aos seus instintos naturais que não foram deixados no Jardim, mas continuam fazendo parte da história da mulher. Os toques femininos para o andamento da vida são

indispensáveis, por isso determinados milagres multiplicadores só acontecem, geralmente, depois que a mulher dá o seu parecer e confirma sua participação direta nos interesses divinos. Assim, os mensageiros de Deus são protegidos e guardados da violência até que possam voltar para casa. O profeta é portador de uma mensagem; na verdade, todos nós somos portadores de uma mensagem e, talvez, sempre estivemos guardando o segredo de um milagre. Como profetas andantes, sempre dependeremos dos cuidados de uma mulher, seja ela avó, mãe, tia, professora, esposa, empresária ou executiva, mas essenciais à vida.

Consideramos que hoje nos soaria muito estranha uma orientação divina semelhante ao que essa viúva recebeu para cuidar do homem de Deus, mas nunca é tarde para compreender que possíveis dificuldades surgem todos os dias e em toda parte. É preciso mais do que uma viúva pobre para custear tantas vidas ao redor do mundo, mas o seu exemplo pode ser visto

como uma linda referência de que é possível compreender as intenções de Deus, sem que seja necessário que Ele crie o mover profético semelhante. E é interessante pensar que uma mãe possui potencial para compreender esse processo. Isso é instinto de proteção. Indiferente a qualquer situação, ela protege e, às vezes, ignora até a possibilidade de estar correndo determinados riscos; ela protege os filhos, netos, sobrinhos e quem quer que precise do seu amparo e cuidado. Muitas vezes ela se decepçiona, mas questioná-la é vão, pois faz parte de sua natureza.

As suas muitas decepções não se comparam com histórias de vida que ela consegue mudar, simplesmente porque Deus lhe deu a responsabilidade de transformar destinos.



# *Duas mães disputam um filho*

*“Mas a mulher cujo filho era o vivo falou ao rei (porque o seu coração se lhe enterneceu por seu filho) e disse: Ah! Senhor meu, dai-lhe o menino vivo e por modo nenhum o mateis. Porém a outra dizia: Nem teu nem meu seja; dividi-o antes.” (1Rs 3:26)*

## *Contexto histórico*

Vamos fazer uma viagem no tempo à antiga cidade, tão amada por Davi, Jerusalém. Nos dias de Salomão, bem pela manhã, quando as atividades do rei e do povo mal haviam começado, mas já era possível ouvir o som emitido pelos pardais que logo cedo voavam em busca de pequenos grãos, a fim de alimentar pequenos filhotes, o ar leve e uma brisa

inspiradora envolviam e cristalizavam as possibilidades de mais um dia sem ameaças de guerra ou revoluções internas. Imagine o rei Salomão acordando bem cedo nesse dia, com uma agenda cheia, conforme a programação já antecipada pelos seus secretários no dia anterior... Esse era mais um daqueles dias em que ele precisava estar bem, pois seria intenso, complexo e inesquecível. Imaginemos um dia claro, muito iluminado, com os primeiros raios de sol fazendo gotejar dos lírios do campo o doce sereno da noite, também aquecendo e penetrando as imensas janelas do moderno e aconchegante palácio real.

Imaginemos que o rei, de acordo com a programação, estaria recebendo alguns políticos ou, quem sabe, tendo uma ou outra reunião com um possível embaixador de um país distante. Ele também poderia estar recebendo alguns provincianos apenas para solucionar questões de terra, coisas que teriam fugido ao controle das



autoridades locais, ou participando de uma reunião antes do meio-dia para cuidar de questões administrativas relacionadas ao reino.

Uma mesa posta aguardava o rei para o café da manhã. Ele terminou sua oração e a higienização matinal e estabeleceu o primeiro contato com súditos e familiares. Conjecturamos uma cena em um ambiente minimamente normal, mas talvez nem de longe seria assim. No entanto, não custa nada deixar a imaginação fluir só para enriquecer o raciocínio.

Já que estamos deixando a imaginação fluir, mudemos um pouco o nosso roteiro e vamos pensar na vida dos homens e mulheres que também têm uma rotina para esse dia, e um a um começava a despertar, cada um vivendo sua realidade de todos os dias. Um esposo aqui contava um sonho que o perturbara durante a noite; uma esposa ali reclamava de ter dormido mal por uma ou outra razão – coisas que remetem o nosso pensamento a um estilo de vida normal. Esse dia seria especial para duas

mulheres, que dormiam juntas em uma mesma casa, cada uma com seu filho recém-nascido ou com poucos meses de idade. Prepare-se, pois a cena agora não será fácil de ser vista. Entre as surpresas desse dia, algo ruim aconteceu quando uma dessas mães percebeu que o seu bebê não chorou durante a noite para mamar; ele estava imóvel e frio. Ela tentou sentir sua respiração, mas não houve resposta; a criança estava estática e não respondia ao seu toque. Sobre o leito ela tentava reanimá-lo, mas foi tudo em vão: seu bebê havia perdido a vida durante a noite, já não respirava e os seus gemidos delicados e infantis haviam cessado. Uma dor estranha e surpreendente fez vacilar o equilíbrio e as emoções. Uma pergunta sempre precede o grito silencioso da alma de uma mulher madrugada adentro: “O que houve?”.

Ao seu lado tudo parecia estar perfeito, as horas passaram normalmente na calma da noite, mas de fato ela não queria sofrer a dor da perda de seu bebê

porque sequer conseguia amá-lo com verdadeiro amor materno, pois ela não gritou, não pediu ajuda. No entanto, teve uma ideia rápida! A mulher olhou a outra criança, que dormia serenamente com uma respiração despreocupada e inocente, com um rostinho singelo e angelical. No mesmo instante em que percebeu a morte do seu bebê, ela também notou que o bebê da outra mãe estava bem e vivo! *E por que não trocá-lo?*, pensou, afinal a mãe da criança viva estava dormindo. Tomando o devido cuidado, jamais perceberia a troca do filho vivo pelo filho morto da outra, pois o que importava para ela era ter uma criança viva. Quanto a seu filho que acabara de morrer, pouco lhe importava, ela não queria sofrer o luto, se privaria da dor, não esboçaria sentimento algum pela morte inesperada de seu filho. Esse tipo de reação pode ter todos os significados, só não pode significar amor, e, em particular, o amor de mãe. Essa mulher jamais poderia ser considerada uma boa e verdadeira mãe,

muito menos amiga ou companheira da outra. Ela era má, fria, sem sentimentos, egoísta; a vilã da nossa narrativa.

Parece ser uma incoerência do pensamento a busca da imagem que represente a mulher má, pois em sua natureza ela essencialmente foi criada para nortear emoções, aguçar os sentimentos, inspirar a poesia, a música e as artes plásticas. Uma mulher cheia de bondade inspira sonhos, potencializa a espiritualidade, e está apta a discernir os dons divinos, adaptá-los, agregando-os à sua natureza terna que faz dela também uma transmissora autêntica da graça de Deus.

Mas a mulher má é um contraponto dos sonhos do Eterno, é o processo claro do embotamento das intenções divinas para a criação da mulher, é a ausência opaca e sombria do charme e da sensualidade singela, próprios da alma feminina. É amostra do ser sem uma espiritualidade profunda e ausente de inteligência emocional, pois o modelo de

mãe em que estamos acostumados a manter o olhar é o de Joquebede, mãe de Moisés, criativa e protetora; semelhante à Rispa, que por meses a fio protegeu os cadáveres de seus filhos em processo de putrefação; modelos como Sara, que na velhice deu à luz Isaque, cumprindo com o projeto divino na família. Esse espectro de mãe vilã nunca seria a diva inspiradora de poesias e canções, capaz de zelar e arrebatrar o coração dos que nascem no contexto das tais mazelas sociais e são lançados às margens da vida, obrigados a viver à mercê da própria sorte.

Bom, melhor estarmos preparados porque os próximos momentos serão de tirar o fôlego!

A outra mãe acordou e se deparou com a surpresa: o seu filho, ou pelo menos o que ela imaginava ser seu filho, não se movia. O corpinho inerte do inocente já cristalizava a evidência fatal da própria morte fria e cruel. Ela gritou, quem sabe não o chamou pelo nome. Tudo terminou tão cedo quanto começou, mas de repente foi o seu olhar que se

fixou no rostinho frio do bebê; esse era o olhar materno, o dom infalível, o faro aguçado, a percepção selvagem e brutalmente capaz de discernir tão logo ao tomar a criança morta nos braços, não apenas como lampejo de uma mente de raciocínio rápido, mas como uma verdade interiorizada em sua alma tão inquietante, que tocou nos seus sentidos lapidados e aguçados pelo dom da maternidade e lhe trouxe a revelação surpreendente: *Este bebe não é o meu filho!*

De fato ela percebeu e com certeza não era ele, então procurou os sinais de nascimento, coisas que somente mãe consegue perceber. Costumam dizer que os bebês são todos iguais, mas para uma mãe isso não soa como uma verdade absoluta. Pode ser uma manchinha em uma parte do corpo pequenino, não há um único detalhe que escape aos seus sentidos e à percepção da mãe, seja o desenho dos lábios ou do nariz, o tamanho dos olhos, a cor da pele, o peso, até mesmo o cheirinho. *Não!*, pensou

*ela. Este não é o meu filho, pois o meu bebê tem os olhos do avô, a mesma manchinha de nascença da vovó, o formato dos ombros é semelhante ao meu.* Manias de mãe que às vezes ninguém percebe, somente ela, mas que de fato não a deixa ser enganada. E ela não teve dúvida: o garoto não era dela.

E seu filhinho estava ali, bem perto, nos braços da outra mulher. Inocente, puro. Por alguns instantes, seu futuro estava incerto, pois ele estava nos braços de uma mulher má, que fora incapaz de entender o drama da mortalidade de seu próprio filho. Quem não compreende ou se nega ao entendimento da tragédia dos danos que a morte causa ao coração jamais conseguirá decifrar os códigos dos mistérios do tempo, da vida, do amor, da felicidade e da eternidade. Quem não presta atenção na morte, não valoriza o tempo, não cria oportunidades para o amor, confunde e deturpa os principais valores da vida.

De repente ela rompe o silêncio e diz:

– Devolva o meu filho!

Mas a mulher má se nega.

– O filho vivo é meu e não o entregarei!

A causa chega diante do rei.

O bom é que o rei estava em um excelente momento. Não era profeta nem um oráculo do céu, mas Deus o abençoou com uma sabedoria acima da média, o que lhe deu eficiência para lidar com questões tão problemáticas quanto essa, sendo que, por muitas vezes, a verdade e a justiça aparecem quando as falsidades e as mentiras são dissecadas e diluídas na mente dos sábios e justos que se transformam em instrumentos do Altíssimo para cuidar dos que sofrem com as injustiças diárias e são incapazes de se defender.

Salomão, o rei, estava bem, com bom raciocínio, saudável e espiritualmente vivia um bom momento. Então todos os seus atributos e qualidades seriam submetidos a um teste no laboratório da vida, em



que não lhe seria permitida nenhuma margem de erro, pois era preciso detectar o vírus da mentira e da falsidade camuflado no interior obscuro, sombrio e assustador da alma daquela mulher maldosa. O disfarce dela, porém, finalmente iria ser manipulado e examinado pela sabedoria vigorosa como um dom de Deus operando na mente do rei.

Na audiência, o impasse continua:

– O filho morto é dela, e não meu!

– Não, o dela está morto, pois ela o trocou durante a noite enquanto eu dormia! – dizia a mãe verdadeira. E talvez acrescentasse: – Eu o conheço pelas marcas de nascença, este bebê vivo é o meu filho.

Na corte, durante a audiência, todos estavam confusos. Talvez um ou outro arriscasse um palpite aqui e outro ali, mas não era possível chegar a uma conclusão. Soldados e conselheiros, todos estavam confusos! Quem sabe alguém cansado da questão não tenha sugerido ao rei:

– Olha, meu senhor, esta é uma questão trivial. Despeça estas mulheres e vamos cuidar de assuntos mais importantes, afinal existem tantos outros assuntos em um reinado para perder tempo com o problema delas.

## *A sábia decisão do rei Salomão!*

Mas o rei, que era sábio e justo, esperou por alguns segundos. Creio que ele tentava observar atentamente as reações de cada uma delas, cada gesto das mãos, o tom de voz, a expressão do olhar, qualquer coisa, um vestígio que sinalizasse ou colocasse em evidência a verdadeira mãe. Nos pensamentos de Salomão, ele sabia que a mãe verdadeira a qualquer instante teria sua chance de demonstrar quem era, pois o amor de mãe é criativo

e só precisa de uma oportunidade para demonstrar o quanto pode ser imbatível nas adversidades.

Passados alguns instantes, a luz se acende na mente do rei, um lampejo floresce, um clique se ouve, a ideia surge e o rei grita:

– Soldado, venha até aqui e pegue a sua espada.

Um silêncio toma o ambiente, todos se calam diante da estranha ordem. Os presentes estavam perplexos, boquiabertos e especulavam:

– O que o rei disse?

– Ora, ele quer uma espada!

– Ele vai matar alguém?

– Sim, ele ordenou a morte de alguém!

– Mas de quem?

– Parece que o rei quer dividir o bebê ao meio!

– Não tem lógica, não pode ser. Será que o rei enlouqueceu!?

O que de fato o rei queria era descobrir a mãe verdadeira, pois ele sabia que ela estava ali, de alma e coração partidos, e, sábio como era, entendia que

a falsa mãe iria falhar a qualquer momento, já que o seu amor era extremamente duvidoso e superficial. Portanto ele estaria sendo extremamente radical.

O amor fingido falha, pois não suporta as pressões que o verdadeiro amor suporta na complexidade das relações humanas, em seus altos e baixos. Os relacionamentos mais bem-sucedidos são estruturados com amor, e o amor de uma mãe parece ser dosado pelos toques do sobrenatural por ser inexplicável. Esse amor se mostraria tão habilidoso quanto a sabedoria do rei, que só conseguia ser eficiente, útil e prático. Nesse momento, o parceiro da sabedoria do rei não poderia ser ninguém menos que o sentimento daquela mãe. É preciso pensar nisso, pois, se o rei era extremamente sábio, a sua inteligência só entraria em evidência naquela situação. Ele estava perto de uma mãe verdadeira que mostraria o quanto o amor e a sabedoria podem andar juntos.

O amor serve de moldura para a sabedoria, dando-lhe os retoques de valorização final necessários à vida. O apóstolo Paulo nos alertou que, ainda que falássemos a língua dos homens e língua dos anjos, sem amor nada seríamos (1 Co 13:1).

– Uma espada?

– Sim, uma espada bem afiada! Pegue-a, tome esta criança, divida-a ao meio e entregue uma parte para cada uma destas mulheres!

Eu creio que nesse momento o tempo tenha parado, especialmente para a mãe verdadeira. Pensemos que por instantes ela parecia não acreditar no que estava acontecendo. Quem sabe não pensou consigo mesma: *Não era pra ser assim, eu só queria o meu filho de volta. Não pode ser verdade!*

Mas algo de estranho e inesperado realmente aconteceu quando a outra mulher, que se dizia mãe da criança viva, simplesmente concordou com o rei, dizendo em voz alta:

– Sim, divida-o ao meio! Pelo menos nenhuma de nós ficará com o bebê.

Pronto! Era tudo de que o rei precisava! Tão apressada em fazer o mal, sequer percebeu o jogo de inteligência do rei. Dessa vez, porém, não seria apenas uma questão de raciocínio, e sim um jogo que dependeria apenas de uma demonstração de amor pelo bebê.

A mãe falsa entrou em processo de queda fatal, como se fossem os últimos momentos de um romance, quando todos querem saber quem é o vilão, o assassino misterioso, o dono do veneno. Finalmente as cortinas começaram a se abrir e em seu rosto começou a surgir um olhar desfigurado, atormentado, frio e deprimido.

*Pronto! Ela não pode ser a mãe, tão rapidamente alguém pensou, pois uma mãe verdadeira jamais concordaria com a morte de um filho, em nenhuma etapa de sua vida.*

Quase no mesmo instante a mãe verdadeira se manifestou, dizendo:

– Não, rei! Permita que a criança viva. Entregue o meu filho a ela, mas não o mate!

É como se ela dissesse: “Eu suporto a dor de perdê-lo para esta outra mulher, mas não mate a criança. Eu suportaria vê-la o amamentando, cantando-lhe canções de ninar, quem sabe lhe beijando e acariciando os cabelos, mas não dividido ao meio”.

Para Salomão era martelo batido na mesa e ninguém mais tinha dúvidas: ela era a verdadeira mãe. Na realidade, as reações maternas são praticamente padronizadas, o jeito de amar, de orientar e defender as pequenas. Os mecanismos de defesa sempre seguem o mesmo padrão, claro que em circunstâncias diferenciadas.

Podemos crer que essas reações tão claramente bem elaboradas por Deus, especialmente adaptadas às emoções e à mente materna, foram assim criadas

com a finalidade de defender, com a clara percepção divina, que uma criança está sempre propícia a passar por perseguições, abandono e violências diversas. E mãe é o ser possuidor dessa característica de abrir mão de sua felicidade. Por amor a um filho, ela se lança no cativeiro em troca de sua liberdade. Assim o mistério se fragmenta, as luzes se acendem e a nossa heroína pode partir em paz, pois só o amor de mãe consegue trilhar veredas tão tortuosas como essas.

## *Crianças trocadas nos dias de hoje*

Quais seriam as possibilidades de aquela criança ter uma vida normal se crescesse sem sua verdadeira mãe?

É possível pelo menos imaginar, diante das circunstâncias criadas por essa falsa mãe, que jamais



poderíamos ter boas expectativas, e tudo fica ainda mais claro quando ela, diante do rei, concorda com a morte da criança. Que bom que a presença do rei garantiu um sábio e justo julgamento, devolvendo o inocente bebê aos braços de sua mãe verdadeira e desmascarando a mulher maldosa.

Hoje estamos tão distantes dessa interessante e inspiradora história, mas não de dramas semelhantes. Muitas vezes somos surpreendidos com reportagens chocantes sobre bebês trocados em maternidades em situações semelhantes à narrativa bíblica. Já tivemos histórias absurdas de crianças cujos pais receberam a notícia de que elas haviam morrido ao nascer. Recentemente, um telejornal acompanhou o drama de uma mãe que viu o seu bebê uma única vez logo após ele nascer, há sete anos. A única lembrança dessa mãe são algumas fotografias tiradas no nascimento de seu filho, em um hospital particular de Teresópolis, região Serrana do Rio de Janeiro. Um dia depois do parto ela

recebeu a notícia de que ele estava morto. Nove meses se passaram e outra notícia tornou a abalar o coração da mãe: um exame de DNA revelou que o bebê enterrado realmente não era o filho dela, que foi para os braços de outra mulher. “Me dói não poder estar com ele, não ter dado de mamar, não ter dado carinho, não ter dado colo”, diz ela, que, desde então, procura pelo menino.

Na semana em que ela deu à luz, onze crianças também nasceram no hospital, sendo quatro meninos e oito meninas. As famílias foram convocadas para fazer exame de DNA; apenas duas mães fizeram o teste e nenhuma delas está com a criança trocada. A mulher diz à reportagem que tem certeza de que encontrará o seu filho e então sua felicidade será completa.

É preciso pensar na história bíblica não apenas com objetivos espiritualizados ou mero aprendizado, mas que sirva como um elemento de conscientização de que essa é uma dor incurável no coração de uma

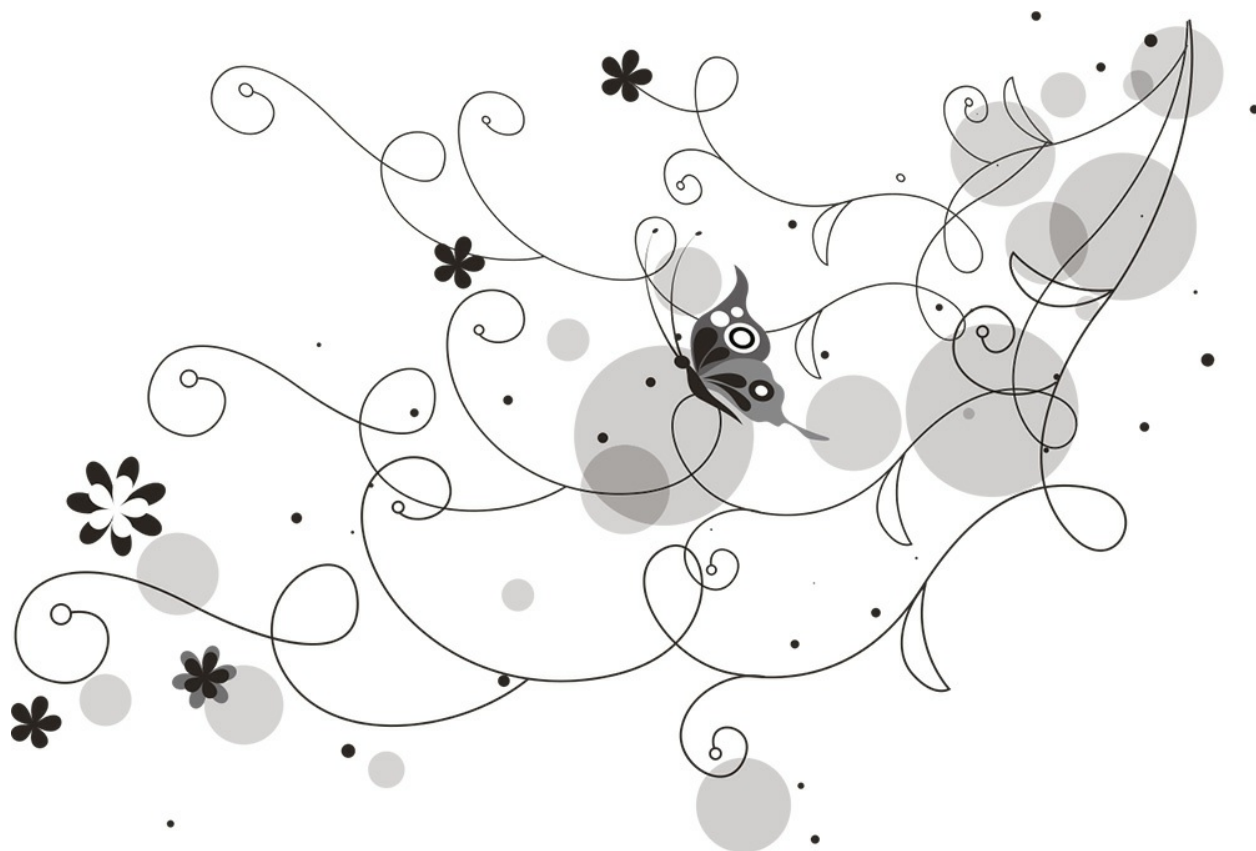
mãe. Salomão é apenas um exemplo de que para solucionar questões tão delicadas como essas é preciso ciência, sabedoria e justiça.

A sabedoria de Salomão foi um modelo de saber único, mas nós avançamos muito e podemos fazer mais. Quando conseguirmos relacionar ciência e justiça para solucionar questões como essas, perceberemos que Salomão viveu em seu tempo e nos deixou um legado de que é possível trazer felicidade à vida de uma mãe que passa por um drama semelhante. Nós avançamos em conhecimento e eu creio que, se Salomão chegasse por aqui nos dias de hoje, ele ficaria surpreso. Nós poderíamos dizer: “Olha, rei Salomão, hoje nós não ordenamos mais a divisão do corpo de uma criança porque descobrimos o DNA! E DNA é apenas um item. Nós também colocamos válvula no coração doente e ele continua batendo, implantamos rins e fazemos transfusão de sangue, tiramos raios x e descobrimos a doença ainda em seu começo,

curamos dor de cabeça, operamos o câncer e, olha, também fazemos dentaduras e aprendemos a fazer implante dentário!”.

Isso seria apenas o começo de tantas novidades para surpreender Salomão, mas imaginamos que sua única frustração talvez fosse com a má vontade de contribuirmos para solucionar questões em que bastaria um pouco de esforço, porque conhecimento temos, só precisamos de mais amor e sensibilidade. Assim a nossa ciência e nosso conhecimento atingirão seu maior propósito.

Mães que amam precisam de seus filhos, especialmente quando, por algum infortúnio, tiveram seus bebês trocados, raptados e levados para outro lugar distante. Que Deus toque no coração de homens e mulheres com a mesma boa vontade e sabedoria de Salomão. Pessoas que podem fazer a justiça acontecer, dispostas a devolver a felicidade a tantas mães que convivem com a imensa dor de ver seus filhos crescerem distantes de seus braços.



# *A mãe dos filhos de Jó*

## *Um sofrimento*

### *inexplicável*

*“Eis que um grande vento sobreveio dalém do deserto, e deu nos quatro cantos da casa, a qual caiu sobre os jovens, e morreram; e só eu escapei, para te trazer a nova.” (Jó 1:19)*

## *Contexto histórico*

Uma mulher com o olhar perdido no horizonte, cujos olhos indicavam um vazio no coração; ela estava envolvida em uma batalha com características e motivações obscuras. Sua espiritualidade era frágil e superficial, mas é claro que, para o papel que ela desempenha na história como mãe e esposa, já seria

o suficiente. Até então era mãe de dez filhos e esposa de um homem rico e nobre. Desconhecemos muito sobre ela, não sabemos o seu nome, a cor dos seus cabelos, o formato e as definições do seu rosto, se os seus olhos eram delicados ou não. O que sabemos é que ela era esposa de Jó e mãe de seus filhos, e estava acostumada com uma vida de classe alta. Seu esposo, Jó, é um dos personagens mais renomados do texto bíblico: um homem muito bem-sucedido, com grandes posses de terra, muitos amigos, uma enorme quantia em bens materiais, coisas que dão à vida alguns privilégios que nem todos têm. Toda essa estrutura econômica veio a desabar de uma hora para outra, sem nenhuma explicação; inclusive, esse casal notável haveria de perder todos os seus filhos e filhas. As dificuldades surgiram em um espaço de tempo muito pequeno, não havendo condições de essas dores serem ao menos processadas, gerando um impacto

praticamente impossível de ser absorvido com facilidade.

Jó, segundo o texto sagrado, era homem de um caráter impressionante: íntegro e temente ao Senhor. Sua postura irá incrementar nossa percepção sobre ele. É possível vê-lo como um homem sábio e de um nível intelectual notável; ele havia adquirido uma vida espiritual profundamente arraigada no conhecimento divino. Segundo Matthew Henry, em seu livro *Comentário Bíblico – Antigo Testamento – Jó a Cantares de Salomão*, esse homem era possuidor de uma “teologia muito profunda”, o que lhe daria, a princípio, o subsídio necessário para nortear sua vida espiritual e suas emoções para um tempo tão difícil. No livro de Jó (19:25) há uma de suas mais fortes declarações: “Eu sei que meu Redentor vive e por fim se levantará sobre a terra”. Sua capacidade intelectual e espiritual fez dele um personagem notável, o que não aconteceu com sua



esposa, pois ela é duramente criticada por não saber se portar diante de tais adversidades.

## *Coisas difíceis de entender*

O texto bíblico nos auxilia no entendimento das razões que desencadearam a sequência de tragédias que devastaram a vida dessa família. Na realidade, o início da trama se desenvolve a partir de um diálogo entre Deus e o príncipe das trevas sobre Jó. O Senhor, segundo a Bíblia, tecera alguns elogios sobre Jó, o que fez o diabo colocar em xeque sua honestidade e seu caráter, dizendo que Jó só conseguia realizar a proeza de tal integridade porque o Senhor o fartava de bens e muitas riquezas, o que levou Deus a dar-lhe permissão para tocar e tirar-lhe tudo o que possuía, inclusive sua saúde, até causar a morte de seus dez filhos. A única ressalva era de que

somente a sua vida seria preservada. A sequência de males é incrível, fora do normal, e é possível pensar que entre os vizinhos e amigos ninguém havia passado um período tão dramático, simplesmente porque no ambiente da espiritualidade, sendo mais preciso e bem claro, Deus havia sido desafiado. Além disso, ninguém apareceu a Jó ou a sua esposa para lhes dar alguma explicação da razão de que toda aquela tragédia era resultado de um diálogo entre Deus e o Diabo. O mais interessante é que a esposa de Jó não foi tocada e sequer o seu nome foi lembrado durante o diálogo. No entanto, ela era esposa, mãe, patroa, uma primeira-dama dessa sociedade, e se viu diante de acontecimentos cuja explicação não era óbvia. Para ela eram fenômenos realmente misteriosos e incompreensíveis.

Há uma linda canção do grupo Prisma Brasil que diz assim: “talvez existam coisas que eu não entenda, mas mistérios existem e por isso eu preciso ter fé”. Mas como certos mistérios ganham posições

de dominação sobre a vida humana de modo a não permitir que se perceba que os ventos do mundo espiritual podem direcionar destinos? Como é possível compreender que nos desdobramentos da vida espiritual a nossa história e a formação de nosso caráter podem se transformar em objetos de alguma discussão que originam ideias e tiram conclusões a nosso respeito?

De alguma maneira precisamos compreender nossas limitações diante do que não entendemos, mas pensar no inexplicável é sempre algo que desafia a nossa inteligência. O fato é que o inexplicável não se aplica apenas sobre o que não percebemos, não vemos ou não ouvimos. Mistérios cercam toda a nossa existência, eles estão na essência da vida, na construção das cores existentes na natureza, no comportamento das plantas que vividamente encontram os recursos da sobrevivência como se fossem sempre orientadas sobre os sentidos da vida. Quem ensinou ao João-de-Barro a ser tão

bem-sucedido quanto à construção de seu ninho? São detalhes que, quando analisados de perto, por mais que compreendamos os processos de adaptação natural, nos fazem perguntar “Quem ensinou a natureza a ser tão eficiente?”.

Mistérios existem em toda parte. Eles ficaram no tempo que passou e já marcam presença no que há de vir; estão no ar que respiramos, em nossa ética e na ausência dela; estão na vida física e especialmente na espiritualidade. Se existem coisas tão acessíveis de interpretação lógica, tente explicar como uma mulher poderia reagir normalmente sendo ela mãe de dez filhos lindos e saudáveis quando, de repente, alguém toca a campainha de sua casa – mensageiro trêmulo, de expressão pálida e apavorada –, para dizer que não traz boas notícias. E estas não têm nada a ver com a perda dos camelos, das ovelhas ou do gado. A notícia é sobre seus filhos.

– Os filhos!?

– Sim, os filhos!!

– O que tem os filhos?

– Todos estão mortos. Dez filhos. Todos mortos!

Nossa dúvida nesse instante é saber quanta sobriedade nós devemos esperar dessa mãe. Que intensidade de fé é preciso para uma mãe suportar tamanha dor? A espiritualidade profunda e a inteligência emocional teriam algum efeito sedativo que pudesse atenuar os segundos de adversidade que pareciam eternizados, que paralisavam os sentidos e promoviam milhares de dilacerações na alma enquanto ela mantinha o olhar fixo no rosto do mensageiro, esperando que ele dissesse que era só uma brincadeira? Não, isso é muito sério. Ele estava certo, seus filhos estavam mortos e ele era simplesmente um mensageiro; suas respostas eram evasivas. O que ele sabia é que um vento oriental soprara sobre a casa onde os meninos estavam, de modo tão veemente, que derrubou-a de uma só vez, matando todos eles. E não havia respostas sobre o mistério do vento; não sabia quem o enviara ou por

que ele viera; ele apenas viera para dizer que tanto os meninos como as meninas, todos, estavam mortos. E tudo isso era simplesmente um mistério. Mas como explicá-lo a essa mãe?

Concordo plenamente com Charles Swindoll, em *Jó, um homem de tolerância heroica*, quando pede compreensão para a mulher de Jó, dizendo que por muito tempo ele tirou proveito dessa mulher, afinal de contas, que expressão desagradável e ruim não foi a dela, diante de todas as mazelas sofridas naquele instante, quando disse a seu esposo: “Amaldiçoa a Deus” (Jó 2:9). Essa mulher iria sofrer por gerações por tão grave declaração, pois não é possível que ela não tenha conseguido compreender a vontade Deus!

Assim como ele, eu também a critiquei por diversas vezes, mas passei a ser mais cauteloso quando vi minha mãe ter que vivenciar a morte de três dos meus irmãos. Ela sempre foi uma cristã autêntica, mas, depois dessas perdas nunca mais foi

a mesma; continuou mantendo sua fidelidade ao Senhor, mas seu sorriso jamais possuiu o mesmo brilho.

Ao analisar as possíveis razões pelas quais a mulher de Jó cometeu esse delito, Charles Swindoll sugere quatro para que ela respondesse desse modo:

- Primeira: ela também perdera dez filhos. Quanto a esta sugestão, ele acrescenta que “até que você ou eu tenhamos perdido todos os nossos filhos é preciso ter cuidado para não criticar alguém que esteja passando por esta tristeza profunda. Quem sabe o que faríamos diante de uma perda como essa? Sugiro que foi no conflito debilitante que ela pronunciou essas palavras”.
- Segunda: ela também sofrera a perda de suas riquezas e bens. Para toda mulher cujo marido tem alto nível de segurança financeira, esse estilo de vida produz benefícios e prazeres que dão grande satisfação. Os muitos bens destruídos pertenciam também a ela; faziam parte deles também o seu

gado e a sua casa; ela ficou repentinamente reduzida ao mesmo nível dele no plano econômico.

- Terceira: durante os anos, ela havia sido a esposa do maior de todos os homens do Oriente (Jó 1:3). Havia honra nisso. Havia também grandes momentos de reconhecimento público e alegria íntima nessa posição. Ela não era mais a primeira-dama da comunidade, e sim a esposa patética de um homem alquebrado cujo mundo desabou, que está sentado sozinho na miséria, coberto de feridas.
- Quarta: ela perdeu seu companheiro. Não tinha mais o homem para participar das conversas agradáveis. Não havia mais momentos especiais de romance e namoro. A mulher não tinha esperança de que as coisas mudariam. (SWINDOLL, 2004, pp. 53, 54)

Sabemos o quanto faz bem para uma mulher conseguir conduzir bem suas emoções em tempos complicados. Uma palavra mal colocada pode levar algo que já está ruim para um nível ainda mais



doloroso e difícil de consertar. A palavra de uma mulher, sendo ela mãe, esposa ou avó, pode produzir efeitos extraordinários tanto para o bem com para o mal. Não há como formular a intensidade da angústia da mãe dos filhos de Jó, e qualquer um que compreenda a essência do texto sabe que Deus se calou enquanto ela terminava de tecer seu caminho em extrema solidão, pois os fatos não foram explicados. Sei que não é bom tocar em Deus de modo tão agressivo quanto ela o fez. O que podemos fazer se ela estivesse aqui e se deitasse num divã e compartilhasse conosco a sua dor? Que saída teríamos lhe apresentado? “Calma, Deus é bom; foi a vontade d’Ele; isto vai passar”. Fico por imaginar que seria uma forma meio superficial para explicar a dor de uma mulher que passa por processo um tão profundo; existem dores que não se atenuam assim. Para a mulher faltava uma espiritualidade mais profunda, mas Deus não lhe cobrou mais profundidade; lhe faltou fé, mas o

Eterno não a criticou por essa falta; lhe faltou gratidão, mas ela enterrou dez filhos. Creio que existem dores que precisam de respostas mais eficientes, com menos julgamento, menos espiritualização, porque, mesmo que Deus possa curar uma dor apenas com uma palavra, Ele também deu sabedoria a profissionais em todos os seguimentos para cuidar da saúde da mulher.

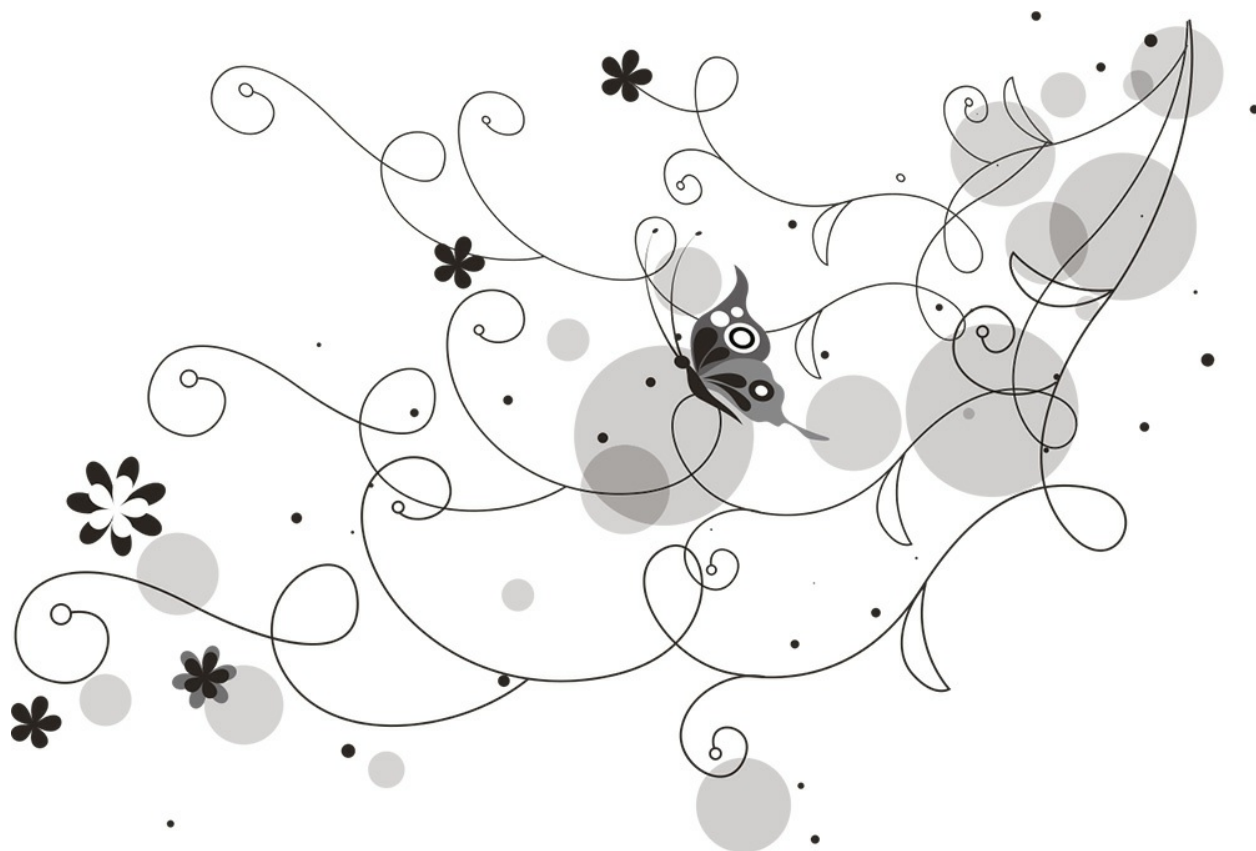
Tenho certeza de que, se ela estivesse aqui, seria colocada na galeria das mulheres sábias porque aprendeu com a dor, e não apenas com as teorias da dor, e teria muito o que ensinar. Arrisco dizer que ela iria compreender a dor de muitas mulheres da nossa época, mal compreendidas simplesmente porque são mulheres.

Jó foi realmente muito convincente. Ele respondeu à tão estranha expressão de sua esposa “Amaldiçoa a Deus e morre”, dizendo: “Você fala como uma insensata. Aceitaremos o bem dado por Deus, e não o mal?”.

Nisso percebemos a sua superioridade espiritual. Então ela se cala, mas sua infeliz expressão parece não ter causado nenhuma rejeição no coração de Deus, que lhe permitiu dar continuidade a sua vida quando o Senhor restaurou a sorte de Jó. Novamente o texto bíblico diz que último estado de Jó era superior ao primeiro. Deus lhe deu milhares de ovelhas, camelos, bois e jumentas e ainda lhe deu chance de ter sete filhos e três filhas, e diz a Bíblia que em toda aquela terra não acharam mulheres tão formosas como as filhas de Jó. A primeira-dama parece ter voltado a pisar em salto alto e, se existisse na época, teria voltado a usar perfume francês, pois não se tem notícias de que o Senhor a tivesse rejeitado e nem seu esposo a desprezado. Com isso temos uma história de amor, de paciência e tolerância, manifestação de graça e perdão, coisas que de vez em quando fazem falta em nossos dias.

A esposa de Jó tem uma história para lhe contar, talvez a você, mulher, que está no fundo do poço e,

quem sabe, sofrendo perdas irreparáveis. Ela poderia dizer que passou por uma tão estranha dor que nenhuma mulher, mãe ou menina, deveria passar. Por ela sofreu a incompreensão, falou o que não devia ter falado, mas o Senhor restaurou a sua sorte. Do mesmo modo, a força restauradora do amor e do perdão divino é suficiente para restaurar o seu coração e fazer novas todas as coisas, duplicar o seu estado de honra, e assim seu segundo estado será melhor que o primeiro.



# *A mulher cananeia*

## *Uma mãe busca a*

### *libertação de sua filha*

*“E ela disse: ‘Sim, Senhor, mas também os cachorrinhos comem das migalhas que caem da mesa dos seus senhores’.” (Mt 15:27)*

## *Contexto histórico*

Jesus sempre foi possuidor de passos decisivos; havia tarefas a serem cumpridas, propósitos ainda a serem realizados. Compreendemos que havia pessoas que estrategicamente precisavam ser tocadas e orientadas pelo Seu amor porque assumiriam posições importantes nos relatos históricos como autênticos instrumentos do amor de Deus. É normal

o texto sagrado fazer menção de alguns homens e mulheres que, sem dúvida alguma, serviram como pontos de referência para nortear nosso relacionamento com Deus, mostrando-nos o quanto nos é possível viver com Ele.

É preciso avançar, as horas se vão e Jesus, pela primeira vez, juntamente com os doze, iria entrar nas terras de Tiro e Sidom. É possível multiplicar os elementos de nossa imaginação e pensar no Mestre e nos doze discípulos passando junto aos templos do paganismo que comumente eram erguidos no meio dos bosques ou ao fundo das alamedas de cedro; seus olhares vislumbrando a grandeza desses grandes templos, que, normalmente, eram possuidores de grandes e suntuosas colunas de mármore, as quais compunham um extraordinário modelo arquitetônico. Soldados, camponeses e mulheres carregando coroas e guirlandas feitas de rosas e narcisos para as oferendas na casa de seus deuses.

É provável que o coração de seus discípulos acelerava-se à medida que os passos do Mestre embrenhavam-se caminho adentro, conduzindo-os a um contexto religioso muito estranho ao pensamento judaico. O que será que estaria se passando na mente do Mestre em um ambiente como aquele? Talvez algo semelhante deva ter se passado no pensamento de um dos discípulos, mas havia certa serenidade em Seu rosto e Seu semblante continuava impenetrável; Ele não parecia esboçar julgamento algum. Passou em meio a muitas pessoas, talvez vários viajantes. E quem poderia reconhecê-Lo ali? É claro que a fama de Seus milagres espalhara-se por muitos lugares além da Galileia, mas julgamos que foram poucos os que tiveram a oportunidade de vê-Lo além dessas terras.

Algo parece justificar a ida de Cristo a essa região e é notável a percepção d'Ele em relação aos Seus deveres. Ele sabia que a cada passo Seu uma história nova pode ser contada; a cada virar de uma esquina,



uma vida pode ser surpreendida com propósitos renovados, a cada subida de um morro, uma palavra de esperança, e a cada descida, uma cura poderia estar acontecendo. Era assim a cansativa vida do Mestre, com uma agenda sempre cheia e sem tempo a perder. De repente uma mulher cananeia, cujo nome a Bíblia não revela, gritou pelo nome de Jesus: “Senhor, Filho de Davi, tem misericórdia de mim, que minha filha está miseravelmente endemoninhada” (Mt 15:22).

Primeiro, quem disse a essa mãe que ela poderia falar com o Mestre? Quem lhe orientou dizendo que Ele poderia ajudá-la ou quem lhe falou que ela sequer poderia se aproximar d’Ele? Se não foi ninguém, podemos acreditar que ela conseguiu por si mesma, pois o olhar do Mestre, por mais que sua aparência seja de um judeu e ela, uma cananeia, possui um componente de singeleza e uma tranquilidade tão profunda que parece revelar a pessoas como ela, aparentemente indefesa e

vulnerável, que Ele não é como os homens comuns, cheios de protocolos e variadas hierarquias. Se ela chamou pelo Seu nome, é porque encontrara em Seus gestos uma indicação de que Ele é um profeta incomum, um homem incomparável, um Mestre sem igual. Ele acaba deixando claro que acima de tudo é o Filho de Deus. Sendo assim, Ele nunca teria vindo a este mundo para favorecer determinadas classes ou alguns clubinhos sociais, mas é Ele quem nos retira das veredas tortuosas, das pedras do preconceito e da separação que tentam criar os processos que separam os pobres, os doentes, os rejeitados, os órfãos, em especial as mulheres, particularmente as indefesas, sem o amparo de alguém, mulheres doentes, com problemas de hemorragia, pegas em adultério e prestes a ser apedrejadas, outras com crises emocionais, como a mulher Samaritana, pecadoras como a que lavou os pés de Jesus, e tantas outras como Suas amigas Marta e Maria.

O Mestre prova ser possuidor de uma mente livre de preconceitos. Seus pensamentos estão acima da média. Portanto, Ele permite que mulheres doentes e necessitadas gritem pelo Seu nome, e isso não lhe causa nenhum constrangimento, mas aos discípulos, sim, incomodou. O grito de uma mãe com uma filha endemoninhada, quem se importaria? A dor não era deles e eles não entendiam essas coisas; além do mais, ela nem era judia, era só mais uma mãe desesperada procurando ajuda para a filha, que, segundo ela, estava com problemas espirituais. Ela parecia ser norteadada por uma convicção misteriosa que toca profundamente a sua alma, uma espécie de aprendizado a respeito de Cristo, que ultrapassou os limites da Galileia, se apossou de sua mente e lhe concedeu uma sensação de liberdade de pensamento sobre a estratégia de administração do amor de Deus. Mas em sua casa ela era possuidora de um segredo, ou talvez nem fosse mais um segredo, mas desequilibrava a sua vida e lhe tirava o sossego, não

se sabe por quais vias ela cria em Jesus, e sua convicção parecia ser orientada por demasiada força de conhecimento espiritual, pois conhecia os métodos de aproximação do Mestre, sabia como abordá-Lo, comportamento típico de quem já estaria ouvindo falar d'Ele. Essa mãe surgiu no texto bíblico com uma filha que sofria com um problema de origem espiritual, mas ela é mais uma das mães da Bíblia que surgiram para criar um tipo de desafio ao que parece ser obra do destino, coisa que não tem conserto, “é pau que nasce torto e que não se endireita”, pois não se cura com remédios ou conselhos. Ela veio para contrabalancear o peso natural das possíveis consequências que, de modo justificado, sobrecarregam a vida, criam sombras de terror sobre os sonhos e fragmentam projetos.

“Minha filha está miseravelmente endemoninhada.”

Horivelmente é o advérbio que ela encontra para tentar mostrar ao Mestre a intensidade com a qual

sua filha estava escrava de algum tipo de poder maligno, que provavelmente exercia alguma influência negativa sobre a menina. Se eram demônios, fica fácil deduzir, por exemplos bíblicos, que eles lhe tiravam de seu estado natural; são demônios horríveis que provavelmente bloqueavam a lógica de seu raciocínio, poderiam ser violentos, escandalosos, brigões, obstinados, sedutores, mentirosos e malfeitores. É claro, porém, que não sabemos quais eram as ações desses seres descritos que causavam muito sofrimento.

O texto bíblico nos diz que Jesus tem uma estranha reação quando aparentemente a ignorou e nada lhe respondeu. Era realmente inaceitável. Ela acabara de pedir por compaixão, descreveu a sua dor e Ele nem ligou?

Ela, no entanto, sabia o que tinha em casa. Podemos pensar que dentro dos padrões normais do comportamento humano, em fração de segundos, talvez uma faísca de desmotivação possa ter lhe

cortado o coração, afinal de contas, em um modelo de sociedade patriarcal como aquele, uma mulher naquelas condições nunca teria grandes oportunidades. Ela teria muitas razões para desistir de tudo que se parecia real e bom para ela como também para sua filha.

É difícil entender por que na sociedade, dentro de suas configurações e seus modelos, determinados grupos tendem a ser mais rejeitados. Esses grupos e suas histórias sequer se classificam como dignos de ser contados. Será que em algum momento não perdemos algumas das melhores oportunidades da vida por nos desinteressarmos em ouvir determinadas histórias, simplesmente por se tratar de um “inferior” de acordo com os padrões estabelecidos, como essa mulher, que, além da questão do gênero, era de uma nacionalidade sem importância?

O que percebemos é que havia uma mãe ali com algo a relatar. Mas por que os próprios discípulos

não puderam reportar a sua história? Os discípulos, portadores das mesmas debilidades, sujeitos às mesmas doenças e com fortes possibilidades de enfrentar os mesmos demônios que essa mãe estava enfrentando. Por que o Mestre precisa sempre dar os mesmos toques de que é preciso parar e escutar alguém? Em cada história, em especial a de uma mãe como essa, pode haver um testemunho vigoroso, um segredo de uma dor exemplar capaz de nos arrebatara para ambientes que nos façam compreender que, por mais que as coisas possam estar difíceis, existe neste mundo gente sofrendo muito mais. Apesar disso, não permitem que a dor possa retirar de sua alma a inteligência emocional e sua capacidade espiritual.

“Jesus, em sua experiência de Deus”, como diz o teólogo José Antonio Pagola, vai construindo aos detalhes as características do reino de Deus observando também essas mulheres que ninguém deseja ouvir sua história. O fato é que ela também

parecia entender que o Mestre possui um jeito peculiar de tratar com questões semelhantes.

Talvez ela tenha pensado: *Eu sei que Ele está me ouvindo! Pode ser que esteja me testando, testando meus interesses, quer saber quem sou no meu interior. Ele quer provar a profundidade de minha fé.* E todos sabem que a grande forma de provar o amor e a fé de uma mãe é quando seus filhos são incomodados, ainda mais se esse incômodo for causado por demônios ou inimigos com potencial de destruição. Ela insistiu em gritar: “Senhor, socorre-me!”. Seus discípulos, como sempre, perderam a paciência.

## *Um diálogo decisivo*

“Despede-a, que vem gritando atrás de nós.”

Apesar de perceber que incomodava os discípulos, suas motivações eram muito maiores, e mesmo assim o fez até que o mestre ouve sua voz.



Mais uma vez acreditamos que Jesus usa Sua percepção divina para ir de encontro a mais uma história de uma das mães da Bíblia. Esse tipo de mãe com uma típica sobriedade, fé e raciocínio, acaba sempre despertando o interesse de Deus porque sempre surpreende com sua espiritualidade. E, claro, uma grandeza de espírito como essas que não se pode desperdiçar.

“Sim, eu já percebi que você tem fé e vou curar a sua filha, vá em paz.” Poderia ser simplesmente assim, mas Ele sabe que mulheres como essas não se dispensa com uma cura. Jesus as considera dignas de se assentar à volta de uma mesa e conversar sobre assuntos importantes para vida, pois elas têm muito o que ensinar, principalmente sobre amor, fé e espiritualidade. Mulheres assim não são o tipo de mãe que se cura e manda embora sem provocar, sem irritar o seu intelecto, sem criar obstáculos à sua fé.

Jesus, no momento em que proferiu palavras complicadas demais – “Não é bom pegar o pão dos filhos e deitá-lo aos cachorrinhos.” (Mt 15:26) –, abriu o diálogo, mas o teor de seu diálogo era totalmente intencional. Ela era um tipo de mulher indispensável nas histórias de relacionamento entre a mulher e Deus. Jesus sabe que ela possuía todos os recursos mentais e emocionais para dialogar com Ele, e, apesar de seu problema enriqueceu o elenco das grandes e notáveis mulheres da Bíblia.

É importante deduzir que existia uma marca no interior dessa mãe, uma aptidão como se fosse um dom artístico, mas vislumbrado e executado na espiritualidade, pois ela não se deixou empobrecer com possíveis ressentimentos e angústias que ofuscassem a profundidade de suas convicções ou destruíssem a sua fé. Trata-se de uma mãe igual a tantas, mas não guardou a dor nem culpou Deus ou os homens por sua desgraça e infelicidade. Portanto, a sabedoria dela era profunda porque ela conseguiu

conversar com Deus. Mas será que para conversar com Deus é preciso de uma sabedoria profunda ou bastam amor e fé?

A resposta se vê no tipo de oportunidade que o Mestre cria em dialogar usando coisas da vida como: “Não é bom pegar o pão dos filhos e deitá-lo aos cachorrinhos”. O que talvez para um judeu fosse uma visão repugnante, cachorrinhos embaixo de uma mesa, para uma mulher não judia seria uma cena corriqueira. E de um fato corriqueiro podem sair bons assuntos.

Mulheres também pensam rápido. Em uma linda obra literária chamada *Rápido e Devagar, duas formas de pensar*, Daniel Kahneman diz que o mecanismo que ocasiona esses eventos mentais é conhecido há muito tempo: trata-se de associação de ideias. Todos sabemos que as ideias sucedem em nossa mente consciente de modo razoavelmente ordenado. Os psicólogos pensam nas ideias como nódulos numa vasta rede chamada memória

associativa, em cada ideia que está ligada a muitas outras (pp. 66, 67 e 68).

A mãe cananeia associou ideias que foram ativadas com uma rapidez incalculável. A expressão do Mestre é digna de ressentimentos, mas perfeitamente possível de se argumentar, pois ela não interrompeu a riqueza do diálogo pensando: *Ele está me tratando como se eu fosse um animal*. O pensamento da mulher, porém, foi rápido e conseguiu associar a ideia de comida, mesa, filhos e cachorrinho à imagem dos cachorrinhos que se contentam em comer das migalhas que caem da mesa de seus senhores. A associação da imagem foi realmente perfeita, ela provou que não possuía pensamentos atrofiados com problemas e questões como essas. Aqui temos uma mãe de pensamentos rápidos e que presta a atenção nos movimentos da vida. E essa era a real intenção do Mestre: mostrar que a fé e o potencial humano não estão restritos ao gênero; Ele declarou: “Ó mulher, grande é a tua fé”. (Mt 15:28)

É quase inacreditável pensar que essa mãe da Bíblia foi capaz de receber do Mestre uma palavra que lhe elogiava a fé e liberava o milagre em sua filha, deixando todos, inclusive os discípulos de Jesus, boquiabertos com a força de sua inteligência e fé.

Um bom e inteligente diálogo produz milagres inacreditáveis.

## *Mães que lutam por seus filhos*

Mães pensam rápido quando se trata de uma luta por seus filhos, e o que prova essa verdade é a mente da mulher cananeia. Há variados tipos de possessão maligna e é interessante pensar que na maioria dos filmes americanos que tratam do tema é sempre uma jovem ou uma adolescente representando o papel da endemoninhada, assim

como em outros temas de filmes os jovens, de modo geral, são sempre as vítimas do *serial killer*; são eles, também, a terem suas veias dilaceradas por vampiros. Hoje os vampiros são bem mais charmosos e mais atraentes do que os dos filmes antigos, mas passam a mesma mensagem.

Assistindo aos filmes da saga Harry Potter, comprovamos que os bruxos não são tão assustadores como eram antigamente. Eles correm, fogem dos monstros, de vez em quando libertam cidades e escravos, mas ao mesmo tempo também são vítimas do Jason e do Freddy Krueger. Por mais trivial que seja, Freddy Krueger é um monstro com capacidade de penetrar em sonhos; e se é imortal quando se está no mundo dos sonhos. Krueger tem atributos físicos, super-humanos, fator de cura acelerado;, detém a capacidade de teletransporte e poder para alterar a realidade no mundo dos sonhos, podendo transformar parte do seu corpo ou ambiente.

Trata-se de uma ficção, mas que mata o adolescente em seus sonhos. E é nos sonhos, na ostentação de uma realidade surreal na corrida por drogas, sexo e riqueza, que o matador chega e tenta matar antes do amanhecer.

Mas a mãe que conversa com o Mestre consegue direcionar e inspirar muitas outras mães que podem se encontrar enfrentando grandes e terríveis batalhas por seus filhos, principalmente quando elas acontecem em contextos difíceis, até porque estamos vivendo dias de extremo ceticismo.

É bem verdade que não se pode espiritualizar tudo, tampouco viver a vida atribuindo tudo a anjos ou demônios, então é preciso ter discernimento dos males cujas origens são espirituais e as que não são. Hoje há diversas famílias que possuem tudo, menos paz; uma série de crianças e adolescentes amedrontados, assustados, ouvindo sons à noite, que não conseguem dormir em paz ou estudar, são agressivos, deprimidos, sem falar dos que vivem na

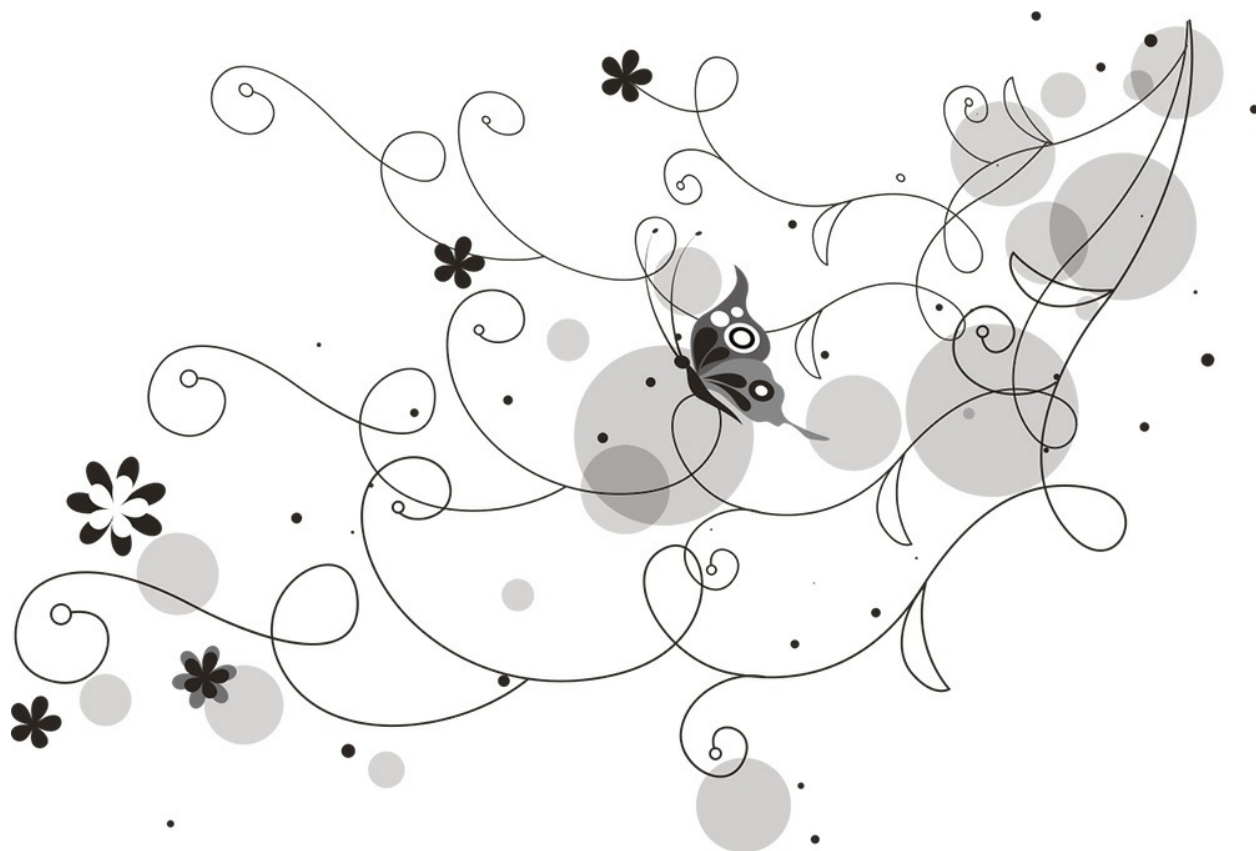
dependência de amigos imaginários, obcecados pelo mundo digital, que acaba preenchendo vazios existenciais.

Até quando é psicológico? O fato é que é preciso discernir, seja de que origem for, se o problema é uma questão de saúde, emocional, espiritual, ou tem a ver com maus-tratos e abusos. É preciso cuidar e buscar soluções viáveis, e com a certeza de que Jesus está pronto para escutar a sua história. A mulher cananeia lhe contou a sua e Ele ouviu e questionou, mas ela, além de tudo, teve uma resposta rápida e imediata antes que Jesus seguisse seu caminho de volta. Que bom que ela foi capaz de entender que não existem demônios que possam vencer o amor e a fé, e a sua determinação a fez alcançar o seu maior objetivo: a libertação de sua filha.

Ela não desistiu e conseguiu ensinar a mãe de hoje e sua família moderna que, para lutar contra certas possessões, tormentas e depressões, a reação precisa



ser rápida e o pensamento não pode vagar. Ela pode dizer ao mestre que até mesmo as migalhas que porventura caem dessa mesa são melhores do que se caírem numa ilusão mortal.



# *Isabel*

## *Uma mãe gerando uma voz para o deserto*

*“Então, um anjo do Senhor lhe apareceu, posto em pé, à direita do altar do incenso. E Zacarias, vendo-o, turbou-se, e caiu temor sobre ele. Mas o anjo lhe disse: Zacarias, não temas, porque a tua oração foi ouvida, e Isabel, tua mulher, dará à luz um filho, e lhe porás o nome de João.”*  
(Lc 1:11-13)

Entre as cidades das montanhas de Judá, nos dias de Herodes, “O grande”, morava um simpático e amável casal, Zacarias e Isabel. Eles eram tementes a Deus e sempre compartilharam da presença do Espírito do Senhor. Já com idade avançada, atravessaram

toda a vida sob um desgosto profundo: não geraram filhos. Isabel, observando a passagem dos tempos e vendo o seu amado companheiro sentir o peso dos anos, apenas se deixou ser conduzida pela vontade de Deus.

As montanhas de Judá formam uma cadeia estendida entre o Mediterrâneo e o Mar Morto, rumo a sudoeste, até a Idumeia. Nos tempos de Josué, o guerreiro que substituiu Moisés, as terras de Canaã foram divididas entre as doze tribos, sendo designado um número de cidades para cada tribo, para os levitas, homens que cuidariam das celebrações religiosas de Israel. A tribo de Judá separou treze, muitas das quais em sua região serrana.

Foi em uma dessas cidades que Zacarias e sua esposa passaram toda a vida. Coube a ele, então, ir a Jerusalém para cumprir com os deveres ministeriais. Ao chegar à cidade, entre os seus pares ali presentes, a sorte caiu sobre Zacarias e ele teve de compor-se

das vestes sacerdotais e entrar no recinto secreto da casa de Deus. A veste resumia-se a uma túnica azul, ombreiras faiscantes de pedrarias e peitoral do juízo, junto de uma série de outros itens que, normalmente, faziam parte das vestes sacerdotais durante essas importantes cerimônias. Zacarias caminhava por dentro do templo, cumprindo o seu trabalho sem ter a noção de que um mensageiro do céu lhe aguardava com uma palavra a ser entregue. Essa mensagem viria carregada de incoerências para os olhos e ouvidos humanos.

O velho sacerdote prostrou-se, erguendo os olhos, e logo estremeceu. À direita do altar, o anjo envolto em glória o observava. Zacarias estava extremamente assustado, mas ouviu a mensagem.

— Não temas! — disse o anjo. — Tua oração foi atendida e Isabel, tua mulher, dará à luz um filho e lhe porás o nome de João.

Zacarias era um homem aparentemente coerente e sabedor de suas dificuldades devido à idade. Por

causa de suas dúvidas, o anjo estabeleceu que ele ficaria mudo até que se cumprisse o que havia prometido. A multidão do lado de fora percebeu o tempo passar e logo concluiu que ele estava recebendo algum tipo de visão, maravilhando-se com tal acontecimento. O fato é que a finalidade de tudo isso era simplesmente anunciar o nascimento de uma criança.

A princípio, Deus deslocar um anjo do céu com uma mensagem específica sobre uma gravidez seria algo estranho, e essa concepção não poderia acontecer na vida de um casal comum. O que temos de especial nesses dois era que esbarravam no problema da idade, pois não podiam mais gerar, mas eram pessoas de fé e se mantinham firmes em suas tradições. Eram típicos humanos de endereço fixo, pessoas possíveis de ser encontradas – e não me refiro a bairro ou rua onde moravam, mas, sim, ao endereço fixo de sentimentos, fé, espiritualidade, motivações e moral. O que quero dizer é que

indivíduos assim não vacilam, não mudam e sempre são norteados por suas convicções, fazendo disso um estilo de vida. Este é um endereço fixo para a vida e Deus precisa de pessoas que Ele não tenha dificuldades em encontrar.

Esse era o perfil dos pais de João Batista, primo de Jesus, o homem que precisava ser diferente.

## *Isabel e Maria, uma amizade para dividir sonhos*

Maria também engravidara alguns meses depois e sentiu um imenso desejo de ir visitar a prima Isabel. Não é difícil pensar sobre seus anseios e vontades de conversar com outra mulher que também partilhava desse período específico. Talvez Maria só se sentisse à vontade perto de alguém como Isabel, que, como

ela, vivia o tempo de um projeto divino: o nascimento de crianças muito especiais!

A viagem de Maria à casa da prima não era uma caminhada fácil, era um difícil e penoso caminho. Ela saiu de Nazaré até as montanhas e, aparentemente, sem um plano de viagem para um trajeto de três a quatro dias. É muito provável que ela não tenha ido sozinha, mas seguido viagem com alguma caravana que estivesse percorrendo o mesmo caminho.

Ela estava bem animada, muito feliz, era jovem, entusiasmada com a vida, e guardava as palavras do anjo Gabriel. As lembranças daquele dia realmente estavam muito claras em seu pensamento, mas ela precisava desse momento com Isabel, pois esse encontro naturalmente iria contribuir com suas emoções. Era uma boa hora para visitar a prima. Augusto Cury diz acreditar que Maria tinha uma visão contemplativa da vida. Se é assim, podemos imaginar sua motivação interior e o ritmo das batidas



do seu coração, às vezes silenciadas para dar lugar a uma canção de louvor que brotasse de sua alma, agradecendo a Deus porque Ele também visitou e fez rejuvenescer o ventre da idosa Isabel.

Ela caminhava silenciosa com seu segredo incomparável. O cenário do campo era composto por uma vegetação rasteira, um verde intensificado nas campinas e uma coloração de terra seca. Por vezes Maria se fadigava, mas não perdia os passos dos que caminhavam com ela. O grupo parava para descansar, tomar água e fazer uma refeição; depois, novamente, eles empreendiam na caminhada. Havia momentos em que a estrada era íngreme e os aclives para essas montanhas se tornaram ásperos e ondulados, mas era Isabel a única pessoa do mundo em condições de compartilhar de uma prosa tão específica, porque ambas viviam a mesma emoção; espiritualmente, partilhavam de experiências semelhantes.

É óbvio que no caso de Maria houve um milagre diferenciado, pois sua concepção fora uma obra do Espírito Santo, mas a conversa com certeza seria de igual para igual, de mulher para mulher, de gestante para gestante, de mãe para mãe. Ora, essas duas, diga-se de passagem, tinham muito que conversar.

Isabel era uma anciã e nesse âmbito social era superior a Maria, mas, psicologicamente, ela não tinha dificuldades para reconhecer seu lugar na profecia, não recebeu uma mensagem direta de Deus ou do anjo Gabriel, como Sara, Hagar e Rebeca receberam, mas carregava uma promessa em seu ventre.

## *Gerando um filho para marcar gerações!*

Isabel, com o bebê em seu ventre, aguardava Maria em sua casa. O bebê, que iria nascer seis

meses antes de Jesus, era João, filho de Zacarias e Isabel. Que motivos teríamos para falar do bebê de Isabel ou sobre quem seria ele? Devemos olhar para Isabel e pensar em seu estado de risco não apenas por sua idade, mas especialmente pelo fato de Deus ter interesse na criança. Isso já despertaria inimigos e possíveis perseguidores.

E não é perturbador pensar que a mulher grávida leva um destino no ventre? Mais uma vez, Plínio Salgado brilha dizendo que:

A mulher grávida leva o germe de uma personalidade. A misteriosa geometria imanente de um corpo, uma fisionomia de um modo de ser. A centelha de um espírito. A semente de um fato social, que se pode chamar um dia de revolução, revelação, gênio do bem ou até mesmo do mal. (SALGADO, 1943, pp. 11 e 12)

A vida de Isabel mudou radicalmente. A criança em seu ventre tinha um trabalho específico e, antes de ser concebida, Deus já havia avisado que precisaria dela por um tempo determinado. Para tal

missão, portanto, seria muito importante que o bebê fosse cheio do Espírito desde o ventre. Quando os cristãos não encontram explicação para determinadas situações, estes dizem que é “é um mistério de Deus”. Poderiam dizer o mesmo da criança no ventre de Isabel pelo fato de ele precisar ser cheio do Espírito Santo ainda no ventre da mãe?

Como é possível compreender que tipo de relação o Espírito precisaria desenvolver na vida de uma criança que sequer chegou ao mundo?

Por que o anjo fez questão de enfatizar à mãe que ele será cheio do Espírito Santo desde o ventre?

Deus costuma agir sempre assim na vida de todos? Ou será que isso se explica por se tratar do filho de Zacarias e Isabel?

A quem ele pertence, a Isabel ou ao Espírito Santo? Desde o ventre, ele passa a existir com o selo de Deus, como se fosse uma propriedade particular do céu. Seria muita especulação pensar que talvez a missão do Espírito no ventre de Isabel fosse para

criar um ambiente de relacionamento entre ele e o próprio Deus, mas por que não aguardar e não esperar o tempo de seu nascimento?

Esse menino seria um tipo de profeta que simplesmente viria ao um mundo com um propósito: anunciar uma mensagem em pouco tempo antes da vinda de Cristo. Ele nasceria com uma diferença de meses, mas não poderia vacilar quanto ao seu trabalho, até porque não teria muito tempo; sua vida e o seu ministério profético seriam processos rápidos, mas precisavam ser marcantes. Na realidade, ele seria um facilitador do trabalho de Cristo. Compreender a mensagem de Cristo seria muito fácil após ouvir João, o Batista. Existiam questões de intensa profundidade envolvendo a vida do bebê e não havia tempo a perder. O processo de sua vida se iniciou a partir de sua concepção no ventre de uma mulher que não tinha dificuldades em amar a Deus e bem sabia que uma vida de dedicação ao Senhor também envolve determinados processos

de interação. E o que Ele vê em Isabel, é exatamente essa facilidade em conceber uma criança que, de certa maneira, iria nascer com um destino predeterminado. Deus encontra em Isabel esse aspecto da mulher conservadora de suas alegrias, uma mulher já avançada em idade, mas com imensa inteligência emocional.

## *Um milagre para a mulher!*

Podemos vê-la como uma mulher que não implica com os resultados da soma da sua vida nem se desgasta em lamúrias, mas percebe sua liberdade e desfruta dela; respira livremente o ar das montanhas onde vive. Sempre cuidou com carinho de Zacarias, seu amado esposo, nas atividades domésticas, inventando pratos especiais, colhendo verduras no quintal, plantando flores e talvez bordando suas

roupas e do seu esposo. Coisas que fariam parte da rotina de uma mulher do mesmo período e que contribuiriam para que os anos passassem quase sem ser percebidos.

De repente, em um dia qualquer, a mulher passa a notar que seu corpo de menina não é mais o mesmo. A velocidade diminui, a visão se torna turva, mas ela permanece sendo mulher. Seu organismo, por mais afetado que esteja pelas limitações da vida, sua psique é completamente feminina e se conforta com sonhos de mulher de acordo com os exemplos das matriarcas israelitas, todas elas com dificuldades em conceber. Essas histórias lhe oferecem um norte e movimentam seu destino. Ela sabe que em um mundo patriarcal, onde o homem é socialmente superior à mulher, a Bíblia propõe caminhos notáveis, os quais, se forem compreendidos com inteligência espiritual, não farão nenhuma mulher se sentir desprestigiada. Existem movimentos transformadores no ambiente do reino de Deus que

estabelecem o sentido de verdadeira justiça para que ninguém se sinta prejudicado pela riqueza de pessoa, ou as dificuldades de outra.

Contudo, existem milagres específicos para mulheres, em especial para as que não consideram um desprazer a programação de sua vida e fazem da construção da rotina uma aventura em que testam diariamente seus limites, conseguindo desfazer seus medos, não se assustando mais com a escuridão ou tendo fobias dos lugares altos que por vezes, obrigatoriamente, sua alma precisa vislumbrar no cumprimento de determinados sonhos divinos. E esses desafios sempre espreitam a mulher que não foge de sua realidade, seja dentro de casa, na igreja ou no trabalho. O seu milagre precisa ser um milagre no contexto de sua feminilidade, mas que não venha diminuí-la aos olhos de outros no que diz respeito às suas competências profissionais e espirituais.



Uma mulher aos olhos de Deus, no modelo do coração de Isabel, fornece a fórmula prática para as movimentações facilitadas do amor e da justiça divina neste mundo não apenas por um milagre em seu ventre, quando pode gerar profetas ou líderes a esta terra, mas pelas características de sua vida predisposta a receber e ser transformada por uma visitação divina, que revigore suas forças e seus atributos, fazendo-lhe capaz de transformar o mundo ao seu redor. Ela pode, assim, prosperar todos os ambientes da vida que têm características estéreis e sem perspectivas de florescimento.

Entre todas essas possibilidades, a maior bênção da mulher é gerar uma voz para o deserto em dias tão difíceis. Portanto, é importante Deus encontrar uma mulher que seja apaixonada pela vida, sorridente, espontânea e cheia de fé. Mulheres capazes de compreender seus desafios e que continuam criando devidas condições para a família e a vida moderna. Que sejam um instrumento da sabedoria divina no

desenvolvimento de seus dons, de seus valores e ao que for inerente à sua natureza. Mulheres que compreendam seu papel e, com singeleza, forneçam os toques de inspiração para aprimoramento da arte e da poesia, que compartilhem, assim como Isabel compartilhou com Maria, da mais bela profecia da vida, quanto ao nascimento de seus filhos. Dessa maneira, a vida ganha motivações e os sonhos podem se definir na certeza de que Deus nunca erra em Suas escolhas.

Enquanto existirem mulheres como Isabel, nunca haverá silêncio no deserto, pois, independentemente da idade, elas sempre terão um ventre, um coração e uma vida completamente disponível para as mais profundas manifestações do amor de Deus!



# *A mãe de Belsazar*

## *A lembrança dos bons tempos*

*“A rainha, por causa das palavras do rei e dos seus grandes, entrou na casa do banquete; e falou a rainha e disse: ‘Ó rei, vive eternamente! Não te turbem os teus pensamentos, nem se mude o teu semblante. Há no teu reino um homem que tem o espírito dos deuses santos; e nos dias de teu pai se achou nele luz, e inteligência, e sabedoria, como a sabedoria dos deuses; e teu pai, o rei Nabucodonosor, sim, teu pai, ó rei, o constituiu chefe dos magos, dos astrólogos, dos caldeus e dos adivinhadores’.”*  
(Dn 5:10,11)

# *Contexto histórico*

Banquetes estilosos e cheios de luxo, brilho e pompa eram comuns entre os grandes monarcas, especialmente na Babilônia, que vivia um dos seus melhores momentos, apesar de estar cercada pelo exército medo-persa – nada, porém, que tirasse a animação do rei e de seus mil convidados. Mulheres glamourosas desfilavam pelo salão, esbanjando brilho, cores, vestindo roupas feitas de tecidos caros e leves. A maquiagem já disfarçava os pequenos sinais e interferências na pele, dando a elas o toque de sensualidade e satisfação pessoal que tanto as preocupavam. Os homens também se portavam com elegância entre conversas inteligentes, piadas sem graça com sorrisos amarelos e hipócritas. Os convidados se multiplicavam, todos chegando com muito estilo e elegância. O rei Belsazar foi cumprimentado e honrado, e os servos, sempre atentos, não perdiam um lance sequer, correndo o

salão de ponta a ponta, servindo bebidas caras e pratos raros à altura dos convidados. O ambiente estava agradável, o ar era tranquilo e fresco, misturado ao som de música, muita falação e sorrisos estridentes. Olhares inquietos e observadores captavam detalhes da ornamentação da casa. Os músicos estavam presentes e tocavam as canções preferidas do rei, que já se animava entre um copo de vinho e outro.

De repente, ele provou uma bebida de sabor muito especial. Antes disso, é possível que tenha sentido o seu aroma, e logo seus sentidos denunciaram a qualidade especial desse vinho. É provável que tenha observado que um bom vinho precisa ser dotado de especificações; logo, precisaria notar limpidez, transparência, brilho, viscosidade e cor. A sensação foi surpreendente, era muito especial e precisaria ser servido com muito requinte. O rei se lembrou das taças sagradas que vieram do saque feito a Jerusalém. Como se já não bastasse toda a

ostentação, o brilho da festa, gente bonita (para os padrões da época), rica e aparecida, eles estariam entristecendo também o coração de Deus quando foi decidido que usassem as taças sagradas e bebessem nelas a bebida especial. Tal incômodo, porém, não podia ficar impune. Assim Deus, que nem havia sido convidado, quebrou a programação do evento. Apenas Sua mão apareceu escrevendo, na parede principal do salão, uma sentença para o rei com as misteriosas palavras: “Mene, Mene, Tequel e Parsim”.

Que constrangimento! Os convidados estavam apavorados, estarecidos e boquiabertos; o organizador da festa não conseguia explicar o significado dos acontecimentos. Os caracteres eram rústicos, misteriosos e enigmáticos. Por isso, os servos correram de um lado para o outro, até que a notícia chegasse à cozinha. Então, tudo parou: não havia mais música no salão, os sorrisos pálidos se transformaram em expressões opacas e sombrias, o

sangue congelou nas veias, as mãos ficaram trêmulas e corações bateram acelerados. Os olhares trocaram expressões de incertezas, enquanto o rei estava pálido, de joelhos estremecidos, apavorado. Todos notaram.

Os caracteres se formaram, mas não foram compreendidos. No salão as pessoas formularam sílabas, reformularam outra vez, mas não encontraram seu sentido. Assim, os sábios do reino foram convocados e se colocaram diante do rei e dos convidados no salão, fazendo anotações, trocando ideias e discutindo possibilidades. Nada, porém, estava claro.

A essa altura, o rei já oferecia o terceiro lugar no reino e uma valiosa recompensa para quem fosse capaz de esclarecer e traduzir o que a mão misteriosa escrevera na parede. Enquanto isso, o murmúrio, as indagações e as conversas preocupadas cortaram apressadamente os corredores das dependências reais e finalmente a estranha



notícia chegou aos aposentos da rainha-mãe. Se desde o princípio já tivessem se lembrado dela, naturalmente teriam evitado tantos constrangimentos gerados por especulações, respostas erradas e absurdas de quem não conseguia compreender nada do que Deus costuma escrever.

## *A rainha-mãe*

Ela era rainha; não se sabe se era a mãe ou a avó do rei. Assim como a mão que escreveu na parede, ela não teria uma participação direta na programação do evento, talvez devido à sua idade e por conviver com tantas mudanças nas convenções sociais, nos estilos, nos modismos e inovações. É provável que já sofresse o desgaste do tempo.

É possível imaginá-la nos seus aposentos, talvez ao lado de algumas escravas e servas que cuidavam com serenidade de suas necessidades. Era uma mulher madura, mas preservava uma juventude

mental que fazia dela uma rainha-mãe “jovem enquanto velha”, mas de modo responsável e equilibrado. Era jovem nas lembranças que vagueavam por sua mente protegida por cabelos compridos grisalhos que denunciavam que sua vida já havia passado por longos e profundos processos, especialmente ao lado do seu esposo, rei da Babilônia, falecido havia algum tempo. Essa mulher alcançou, talvez até sem que percebesse, uma posição na vida de mediadora do tempo, pois não deixou desperdiçar os ensinamentos que o tempo havia lhe proporcionado. Portanto, era capaz de dialogar com todos os instrumentos do passado esquecidos pelo rei e os seus convidados. E lá estava ela, ocupadora do seu espaço, dando a devida importância a sua vida e servindo de sombra para quem ainda não compreendera os mistérios da espiritualidade. Quisera eu poder visualizá-la e pensar em uma senhora charmosa de andar vagaroso ou esperto demais, trajando vestidos longos de

tecidos leves e cores calmas, com um brinco discreto nas orelhas e um colar combinando com o vestido. Afinal, ela era ou não era rainha? Quem é majestade nunca perde a coroa!

Ao saber do impasse dos sábios, ela se dirigiu ao salão, e, é claro, sua chegada foi facilmente notada. Nesse momento, um corredor humano se abriu em reverência a ela. O olhar da senhora, carregado de crenças e convicções, percebeu o peso do mistério envolvido nas sagradas letras escritas na parede da grande sala. Ela olhou com calma, sem tirar conclusões. Ao franzir a testa e olhar firmemente o texto confuso, compreendeu que aquilo só poderia ser coisa do Deus de Daniel!

Que pena, que desperdício de tempo. A juventude tão esperta, tão ativa nos aplicativos dos tempos modernos, não discerne o mais simples da vida. A beleza essencial das coisas se perde como poeira ao vento, pois tudo neste mundo tem o seu início na simplicidade, principalmente quando origina do

sonho de alguém e até mesmo do próprio coração de Deus. Nas lições que aprendemos com o Senhor, Ele sempre deu início a grandes planos, utilizando-se de coisas desprezadas e até esquecidas.

A rainha-mãe estava presente quando os processos mais profundos do reino tiveram seu início. E, pela importância e pelo respeito que tinha, e por guardar tesouros tão valiosos nos arquivos do seu coração, ela nunca se deu ao luxo de quebrar tais conexões com sua própria história. A rainha se tornaria uma das personagens mais importantes desta trama porque não ousou quebrar os vínculos com o tempo nem criou movimentos de saudosismo inútil para reafirmar sua presença diante de tempos tão diferentes e modernizados.

Ela orientou Belsazar a ter calma e não se apavorar, pois, se a escrita tão misteriosa não estava ao alcance da interpretação de nenhum dos sábios no salão ou em outra parte da cidade, também não compreendia o segredo de tais palavras. No entanto,

percebia a espiritualidade dos fatos, e sabia da existência de um homem, um velho sábio, intérprete de sonhos que havia caído no anonimato.

“Não te turbem os teus pensamentos, nem se mude o teu semblante.”, disse ela. A sua voz era de uma entonação firme. Sua memória, lúcida e coerente. E continuou: “Não te turbem os teus pensamentos, nem se mude o teu semblante. Há no teu reino um homem que tem o espírito dos deuses santos; e nos dias de teu pai se achou nele luz, e inteligência, e sabedoria, como a sabedoria dos deuses; e teu pai, o rei Nabucodonosor, sim, teu pai, ó rei, o constituiu chefe dos magos, dos astrólogos, dos caldeus e dos adivinhadores. Porquanto se achou neste Daniel um espírito excelente, e ciência, e entendimento, interpretando sonhos, e explicando enigmas, e solvendo dúvidas, ao qual o rei pôs o nome de Beltessazar; chame-se, pois, agora Daniel, e ele dará interpretação”. (Dn 5:10,11)

A rainha-mãe, a mulher mais respeitada da Babilônia, ainda acreditava em sonhos, em enigmas e nas dúvidas geradas pelo que é inexplicável. Os tempos do reinado deste novo rei não influenciaram suas lembranças ainda vivas em sua mente, ao passo que seus novos ministros auxiliares talvez se orientassem por pensamentos menos espiritualizados e mais racionais, longe da possibilidade de tais eventos ou fenômenos estarem ligados a Deus. Talvez, para eles, dúvidas se resolvessem com anotações e cálculos. Ela, porém, acreditava nas manifestações divinas, cria que Deus falava através dos sonhos. E conheceu Daniel, o que interpretava os sonhos que Deus havia dado ao seu esposo, resolvia os enigmas e sabia que ele ainda estava vivo. Para as coisas ficarem ainda melhores ele morava por perto, e ela sabia disso.

A rainha-mãe se lembrava de coisas que as pessoas se esqueceram. Deixar apagar da memória detalhes tão importantes quanto aqueles mencionados pela

rainha poderia ser um erro fatal. Essa mãe conseguiu diferenciar dimensões, separar o físico do espiritual e respeitar as limitações humanas, mas a sua maior virtude era perceber a presença de forças imutáveis de estruturas inabaláveis que o tempo e as transformações de um novo período não ofuscavam. Isso é prova de seu conservadorismo.

## *A rainha e suas crenças*

Como é difícil admitir que a rainha tem razão, em um mundo que se transforma de modo tão drástico. Pode ser incômodo ter de ouvi-la dizendo: “Isto não é coisa para os homens”. Logo agora, quando parece que o mundo cresceu tanto, como ficar atentos a esses mistérios que não fazem parte dos processos da vida? Afinal, a realidade já é tão cheia de complexidades. De fato, muitas batalhas já foram vencidas, muitas respostas foram dadas, muitos enigmas perderam seu sentido, e, pelas indicações,

já não existem tantos dilemas assim, a não ser que em um belo dia uma mão apareça escrevendo na parede: “Mene, Mene, Tequel e Parsim”.

Para comprovar que neste mundo existem componentes e manifestações impossíveis de serem detectados pelos sentidos humanos, e neste impasse é que preciso voltar os ouvidos para a rainha-mãe que crê em coisas que normalmente as pessoas deixam de crer e se desapegam com facilidade.

“Quem é Daniel?”, poderiam perguntar a ela. Ao que prontamente responderia: “É um sábio do passado, do pai, do rei”. Por trás de sua sabedoria havia segredos de oração e dedicação ao Deus a quem ele servia mesmo aqui na Babilônia.

A rainha sabia o que estava dizendo, pois foi testemunha do que relatou. Ela viu com os próprios olhos o que ninguém provavelmente havia visto, e sabia da existência de vida espiritual a quem ela tratou por deuses. Estas questões espirituais precisam ser tratadas de forma específica; não é



qualquer mecanismo humano que as compreende, e é preciso ter sabedoria para lidar com elas. No entanto, é uma sabedoria que procede da oração e dedicação aos dons de Deus, facilmente esquecidas no decorrer da vida.

Essa mulher não chamou atenção apenas por se lembrar de Daniel, mas também traz à tona deveres e sabedorias desprezados por aquela geração que caminhava em direção à destruição. Naquela hora foi ela, sim, ela mesma, que não foi chamada para a festa porque já não fazia parte de sua realidade, quem pediu licença aos intrusos e sabichões constrangidos e envergonhados porque falharam no discurso. Foi ela quem pediu calma e tranquilidade. A rainha não sabia o que as sagradas letras queriam dizer, mas conhecia quem podia interpretá-las.

Que bom que ela conseguiu mostrar que não adianta crer apenas no que percebemos ou sentimos. É preciso pensar que, de vez em quando, os enigmas aparecem, o mistério acontece e a dúvida se instala.

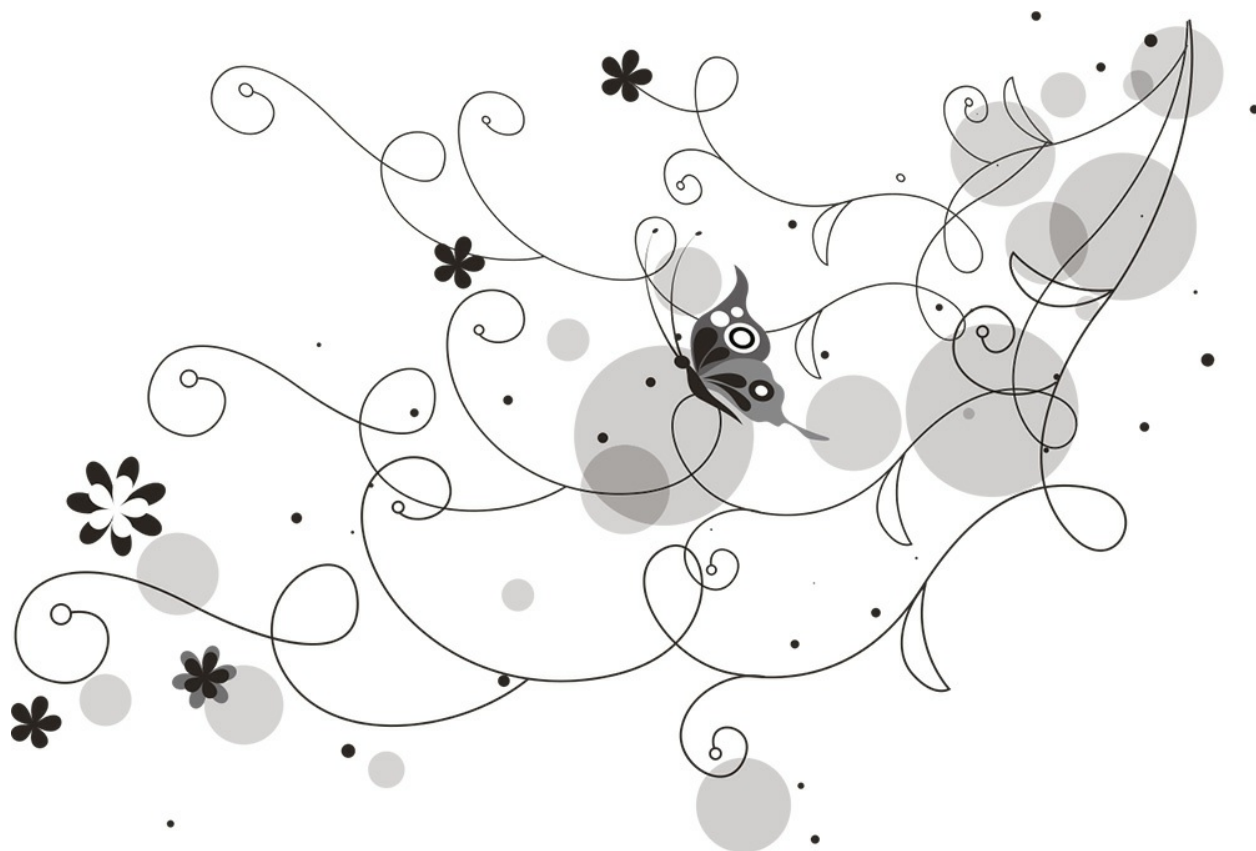
Hoje não vivemos dias diferentes, em que a verdadeira sabedoria perde o lugar para a velocidade dos tempos modernos. Neste mundo cheio de programações, tecnologias e tantas descobertas fantásticas, revela-se uma geração que se esquece da espiritualidade, do poder da oração, do jejum, da palavra de Deus e de tantos outros saberes importantes para a vida. E nessas festas modernas nos deparamos com uma geração que profana a própria existência. No entanto, a barreira existe e às vezes o inesperado ocorre: a mão que veio sentenciar o rei novamente aparece escrevendo na parede rígida dos corações humanos e não há quem consiga explicar tamanho peso na consciência quando, mesmo diante dos prazeres da festa, a dor, a tristeza e o medo continuam interrompendo a programação.

E na maioria das vezes, é quando a mãe surge, no meio do salão da vida. Muitas vezes sem que a convidem, ela chega, não porque conhece todos os

segredos da vida, mas por saber o caminho da sabedoria, pois é mãe e entra em cena para acalmar o coração do filho que se esqueceu de chamá-la na hora certa. Mesmo assim, ela vem para falar-lhe das antigas palavras da sabedoria, da vida e do amor, coisas que jamais se alteram. Ela tem autoridade e não pode abrir mão dos seus dons maternos.

A eficiência do testemunho de vida de uma mãe a um filho é essencial, em especial quando é constituído de lutas, mas também de vitórias alcançadas com fé e esforço. Muitos filhos ignoram certas realidades e desprezam o perigo, passando a juventude ignorando Deus, anjos e demônios. E, só quando acontece um fenômeno inexplicável e, muitas vezes, terrível, e os amigos e as companhias se mostram ineficientes, eles a deixam chegar-se e mostrar o caminho, como uma jovem mãe ou como uma avó que acredita em sonhos e tem a mania de dizer aos filhos ou aos netos: “Não cheguem tarde, pois esta noite eu tive um sonho ruim”.

Tomem cuidado, pois mãe tem o poder de vislumbrar os perigos e as ameaças da vida. E, mesmo que não tenha todas as respostas para os mistérios da vida, existem mães que ainda costumam acreditar em sonhos ruins, muitos dos quais até se cumprem com os filhos ou netos mais desobedientes. E elas oram, jejuam e ensinam a palavra de Deus, e cumprem especialmente o papel de mãe.



# *Noemi e Rute*

## *Como mãe e filha*

*“Disse, porém, Rute: ‘Não me instes para que te deixe e me afaste de ti; porque, aonde quer que tu fores, irei eu e, onde quer que pousares à noite, ali pousarei eu; o teu povo é o meu povo, o teu Deus é o meu Deus. Onde quer que morreres, morrerei eu e ali serei sepultada; me faça assim o Senhor e outro tanto, se outra coisa que não seja a morte me separar de ti’. Vendo ela, pois, que de todo estava resolvida para ir com ela, deixou de lhe falar nisso.” (Rt 1:16-18)*

## *Contexto histórico*

A cena não é estranha e sequer consegue ser incomum, pois não há nada anormal na visão de uma estrada. Nela, três mulheres parecem encerrar uma história. Para quem olha de longe, é apenas mais uma despedida com suas complexidades e muitas razões. Quem sabe não é apenas uma viagem que irá comprometer alguns dias de uma agenda, poderia ser uma visita a parentes distantes ou apenas por lazer.

Nessa ocasião específica, as três mulheres que se despedem na estrada foram participantes de uma tragédia familiar: as três eram viúvas. A de idade mais avançada se chamava Noemi, o significado do seu nome é agradável, amável, deleitável, fazendo jus a sua postura no decorrer de sua história. As mais jovens eram suas noras Ofra e Rute.

Noemi foi casada com um homem de nome Elimeleque. Era um período de fome em Israel e ele tomou a decisão de ir tentar a sorte nas terras de Moabe, um país vizinho que gozava de um

momento de maior estabilidade econômica, com maior possibilidade de sustentar sua família, sem saber que essa alteração poderia apressar o mal sobre a sua casa.

Com a mulher e dois filhos, partiu em direção ao incerto e ao duvidoso, e não há para um pai de família sensação pior do que esta: sair de sua terra na busca de um sonho, mas sem a certeza de que será bem-sucedido. Levaram consigo, além da bagagem, esperança de um tempo melhor, até que as coisas em Belém voltassem ao normal e eles pudessem retornar para casa. Pelo menos era assim que ele pensava. Com uma família relativamente pequena para os padrões da época, com apenas dois filhos, um por nome de Malom – cujo significado é “estar doente, fraco”, talvez por ser uma criança doente, pois era normal os nomes serem alusivos às condições de seus receptores – e outro, Quilom, também de significado chocante: “definindo, falhando”, ou mesmo “destruição”. Os nomes desses



rapazes parecem combinar com a realidade que muito em breve lhes assaltaria de modo precoce.

Permaneceram por alguns anos, e o primeiro a morrer foi Elimeleque. Após a morte do esposo, Malom e Quilom se casaram com moças moabitas, Rute e Ofra. E não muito tempo depois, os dois rapazes também vieram a falecer, talvez pela fraqueza de um e definhamento de outro, como diziam os seus nomes. Ambos não deixaram filhos.

O olhar de Noemi não era desorientado e perdido no tempo e a sua postura firme em relação à vida parecia não denunciar sua tragédia. Para quem teve a chance de conhecê-la, talvez entendesse suas razões para se despedir de Moabe, onde viveu, e voltar para seu país de origem, deixando para trás uma história construída com esforço e trabalho. Essa mulher perdeu seu esposo e dois filhos nas dificuldades da vida. Ela e sua família mudaram-se na busca de uma vida melhor, mas, como a vida também é traçada por linhas sinuosas e estradas com

curvas e declives perigosos, um tempo de privações os surpreendeu, assaltando-lhes a esperança, mas não lhe tirando o desejo de continuar vivendo.

## *O poder para recomeçar*

Difícilmente Noemi teria noção da grandeza e profundidade de seus valores caso a vida e as circunstâncias não formassem um cenário tão trágico em sua história. Ela tampouco seria capaz de perceber em si mesma quão intensa seria a sua capacidade e o tamanho da força alojada em sua alma. O papel que essa mulher passaria a representar faria parte de um enredo inédito jamais imaginado por ela. E o papel principal seria o dela, e ela bem sabia que até aquele instante a sua vida se construía com aspectos de desordem. A morte de seu esposo causou certa obstrução nos planos da família quanto à permanência em Moabe, e Noemi teria que se expor a questionamentos particulares em relação ao

que a vida dela se tornou. Uma família que toma uma decisão de sair em direção a outra terra em busca de dias melhores, contrariando uma série de princípios, inclusive religiosos e espirituais, não era um grupo familiar acostumado a esperar que as coisas acontecessem.

A morte, porém, os deteve no meio da caminhada. É possível crer que tenham ficado por tempo demais ou tomaram gosto pelo ambiente, não sentindo necessidade de retornar a Belém, mas o óbvio é concluir, pelos futuros acontecimentos, que esta história ainda não havia terminado. Pelas características dos fatos logo a seguir – a morte de Malom e Quilom –, a história já se adequava a um final ou a um encerramento de projetos que alojam sensações de plena insegurança, medo de viver e vulnerabilidade, situações que explicariam uma ida direta ao fundo de um abismo emocional.

Mas Noemi era uma mulher que não estava disposta a dar a mesma sequência em sua vida,

simplesmente à mercê da própria sorte. Então o cenário mudou, as configurações se alteraram e novos horizontes começaram a ser visualizados.

Mulheres como Noemi, submetidas a experiências traumáticas semelhantes, e que começam a ressurgir espalhando essas grotescas nuvens do seu céu, passam a perceber o seu mundo e o dos outros sob o prisma de novos valores e conceitos. A vida ganha configurações diferenciadas e a visão da realidade se inverte. A mente dessas mulheres se submete a processos que criam condições de relativizar determinados problemas e adversidades. Aconselhar e orientar outras mulheres ficou muito mais fácil para Noemi, pois ela começaria a mostrar sua grandeza.

E como é possível uma viúva e mãe, que passou pelo dissabor de perder seus dois únicos filhos, criar novas disposições mentais para seguir adiante? Ela deu movimento à sua história, que dispunha de todos os elementos favoráveis para encerrar naquele

ponto. Com certeza, quem ouvisse a narrativa da sequência de acontecimentos tão trágicos, entenderia muito bem qualquer indício de desistência ou desânimo. Se ela não quisesse produzir mais nenhum sonho a partir daquele momento, teria a compreensão de muitos, que poderiam dizer: “Pobre Noemi, sofreu tanto que se entregou à própria sorte”.

Ela, a despeito de tudo, provaria sua qualidade e que uma mulher também pode se erguer mesmo longe dos parentes, sozinha, viúva e com dois filhos mortos. Ao que se percebe, nem Deus enviou alguém para nortear suas decisões, pois ela sabia o que fazer. E o Senhor se fazia presente em seu coração e em sua mente, guiando os seus passos. A nossa heroína quis voltar para casa!

*De volta ao lar*

Nada melhor do que pisar no chão da gente. Falem o quiser de nossa pátria, Brasil, mas esta terra de tantas misturas e cores é lugar de grandes bênçãos e beleza extraordinária. Gosto de uma série de TV chamada “O mundo visto de cima”. O programa circula pelo mundo fazendo imagens aéreas das paisagens mais belas da Terra, cada uma em seu respectivo país. E fiquei perplexo quando vieram ao Brasil e filmaram alguns dos nossos estados, capturando as melhores imagens vistas de cima. Este país é realmente um paraíso, só falta ser mais justo, mas beleza aqui não falta!

Noemi sentia falta de sua terra, de suas amigas, das festas religiosas, dos parentes, dos campos verdejantes, do calor, do frio, do tempero da comida, de algum vizinho. Sentia falta de sua gente tão querida e abençoada por Deus. E fome lá não existia mais.

Não havia mais fome em Belém. Honra para quem suportou até o fim e não desvaneceu; honra para

quem não abandonou seus irmãos, não enfraquecendo as mãos dos que ali ficaram. O agricultor voltou ao campo, os animais de pasto brincavam em campos prósperos, os mercadores trocavam suas mercadorias nas ruas, o pão farto e o vinho voltaram à mesa do povo de Noemi. Os sinais de bênçãos estavam em toda parte. O Eterno não deixou Seu povo.

Noemi queria voltar para casa e prosseguir com o tempo que lhe restava de vida, e ela sabia que um dia se uniria a seu esposo e filhos. No entanto, o que mais ela queria era esquecer Moabe e deixar para trás tudo aquilo. Ela tinha um lugar em sua terra natal, então só faltava aprontar as malas e dizer adeus a Moabe. Noemi e sua nora Rute caminharam juntas, na estrada empoeirada e estreita, com olhares distantes e embaçados. A dor era realmente profunda.

– Queira o Senhor que encontrem segurança na casa de outro marido – disse Noemi.

Quando as beijou, suas noras começaram a chorar.

– Sem dúvida voltaremos contigo – responderam.

– Voltai, minhas filhas! Noemi insistiu. – Já estou velha demais para me casar. E poderia eu ainda ter filhos para lhes dar como maridos? Por acaso esperaríeis por eles, sem se casar? Não, minhas filhas! A minha amargura é maior que a vossa, pois a mão do Senhor se voltou contra mim.

Então elas começaram novamente a chorar. Em seguida, Orfa despediu-se de sua sogra com um beijo, mas Rute permaneceu com ela. E Noemi lhe disse:

– A tua concunhada está voltando para o seu povo e para os seus deuses. Volta também com ela.

Mas Rute respondeu:

– Não insistas comigo para que te abandone e deixe de seguir-te. Pois, aonde quer que fores, irei também; e onde quer que fiques, ali ficarei. O teu povo será o meu povo, e o teu Deus será o meu Deus. Onde quer que morras, ali também morrerei e



serei sepultada. Que o Senhor me castigue, se outra coisa que não seja a morte me separar de ti!

Quando Noemi viu que Rute estava decidida a ir com ela, não se opôs mais.

Se o momento dessa despedida fosse uma cena teatral, seria do tipo que costuma arrancar lágrimas dos telespectadores, e com certeza seria inesquecível. Elas se abraçam, se beijam, e é praticamente impossível conter as lágrimas. Quem pode desacreditar no carinho, amor e respeito entre uma sogra e suas noras? Todos os relacionamentos podem ser possíveis quando construídos com amor e respeito. É realmente tocante imaginar o tom da fala da Noemi em um timbre de voz já cansado e sofrido. Ela agora liberava as jovens mulheres para que pudessem recomeçar a vida em sua própria terra. Elas eram jovens e bonitas, com certeza novas oportunidades surgiriam, afinal a vida precisava continuar. Rute, porém, assumiu um papel extremamente essencial a partir daquele momento.

Nessa construção do futuro, sua decisão surpreendente daria o brilho e o fulgor até agora inexistentes nesta fantástica narrativa com reviravoltas de teor extraordinário.

## *Noemi, uma mãe de espírito atraente*

Rute, a moabita, e Noemi, a israelita, duas mulheres. Uma já de idade avançada e a outra, mais nova. Noemi é o modelo de mãe, de espírito atraente, que a idade e as provações lhe proporcionaram, a bênção da sabedoria prática. Ela talvez seja para Rute uma contadora de histórias com aplicações e conclusões sábias que subsistem no tempo, com o intuito de promover os mais profundos conhecimentos sobre a vida de uma mulher.

Do amor à superação dos sofrimentos e às grandezas do Deus de Israel. Portanto, Rute se apegara tanto a ela que não quis deixá-la, quis se envolver com sua cultura, dormir ao lado dela. A mulher moabita de deuses estranhos quer se envolver com o Deus de Israel e até sobre a morte ela disse: “Estarei com você”.

São temas cuja abordagem e cuja compreensão têm maior chance de sucesso quando repassados por uma mulher que foi abençoada como Noemi, portadora de um estilo tão genuíno de reportar a sabedoria da vida de modo intenso, que estar perto dela criou na mulher mais nova um desejo enorme de desfrutar da vida ao seu lado e jamais abandoná-la. Se essa mãe passara sofrimentos, esses sofrimentos lhes fizeram capaz de compartilhar experiências ligadas a eles de modo tão íntimo que ela percebeu suas adversidades como algo que veio em porções compartilhadas não apenas por ela. São dores possíveis de ser vividas por qualquer outra

alma feminina, pois para experimentá-las basta estar viva.

O que não lhe permitiu olhar para esses processos dolorosos de forma egoísta, sem se dar ao luxo da sensação de um sofrimento solitário. Sua alma de mulher cresceu vislumbrando possibilidades e angariando experiências e transmitindo ensinamentos. Sendo assim, Rute percebeu o quanto seria valioso e produtivo segui-la pela vida afora. Uma mãe que, sem uma herança provável, conseguiu atrair para si uma companheira mais nova, dividindo um espaço da pouca vida que lhe resta. Por razões óbvias, ela possui um jeito próprio de ensinar e repassar as parábolas do amor e da espiritualidade de um modo muito singular. E ela inspira a mais nova com riqueza de detalhes porque aprendeu a contar histórias de mulher para mulher.

*Mulheres fortalecidas*

A chegada a Belém foi marcada por um turbilhão de emoções. Quem não conhecia a amável Noemi, que voltava para seu lar desprovida de seus bens, de seu esposo e de seus filhos? Mas ela não estava sozinha. Bem próxima a ela vinha Rute, a moabita, a sua ex-nora, e agora um resultado das providências da vida, dos recursos da espiritualidade formada a céu aberto, liberada de barreiras emocionais, longe de ressentimentos, sem restrições ou preconceitos que desintegram ou impossibilitam o encontro de gerações. São duas mulheres de idades diferentes, que provaram que um modelo de união como este, dentro do contexto dramático em que ele foi formado, pode ganhar aspectos surpreendentes com experiências jamais imaginadas. Noemi e Rute eram duas mulheres fortes porque respeitavam a individualidade de cada uma. Era uma relação que tendia a prosperar, pois elas desfrutavam de juventude e, ao mesmo tempo, de experiência. Ou seja, a juventude de Rute traria movimentação e

dinâmica e Noemi contribuiria com conhecimento de tradições, espiritualidade – através da fé no Deus de Israel – e detalhes que só o tempo é capaz de ensinar.

Essa dupla inspiradora deu certo. Com ajuda de Noemi, Rute se casou com Boaz, e esse amor de Rute e Boaz é um dos lindos romances da Bíblia. No entanto, essa história fica para um próximo momento. A nossa estrela de hoje permanece sendo Noemi, a sogra, a viúva, a mãe que também perdeu seus filhos para as tragédias da vida, mas que se reergueu das dificuldades e ainda deu um novo rumo para a vida de Rute. Esta narrativa pode inspirar outras histórias que hoje podem estar sendo escritas de modo semelhante. Pode inspirar mães e filhas, noras e sogras, avós e netas, amigas, a serem fortes e criativas, independentemente do drama que possam estar vivendo. O amor sempre é mais forte, seja durante uma doença, um drama de separação, na perda de alguém *etc.* Um gigante pode ser

formado, às vezes o que falta é dar uma oportunidade à vida, pois Deus sempre tem algo de novo a cada manhã.

Isso é a prova da criatividade divina que se faz interagir no coração de mulheres bondosas, ativas, equilibradas e que não interrompem o ciclo da própria vida, mas passam a vida superando os desafios dos tempos modernos.

Clarissa Pinkola Estés afirma que a mulher sábia é:

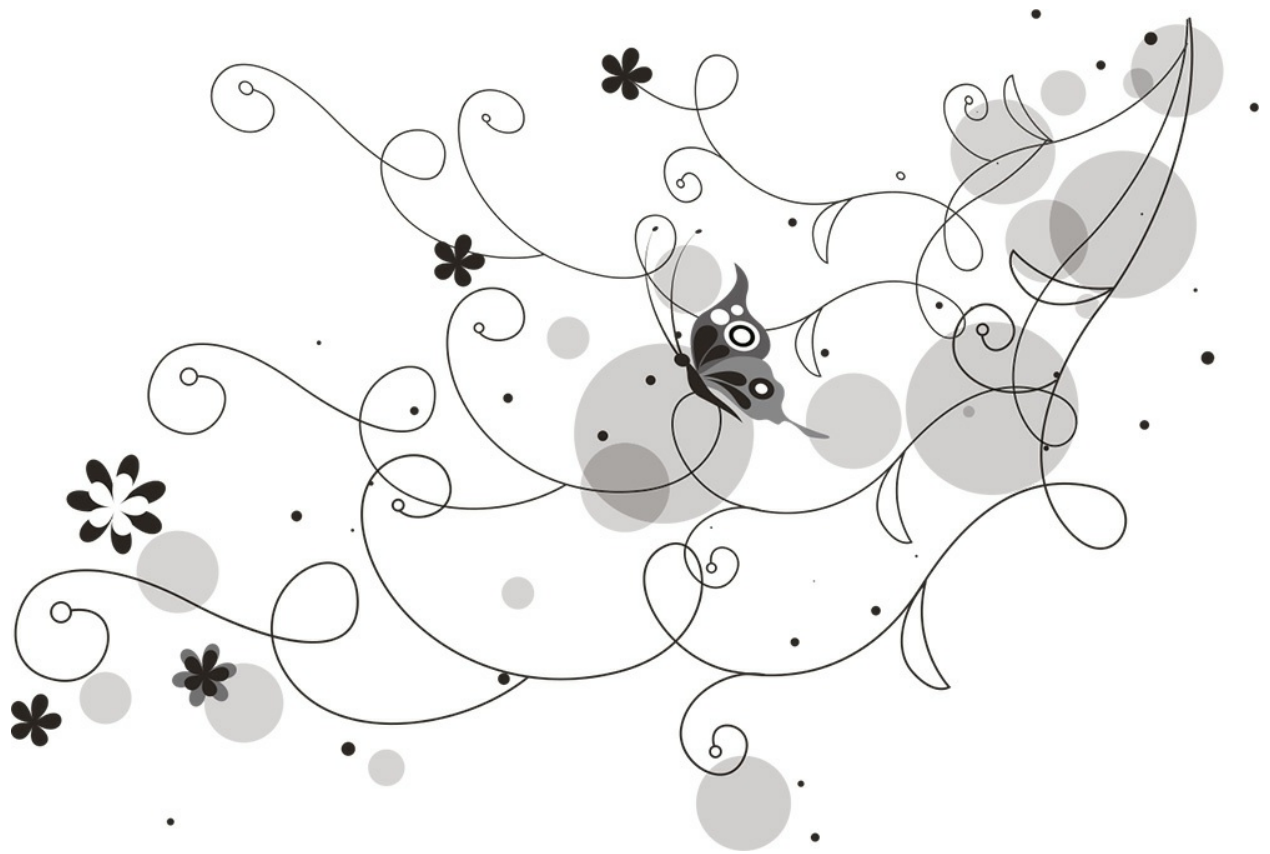
Uma combinação de características e qualidades que para a família ao seu redor costumam também ser poderosas. Pode ser seu conhecimento de herbais, as plantas que ajudam e curam o corpo e transmitem tranquilidade. É quem distingue a falsidade a mil metros de distância. Ela consegue ver exatamente que ações gerarão lembranças dignas de se guardar. Ela pode ser aquela que cozinha como um anjo e ao mesmo tempo ameaça usar a cinta reforçada para corrigir quem não se comportar com devido respeito. (ESTÉS, 2007, p. 55)

A exemplo de nossa Noemi, o que a mulher de hoje pode extrair de sua história é que ela percebeu no tempo a possibilidade de se deixar envelhecer com prazer e sabedoria, portanto não retardou sua maturidade e acumulou experiência. Sendo assim, ela parecia tão natural, permanecia tão linda, tão cheia de ternura; seu sorriso se tornou meio vagaroso, mas continuou verdadeiro e não era vacilante. Mais do que nunca, sua espiritualidade estava profundamente testada nas agruras da vida, e ela se tornou transmissora de uma qualidade de vida original e sem a possibilidade de réplicas, fazendo de Rute também uma mulher muito mais forte do que antes.

Por mais que seus caminhos possam estar difíceis agora, creia na existência de possibilidades que, com sabedoria e simplicidade, podem levá-la a viver tempos de vitórias jamais imaginados e experiências nunca antes vividas. É preciso analisar todos os caminhos possíveis, em particular os que o Senhor



tem preparado para você, porque o Deus de Noemi  
jamais a deixaria só.



# *Raquel*

## *As aflições e o desejo de ser mãe*

*“Vendo, pois, Raquel que não dava filhos a Jacó, teve Raquel inveja de sua irmã e disse a Jacó: ‘Dá-me filhos, senão morro’.” (Gn 30:1)*

## *Contexto histórico*

A história de amor de Jacó e Raquel é considerada, por razões óbvias, uma das lindas histórias da literatura mundial. Diferentemente da maioria dos contos românticos que conhecemos, esse romance de lances surpreendentes tem uma narrativa de tirar o fôlego. Inspira outras histórias de vida, com a enorme vantagem de possuir uma construção de

eventos marcados pelos desígnios divinos. Raquel, cujo significado do nome é “ovelha”, jamais poderia imaginar quais seriam as reviravoltas de sua vida após o seu primeiro encontro com Jacó, num dia comum e sem grandes expectativas. Segundo as informações do texto bíblico; ela cuidava das ovelhas do grande rebanho de seu pai, Labão, um inteligente, sagaz e próspero homem de negócios.

O trabalho de Raquel não era muito convencional para os nossos padrões de hoje, pois ela era pastora. É possível que fosse um ofício comum naqueles dias para uma mulher, mas também é preciso imaginá-la, segundo a descrição da Bíblia, como uma moça charmosa, elegante e muito bonita.

Todos os dias pela manhã sua rotina era sempre a mesma: calça sandálias de couro para empreender suas jornadas diárias de trabalho; conduzindo o rebanho, talvez tendo que correr atrás de alguma ovelha fujona e desobediente, apressando-se para proteger os animais de alguma tempestade repentina

ou de algum predador. Logo cedo, ao raiar de um novo dia, essa moça de vida modesta buscava em um canto qualquer de sua casa o seu traje de trabalho. Os dias quentes e o imenso calor dessas partes do mundo não torna a vida mais confortável que outros lugares, mas não impossível de ser vivida. Raquel se vestiu de um vestido cuja costura era rústica e artesanal, mas adequado para cobrir a sua pele já queimada pelos raios de sol. O turbante delineado com pequenas listras e cores femininas foi levado à cabeça e amarrado com delicadeza para proteger seus longos cabelos da hostilidade do clima árido de Padã-Arã – no hebraico: “planícies de Arã”. Estas palavras, de acordo com Chaplin, apontam para a região da alta mesopotâmia ao redor de Harã, rio acima da junção dos rios Eufrates e Harbur. Era uma região próspera e bastante significativa para intenções divinas.

Se for possível pensar assim, Raquel possuía o grito típico dos pastores e estava acostumada a

emitir os sons para chamar e conduzir seus animais ao campo. Se pudermos ir mais além, ela possuía o próprio cajado com uma espessura adequada ao tamanho de suas mãos, bem mais leve que os convencionais. É possível presumir sua facilidade em se comunicar e dialogar com seus companheiros e companheiras que todos os dias cumpriam a mesma rotina de trabalho. Naquele dia, a moça de sorriso vivo e de corpo atraente se levantou bem cedo para cumprir suas tarefas diárias.

Jacó chegara a Padã-Arã e, ao se aproximar de um poço, pergunta por seu tio Labão a alguns pastores que estavam reunidos ali. Os animais, que também aguardavam que a pedra por cima do poço fosse removida, se abrigavam e se amontoavam em pequenas sombras.

– Conhecem Labão? – perguntou-lhes Jacó.

– Sim, conhecemos.

– Ele vai bem? – indagou novamente.

– Sim, ele vai bem! – responderam.

Mal terminaram o diálogo e, como se fosse combinado, um encontro com hora marcada, uma cena que nos bastidores está conectada aos pensamentos divinos: lá vinha ela, sem saber que naquele dia iria de encontro ao grande amor de sua vida, um amor inesquecível que os fenômenos da vida jamais apagam, um amor impossível de ser explicado, fragmentado pelo tempo ou enfraquecido pelo espaço geográfico. Um sentimento forte e capaz de suportar a dor, que não se dissolve ao calor do fogo e suporta as reviravoltas dos temporais repentinos e assustadores.

– Raquel está chegando! – diz um dos pastores.

O amor estava no ar.

Os movimentos do mundo devem ter parado um instante para Jacó, a fim de que suas emoções se organizassem e ele conseguisse discernir quais foram os possíveis caminhos que o fizeram chegar até aquela parte de sua vida, marcada por tantos dramas, conflitos familiares, incertezas, encontros e

desencontros. Até o momento ele era tão amado por sua mãe, mas ao mesmo tempo não era o filho preferido do pai; por fim, era perseguido por seu irmão. Por mais que sua vida faça parte de uma produção profética e ele já tivesse sonhado com Deus, o mundo para Jacó ainda era um lugar muito espaçoso e complexo demais. Ele era o filho mais novo, mas, para Deus, o lugar dele na hierarquia da vida seria o do mais velho. Para Deus o primogênito é ele, mas lá dentro de sua tenda, desde o dia de seu nascimento, quem chegou primeiro ao mundo foi Esaú, o filho de pele vermelha, o homem de atitude, caçador, forte, aventureiro; o amado do pai.

Jacó necessitava se encontrar em seus caminhos para que se transformasse no que Deus queria que ele fosse. Por mais que ele tivesse promessas a seu favor, não é do feitio divino facilitar a vida de nenhum dos filhos sem que ele passe pelos devidos desbravamentos que moldam o seu caráter e promovem a graduação da espiritualidade.



Jacó tinha de perceber quem ele era no contexto da história dos patriarcas, e talvez mal notasse que amar Raquel fazia parte de uma construção dos planos divinos. No entanto, não há nada que nos indique nenhum sentimento forçado, pois agora tudo parece ser tão simples para o coração de um homem, que, de certa forma, sequer sabia quem ele era de fato a ponto de precisar fingir ser seu irmão.

Agora seria Raquel a razão do seu viver, e ele iria experimentar como é bom ser livre para amar. Não parecia ser profecia e sequer um ato de sugestão divina. A moça era tudo que sonhava ou talvez muito além de seus sonhos, tudo muito perfeito. Raquel era linda e do jeito dela fazia estremecer o coração do homem fugitivo. Raquel daria a Jacó a leveza para sua vida que até então ele jamais havia sentido, e o amor dele por Raquel não contrariava nem decepcionava a Deus. Para o Senhor era importante que essa história de amor acontecesse, e que bom saber que esse amor não era uma produção

forçada e duvidosa daqueles que se acham no direito de determinar os destinos das histórias de vida deste mundo. Ele iria amar Raquel e esse amor por ela era do tipo cheio de voluntariedade e independência, que acontece espontaneamente sem que os palpites e críticas antecipadas dos amigos e parentes façam diferença. É o amor que abusa dos dons e das possibilidades criadas pela liberdade dos sentimentos.

## *Uma surpresa desagradável após o casamento*

Após esse encontro inesquecível, as coisas aconteceram em um processo muito rápido quanto aos seus sentimentos. Jacó não teve dúvidas e decidiu se casar, mas para isso combinou com o sogro, conforme o costume da época, de trabalhar

por sete anos como pagamento do dote e então possuir tão valiosa recompensa.

Ao chegar o dia do casório, a ocasião era perfeita para um grande banquete. Amigos foram convidados para a cerimônia. Tudo parecia correr com normalidade. Até poderíamos usar um pouco de imaginação e pensar na expressão de plena satisfação do pai da noiva em ter feito um bom negócio e tendo ainda a vantagem de casar a filha com um homem que, além de ser seu sobrinho, era também muito responsável e trabalhador. Chaplin contribui com o pensamento de que, para Jacó, esses anos devem ter se passado como um dia e a hora tão esperada chegou.

O noivo estava cheio de expectativa, esperava ansioso a chegada da noiva no local da cerimônia, até que a tão esperada noite aconteceu. Após a cerimônia, segundo as tradições, a noiva foi lhe entregue no interior da tenda; um véu cobrindo seu rosto, de acordo com as normas do local. A noite era

escura, com pouca luminosidade na parte interna da tenda. Uma noite perfeita para um amor perfeito ser consumado, uma noite com todos os ingredientes para se tornar inesquecível. E realmente ela seria inesquecível, tanto que até hoje comentamos sobre o assunto. E que decepção para o tão apaixonado Jacó... Ao amanhecer, quando os animais comessem a se despertar, talvez o cantar do galo e as batidas frenéticas de suas asas criassem o ambiente para sinalizar que mais um dia estava chegando... Ao raiar da luz do sol, quando seus raios amarelados dissipassem calmamente qualquer vestígio da escuridão da noite e, naturalmente, junto a uma calma brisa da manhã, penetrassem as frestas da tenda do jovem casal...

A luz do dia não estaria criando para Jacó a possibilidade de sentir despertar de um sonho bom em uma noite mágica da qual não se teria interesse algum de acordar. Ao abrir os seus olhos, esfregá-los e talvez esfregá-los novamente, fixando-os na

mulher ao seu lado, ele percebe uma mulher de olhar triste e um semblante comum, nada de muito especial. Ela não era possuidora da mesma beleza de Raquel, não chamava a atenção dos olhares masculinos. A Bíblia não se detém nos detalhes de seus aspectos físicos porque tudo indica que ela era uma mulher comum, sem pontos atraentes. Jacó finalmente se deu conta: casou-se com a mulher errada, pois a mulher ao seu lado era Leia, a irmã mais velha de Raquel.

Concluindo: o moço foi enganado pelo pai da noiva.

Mas o moço não se mostrou desanimado. Ele concordou em trabalhar por mais sete anos para obter tão valiosa recompensa. Com acordo feito poucos dias depois de haver se casado com Leia, Jacó se casou também com o seu grande amor, a bela e estimada Raquel.

A vida seguiu em Padã-Arã, os negócios da família iam bem, tudo parecia estar de acordo com as

exigências da vida, menos para Raquel, a esposa mais amada de Jacó, e muito menos para Leia, a esposa desprezada.

O drama de Raquel não era falta de carinho, não era a ausência de atenção ou perda do romantismo de Jacó. Quem não conseguia conquistar Jacó era Leia, mesmo sendo capaz de dar vários filhos a Jacó, Raquel sempre foi o seu primeiro e grande amor, mesmo sendo estéril.

## *O sofrimento e a queixa de Raquel*

Há algum tempo tive a oportunidade de ler um livro cujo título era *Você quer o que deseja?*, de Jorge Forbes. Em seu texto o autor nos questiona se os nossos desejos são realmente essenciais para nossa sobrevivência ou se o que desejamos é porque somos influenciados pela sociedade. Se adquirimos

o que almejamos, percebemos que aquilo não nos faria falta alguma. Se não adquirimos, nos queixamos. O autor conclui que nós nos tornamos a nossa queixa, que chega a ser a própria pessoa, porque ela se torna a sua identidade, seu carimbo e sua expressão. Para Forbes, a queixa deveria ser a justa expressão de uma dor ou de um mal-estar, mas raramente ocorre assim. É habitual que a expressão da queixa seja exagerada, até o ponto de a dor acabou se conformando ao exagero dessa queixa, aumentando o sofrimento.

“Dá-me filhos, senão morro!” (Gn 30:1)

Em quem ou o que Raquel se tornou após o seu casamento com Jacó quando descobriu que era estéril e sua irmã se tornava mãe de várias crianças? Foi apenas uma questão de tempo e uma nova Raquel apareceu em cena, esquecendo-se muito rapidamente da menina pastora, admiradora da vida e espontânea.

Nessa linha de raciocínio, Raquel se transformou em sua própria queixa. Será que ela apareceu por aquela ocasião, ou esta nova Raquel e sua queixa sempre estiveram lá, vivendo internamente por trás daquele andar cheio de estilo, rosto atraente e sorriso fácil?

A queixa de Raquel se transformaria em sua marca registrada. A pastora parecia desaparecer de cena, dando lugar apenas ao grito inesquecível, que se transformaria em temas de canções, inspiraria orações e serviria de rima para poemas melancólicos: “Dá-me filhos, senão morro”. Quem não sabe que esse é o grito de Raquel? É uma composição a mais em seu DNA.

Por que Raquel deveria sofrer com sua esterilidade? A vida já havia lhe proporcionado alguns benefícios: tanto o de ser bela como o de ser a esposa mais amada. Ser uma mulher bonita e amada não é bom? Ser cortejada, receber elogios,



chamar a atenção dos olhares, ser bem-aceita em determinados grupos sociais, tudo isso não é bom?

E qual o valor da beleza para Raquel, se ela não podia gerar filhos a seu esposo? E qual valor deveria ter a fertilidade no conceito de vida de Leia se o homem a quem ela amava nunca lhe deu a devida atenção? Onde um milagre seria mais importante: no ventre estéril de Raquel, nas questões estéticas de Leia ou no próprio coração de Jacó?

Se eu estivesse no lugar de Deus, tendo que atender a tantas demandas ao mesmo tempo, confesso que ficaria confuso. Contudo, é preciso perceber que o milagre de Raquel iria acontecer após um tempo determinado por Deus. Já em relação a Leia as intenções divinas eram outras, pois parece que ela engravidava a cada tentativa, mas o Senhor nunca se esquecera de Raquel.

A dor de Raquel e seu grito angustiante são objetos de um tempo e de um mundo decaído, em que uma

mulher poderia ser duramente pressionada por ser estéril ou desprezada por não ser a mais bela.

Mas quem sabe os causadores da queixa de Raquel não sejam os seres vivos dados a raciais e que sempre tiveram dificuldades em coexistir com seus problemas e nunca se conformaram com suas limitações? Pensando nisso, é preciso compreender que Deus jamais pode agir de acordo com determinadas cobranças sociais. A Bíblia nos diz que Raquel teve ciúmes de Leia, portanto Raquel foi capaz de entregar sua serva para ter filhos em seu lugar com Jacó, pois, segundo as tradições, o filho dessa serva pertenceria a Raquel. E assim aconteceu: sua serva engravidou e deu à luz uma criança. Mas serva por serva, Leia também possuía uma! E ela que já era mãe de quatro filhos. Repetindo a ação de Raquel, entregou sua serva a Jacó para lhe dar mais filhos e a serva de Leia também concebeu. Assim, os filhos de Jacó por parte de Leia só aumentavam.

Ao olhar pela ótica humana, Raquel nunca teria condições de acompanhar Leia e ser mãe de tantos filhos como ela, mas, quando chegou o seu tempo de se tornar mãe, deu à luz dois grandes homens da Bíblia: José e Benjamim. E José a todos superou, tornando-se um grande governador do Egito.

Lamentavelmente, a Bíblia nos diz que Raquel morreu durante o parto de Benjamim. Talvez fosse trivial demais dizer que ela morreu realizando o seu maior sonho, que era ser mãe, concebendo dois filhos a seu amado esposo, Jacó. Com essa simplicidade, poderíamos encerrar a história de Raquel, mas precisamos pensar um pouco mais em tudo isso. Essa linda mulher entendeu que não lhe bastava ser bonita e a mais desejada do marido, ela queria engravidar!

Por muito tempo, Raquel não conseguiu viver a própria vida, pois a construção de sua história foi baseada em disputas familiares, lutas internas, ciúmes e muitos planos frustrados. Tudo isso porque

ela queria simplesmente ser mãe. Ou ela queria ter filhos em resposta às provocações da irmã e às pressões dos maldizentes?

É importante saber que, pelas informações do texto sagrado, assim como Deus abençoou Leia, Ele também não se esqueceu de Raquel, realizando o milagre em seu tempo particular. Para isso, eu prefiro concluir que há outras prioridades na vida que vão muito além de ser mãe. Existe a possibilidade de enfrentar determinadas provocações de terceiros com respostas maduras e saudáveis! É extremamente importante entender que Deus espera que nós compreendamos que Seus milagres não têm intuítos vingativos, muito menos em uma gravidez, o que envolve o nascimento de uma vida.

A morte de Raquel durante o parto de Benjamim me leva a pensar em um final infeliz para essa linda história de amor de Raquel e Jacó. Se pudéssemos voltar ao passado e sugerir a Deus que alterasse este último capítulo com um toque a mais de felicidade e

a possibilidade de sorrisos em vez de lágrimas... Mas quem sabe Ele falaria conosco e nos ajudaria a entender que esta é uma cena inalterável, por mais que milagres sejam possíveis a todo instante.

A vida de Raquel e sua morte prematura nos propõem não um final infeliz de um capítulo, pois a sua história jamais seria esquecida e apagada da vida de seus filhos. O certo é que Padã-Arã serviu de cenário para contar a história de uma linda mulher, que se casou com um homem que a amava muito. Por um tempo, ela se viu meio perdida nas disputas com sua irmã para gerar filhos, a ponto de esquecer que tanto o ato de gerar como o de tirar são obras divinas.

O amor existe, muito embora não o percebamos com os nossos olhos. Ele está entre nós, mas não sentimos seu cheiro nem o percebemos desenhado em linhas retas como as linhas da arquitetura humana. O amor é um fenômeno forte, invisível. Percebemos suas realizações em nosso coração

Na realidade, o que poderia atenuar o grito de Raquel seria ela primeiro compreender o amor que deveria sentir por si mesma e, de modo inteligente, tirar proveito do que tinha a seu favor, principalmente o amor do marido. Conseguir aceitar sua esterilidade, a vida, como também a sabedoria divina acessível ao nosso entendimento, para que conseguisse viver em paz e com muitas alegrias, podendo aguardar o tempo de seu milagre. Raquel conseguiu aprender que, para determinadas circunstâncias, um milagre das mãos divinas tem o seu tempo de acontecer, sendo que para outras circunstâncias talvez o milagre necessite ser realizado na própria consciência humana.

*O grito da mulher de  
hoje!*

Assim como nos dias de Leia e Raquel, toda mulher tem sonhos. Algumas sonham ser mães como Raquel; outras, ter um trabalho justo, uma boa situação financeira, uma boa formação secular. O mundo, no entanto, continua cobrando da mulher muito mais do que ela pode dar. Se a mulher hoje viver na tentativa de atender a todas as demandas exigidas pela sociedade, ela jamais será feliz. Ela precisa compreender que este mundo é como um monstro de apetite insaciável, confuso e de valores estranhos. Se for assim, a mulher jamais poderá envelhecer em paz, não poderá aceitar com naturalidade os sinais dos anos e sempre será refém de um mundo exigente que não tem ideia do que realmente é bom e saudável para a vida.

A Raquel dos dias atuais continua sendo pressionada para continuar sempre produzindo. Ela precisa estar sempre maquiada, bem-vestida, bonita, jovem e eternamente submissa. Já o homem sempre fica bem de calça jeans, um tênis e uma camiseta de

malha ou social. O cabelo? Ora! É só lavar com shampoo e condicionador, dar uma chacoalhada e ele fica ótimo. Com a mulher, porém, não é bem assim. Ela tem de estar sempre linda e impecável aos olhos de todos.

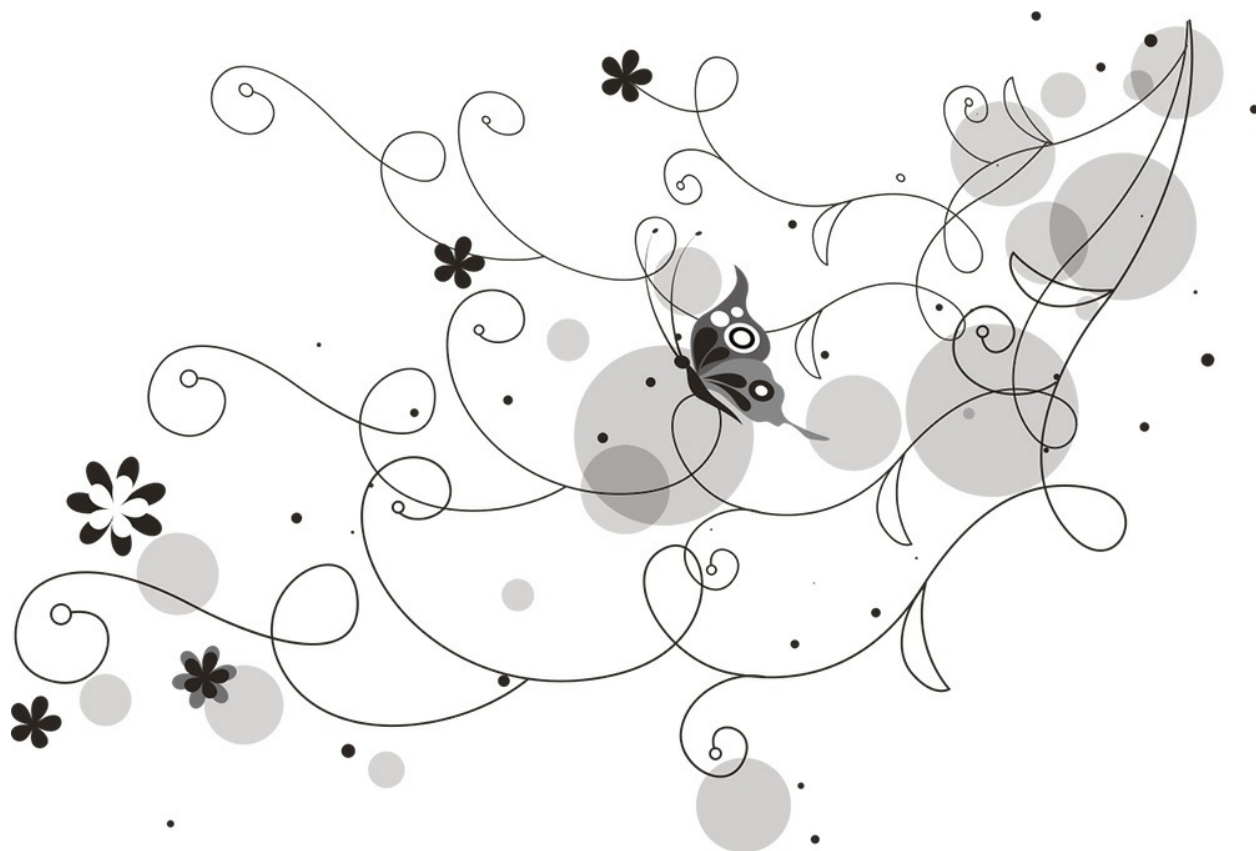
No entanto, esta não é e nunca será a vida em sua forma real, pois cada mulher acaba tendo de conviver com algum tipo de esterilidade como um exemplo de suas limitações. Há mulheres que fisicamente parecem perfeitas, mas imperfeitas em suas emoções e nem sempre são amadas ou respeitadas; há outras descontentes por se acharem gordinhas demais ou magras demais.

Há casos especiais, aquelas que convivem com suas reais deficiências físicas e até mesmo são dependentes de uma cadeira de rodas. Há mulheres no CTI dos hospitais ou que sofrem com desrespeito social e religioso em forma de cultura, algumas porque precisam cuidar de muitos filhos sozinhas, outras porque têm dificuldade para engravidar.



Mulheres em muitas partes do mundo sofrem com espancamentos diários e são humilhadas a todo instante simplesmente porque são mulheres...

Fica difícil saber qual delas precisa de um milagre mais urgente. Seria sonhar demais pensar em mundo mais justo? Creio que o que é preciso, na realidade, é mesmo um milagre na consciência, e então a mulher poderá ser naturalmente mulher. Em casa, no trabalho, na escola, em qualquer ambiente ela precisa ser respeitada e amada. Só assim poderemos atenuar o grito de Raquel e quem sabe ela poderá realizar seus sonhos sem ter uma morte precoce, mas envelhecer com todos os direitos que Deus lhe concedeu. Dessa maneira, a mulher vai continuar transformando destinos!



# *O pedido da mãe de Tiago e João*

*“Então, se aproximou dele a mãe dos filhos de Zebedeu, com seus filhos, adorando-o e fazendo-lhe um pedido. E ele diz-lhe: ‘Que queres?’ Ela respondeu: ‘Dize que estes meus dois filhos se assentem um à tua direita e outro à tua esquerda, no teu Reino’.” (Mt 20:20, 21)*

Jesus tinha um jeito agradável de ser. Como um grande mestre na arte do ensinamento, sabia colocar as palavras aos ouvidos das pessoas de modo a adequá-las aos sentidos e expectativas de cada um. Suas mensagens eram perturbadoras e comoventes, mas só Ele, acima de todos que o antecederam, conseguiria ministrar sobre os mistérios do reino de Deus com uma simplicidade tão singular que não havia quem não se impressionasse após ouvi-lo. Ele

transmite uma ideia de que o reino de Deus na realidade não é este ambiente confuso, tumultuado, cheio de desconfiança, intrigas, invejas, assassinatos e hierarquias injustas, como o reino dos homens.

A teologia de Jesus era simples. Ele não se disfarçava de um deus enigmático e cheio de imposições para alcançá-lo, recebia a adoração dos tantos que o amavam, mas também não era preconceituoso no que se refere à sua humanidade, sujeita a sofrer os desgastes e as lesões da vida. Ele não tinha dificuldades em se autodenominar filho do Homem.

Quem o via de perto, não tinha como não se impressionar com seus gestos e expressões divinamente inspiradas, ao acalmar o mar revolto, curar os cegos e expulsar os demônios das pessoas. De longe, porém, Ele é muito parecido com os seus discípulos. É como os homens comuns, possuidor dos traços corriqueiros a todos os seus seguidores. Assim como todos os outros, também gostava de

uma boa prosa, contava parábolas, não dispensava os bons adágios populares e comia um bom peixe assado – Jesus tinha razão, pois também sou fã de um peixe assado (risos).

É devido a esse poder de atração que certo dia esta mãe, ao acordar bem de manhã, possivelmente ansiosa para que as horas se antecipassem e finalmente ela pudesse ter uma conversa com o Mestre sobre seus filhos Tiago e João. Ela era a esposa de Zebedeu e tinha um sentimento comum ao coração de todas as mães que querem sempre o melhor para seus filhos. É um pensamento justo dado às incertezas da vida, às oscilações dos tempos e à crueldade dos homens.

A leitura que precisamos fazer sobre ela é de uma mulher contextualizada às dificuldades de sua época, moldada em um tempo de extrema insegurança e em meio a uma sociedade que já convivia com as próprias diferenças sociais. Os pobres trabalhavam muito, apesar de o clima ser favorável e de a

agricultura ser farta. A vida não se tornava mais fácil para os menos favorecidos. As classes eram bem definidas em um sistema de urbanização ainda arcaico, mas já traziam em seu mapeamento as partes mais isoladas e sem tantos recursos para moradia dos pobres. Naqueles dias, tal como nos de hoje, vencer na vida ou ser alguém importante também era um processo muito difícil. Essa mulher, mãe desses dois rapazes, sonhava com uma vida melhor para eles. E, por razão de tantos desafios praticamente impossíveis de ser superados, ela viu no pregador da Galileia uma esperança de que a vida dos filhos poderia estar assegurada em um futuro de glória e prosperidade ao lado do Senhor.

Ele era incontestavelmente um homem notável, bem-articulado nas palavras, faz grandes milagres, realmente um grande conquistador das multidões. No entanto, ouvi-Lo com motivações incertas e sem conseguir compreender os objetivos de seus sermões

pode muito bem definir as linhas defeituosas e imperfeitas de nosso caráter.

Ele, porém, não tem dificuldades em entender esses dilemas das vaidades humanas e sabia que estava bem próximo de uma mãe que amava seus filhos de todo o coração. E, através de uma oração por eles, ela não demonstrou constrangimento nenhum em Lhe pedir dois lugares de honra ao lado de Jesus em seu reinado. Mas quem, a não ser Jesus, poderia censurá-la por isso? O coração de mãe sempre se mostra tendencioso a essas expressões e atitudes semelhantes quando se trata especialmente dos filhos.

“Meus filhos merecem o melhor lugar no reino”, o que representaria os dois principais após o rei, assim como Jônatas e Abner se assentavam ao lado de Saul, o primeiro rei de Israel. Nessa ordem de hierarquia, não haveria ninguém com maior autoridade do que eles, a não ser Jesus, “o Rei”. Sua oração não chega a ser pautada em argumentos

dosados por pensamentos coerentes e por demasiada humildade. Ela é criticada por sua ousadia e o tamanho de suas intenções em desejar introduzir os seus dois filhos em um lugar somente ocupado pelos principados e mais importantes conselheiros do Rei.

Se eles possuíam as qualidades físicas que talvez lhes dessem as condições para as possíveis batalhas nas diversas guerras que os príncipes se envolvem, não sabemos. Se eles eram mentalmente preparados para suportar as pressões de um reino, é também uma informação desconhecida. Ignoramos as informações sobre o grau de intelectualidade dos rapazes. Seriam eles hábeis no exercício da diplomacia e na arte do bom relacionamento? Seria bom de imaginar que, para exercer a liderança imaginada por esta mãe ao lado de Jesus, talvez estas seriam no mínimo as qualidades básicas dos candidatos aos lugares reivindicados por ela.

Ela apenas fez uma breve oração, antecipada também por uma adoração. Não se fala de



qualidades, defeitos ou incoerências, mas, na lógica, se analisarmos com mais cuidado, talvez perceberemos apenas mais uma mãe que não desejava que seus filhos se perdessem em um mundo que talvez para ela não daria outra chance de ter uma vida melhor.

## *Adequando a oração da mãe na dimensão de um projeto maior*

O Mestre sempre reservou momentos para conversas criativas, usando exemplos e fazendo comparações com exercícios pedagógicos. Ele orientava os seus ouvintes a se localizarem dentro de si mesmos, fazendo-os perceber suas fraquezas, inclinações e desacertos pessoais. Mas todos esses desacertos são comuns aos seres humanos, portanto Ele não se escandaliza com a espiritualidade

preguiçosa nem com temores que geram insegurança e assombram o coração. Ele parece gostar de situações que potencialmente seriam geradoras de fontes de informação e conhecimento para os Seus seguidores.

E com amor e profunda sabedoria, assim como Ele fez com tantas outras pessoas, mais uma vez procurou criar um processo para adequar os desejos mais íntimos do coração dessa mãe que sonhava com o melhor para seus filhos a uma dimensão de um projeto ainda maior. Suas palavras criam as ligaduras nos tecidos soltos da alma, permitindo a passagem de fluidos jamais percebidos por quem sonha apenas superficialmente.

“Não sabeis o que pedis”, disselhe Jesus. Ela expressa ter adquirido um conceito equivocado sobre identidade do reino de Cristo, cujas características direcionam à espiritualidade. Com a mesma postura de sempre, Ele jamais deixou Seus ouvintes confusos e mostraria a essa mulher que

existem valores ainda mais importantes sobre Ele que ela ainda precisava compreender. E salienta que as altas posições em Seu reino estão reservadas a quem estiver em condições de passar pelos mais profundos sofrimentos e angústias, pelos quais Ele mesmo passaria. As conquistas dos lugares especiais no reino de Cristo não se alinham às nossas tendências e aos nossos desejos meramente materiais, mesmo que venham das sinceras intenções do coração de uma boa mãe. Jesus compreende bem o coração de uma mãe e, por algumas vezes, O encontramos no texto bíblico realizando um milagre na vida e na família de outras mulheres, que vinham ao Seu encontro por diversas razões. Mas, quanto ao pedido da mulher de Zebedeu, é algo com implicações mais profundas do que ela, seu esposo e seus filhos poderiam imaginar.

Ele não disse a essa mãe, preocupada com a família, que seria impossível para Tiago e João se assentarem ao lado d'Ele, mas que tal processo de

concessão desses lugares, até então, dentro de Sua humanidade, não Lhe cabia decidir, e sim ao Pai.

Jesus realizou a justa tentativa de ensiná-la que Ele está destinado a passar por uma difícil tribulação. E, ao que parece, essa mãe ainda não havia percebido a essência das verdades que Jesus até agora havia ensinado.

Ele pareceu manter um olhar crítico à oração da mãe.

Por mais bem-intencionada que ela estivesse, a vida não se compõe dessas riquezas terrenas. É simplesmente um sonho essencialmente ilusório e efêmero. “Eu vou beber de um cálice”, disse Ele tratando de Seu sofrimento futuro. Depois, acrescentou perguntando aos rapazes se seriam capazes de beber do mesmo cálice que Ele e os dois responderam que sim.

Para ela ficou o aprendizado de que, ainda que seus filhos não se assentassem ao lado de Jesus na regência de uma nação, eles se envolveriam em uma

causa com propósitos e valores eternos. Essa é uma decisão que, em suas peculiaridades, de forma alguma seria um obstáculo para usufruir dos bens desta terra, ocupando os melhores espaços nas empresas ou na política. No entanto, é naturalmente adequado adquirir uma percepção de que é possível viver uma vida modesta com tonalidades mais tranquilas, sem a necessidade de se assentar ao lado de um grande rei.

## *Uma lição a ser extraída*

Vivemos em um mundo severamente competitivo. É normal que nas famílias de hoje as crianças, em seus primeiros anos, já sejam iniciadas com noção de que vão precisar ser os melhores em tudo. Portanto, a agenda de muitas delas talvez esteja mais sobrecarregada que a de adultos, que, por exemplo, trabalham oito horas por dia, estudam, vão à igreja, à academia ou se envolvem em uma ou outra

atividade. Às vezes, nem de longe seriam atividades diárias de muitas crianças e adolescentes que vivem sob a pressão de que nasceram para o comando. No entanto, mães e pais não medem esforços para custear uma dezena de cursos visando a preparação dos pequeninos para enfrentar, no futuro, o mundo dos negócios, as oscilações da Bolsa de Valores, as variações de mercado, produtos de investimento, ouro, café, petróleo, imóveis, automóveis, negócios, dólar, euro e números e mais números...

Eles precisam crescer sabendo que serão sempre os melhores em suas profissões. Os melhores advogados, os melhores médicos, os melhores políticos. Que pena, pois, se não houver cuidado, realmente serão melhores em tudo, menos os melhores seres humanos.

No meu tempo de infância a vida não apresentava as mesmas oportunidades de hoje. Como não estudei no jardim de infância e fui para a escola aos sete anos, lembro-me que as primeiras lições que

minha professora me deu foram aprender a segurar o lápis e a desenhar linhas que me faziam imaginar estar desenhando as ondas do mar. Chegava da escola e apanhava jamelão do quintal da dona Eni, nossa vizinha, que nunca se importou com isso. Na rua, as crianças, aos gritos, brincavam de rouba-bandeiras, queimada, bolinhas de gude, polícia e ladrão e boca de forno. Ah! Que inocência a minha. Perguntei à minha filha Gabriela se ela sabia o que era brincar de boca de forno. Ela se levantou e me disse: “Eu nunca ouvi falar disso”.

As coisas eram bem menos tecnológicas do que hoje, mas tenho saudades de tudo aquilo, e sentir saudade da infância com tantas peraltices faz parte da vida de um adulto. Isso é muito bom! É preciso pensar que muitas crianças da geração de hoje podem não sentir saudades deste tempo de tecnologias modernas, jogos eletrônicos, celular, iPod, notebook. Tudo é muito bom, só não chega a ser, de certo modo, infantil.

Preparar os filhos e querer que se assentem nos melhores lugares do mundo é bom, mas também qualquer mãe ou pai precisa aprender que alguém vai ter que preencher os lugares secundários, e estes não serão menos honrosos.

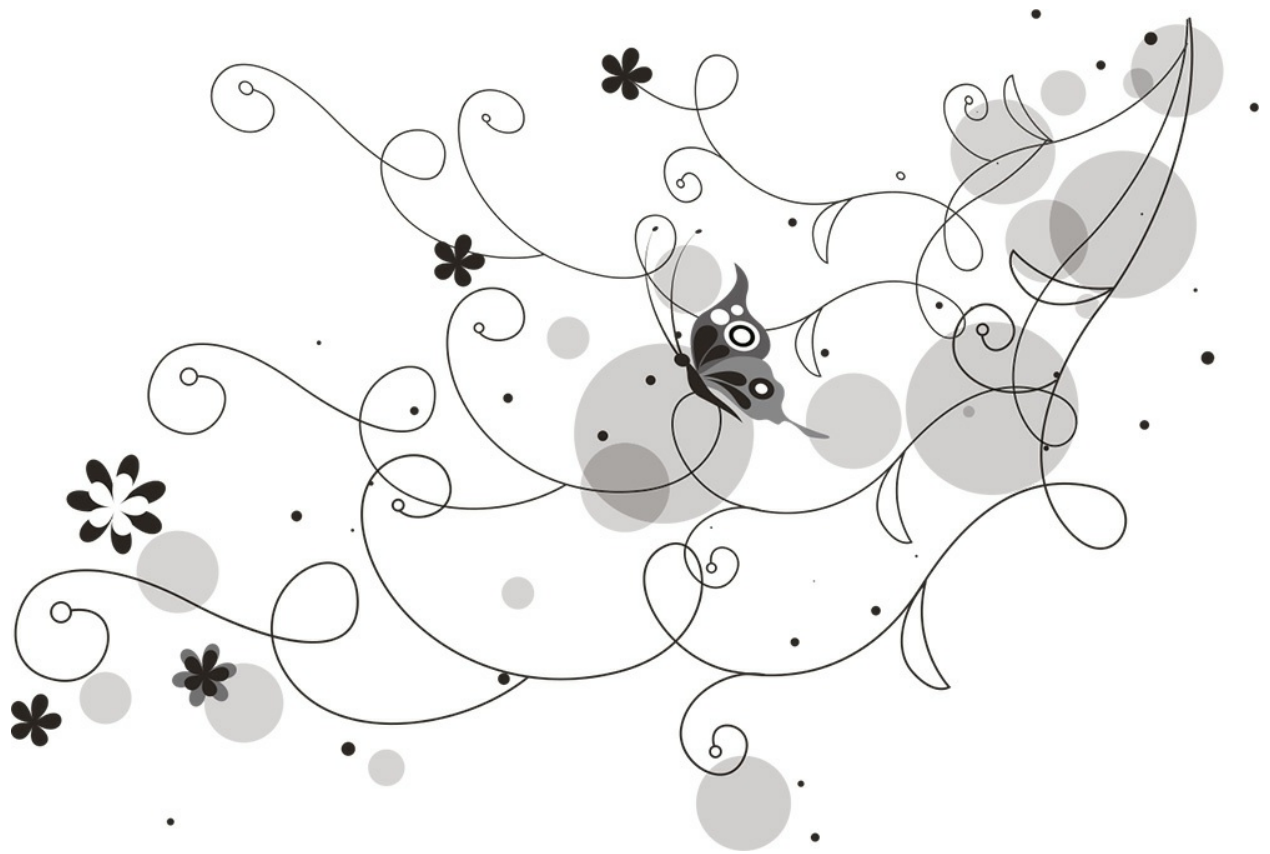
Jesus passou para esta mãe e seus filhos que estar com Ele sendo ou não rei de Israel, profeta famoso ou sacerdote, bebendo ou não o cálice da sua dor, seria um destino de maior excelência porque visa a riquezas que jamais apodrecem ou se corrompem. Os primeiros lugares neste mundo dos negócios e da política podem ser para poucos, mas creio que o melhor lugar em que um filho pode estar, seja ele jogador de futebol, ator famoso, modelo, mecânico, eletricitista, faxineiro ou piloto de avião, é onde se sente como um membro da vida, com seus propósitos e destinos traçados sem pular etapas, e que não construa neles a sensação de ser mero objeto de um mundo controlado por sonhos de terceiros.



Existem jovens que não superam as duras oscilações da juventude e a vida deles, de modo precoce, é sugada tão covardemente e nenhum sonho é realizado.

Feliz foi aquela mãe que não viu seus filhos se assentarem ao lado de nenhum rei aqui na terra, mas os viu caminhar ao lado de alguém que jamais iria fazer da vida deles um desperdício, que lhes ensinaria que o melhor lugar é naquele em que estamos cumprindo a nossa missão. E, para isso, não é necessário estar em trono algum.

Jesus é bom. Quando uma mãe sonha com seus filhos vivendo ao lado d'Ele, com certeza está sonhando com o melhor. Pode ser no campo, na cidade ou até no palácio; perto d'Ele, qualquer filho sempre estará muito bem.



# *Bate-Seba*

## *Uma gravidez inesperada*

*“Pejada [grávida] estou.” (2Sm 11:5)*

Essa foi a mensagem que chegou aos ouvidos do rei Davi, que, por sinal, naquele período – segundo alguns cronologistas bíblicos –, teria mais ou menos cinquenta anos. Era um homem de um currículo riquíssimo e até invejável para muitos de seus inimigos. Apesar das guerras, sua vida estava estabilizada. Um homem segundo o coração de Deus, de acordo com o texto sagrado.

Ele acabara de receber uma notícia extraordinária vinda da casa de sua vizinha: ela estava grávida e, sem dúvida alguma, diante dos últimos acontecimentos, ele era o pai da criança. Essa mensagem, para muitos papais, seria motivo de

grande festa: um churrasco para os amigos, pedindo aos parentes sugestões para o nome do bebê. Seria uma boa hora para convidar um bom marceneiro e discutir os detalhes do projeto do quarto da criança, que, no ventre de Bate-Seba, já estaria dando os primeiros sinais de chegada a este mundo, pré-anunciando que mais uma vez a natureza cumpriu o seu papel a favor da vida.

A natureza, através do corpo de Bate-Seba, provou suas disposições e eficiência com tamanha habilidade na sincronização de células ansiosas pela produção da sobrevivência, emoldurando o que há de mais belo na Criação: o início de uma vida humana. Em um processo único e inacreditável de ajuntamentos de microrganismos que se submetem a esses movimentos valiosos de inestimável valor, eles parecem conhecer os mistérios e decifram os enigmas do universo uterino no ventre daquela bela e jovem mamãe.

Há um lindo texto do livro *A vida do bebê no útero*, de Peter Nathanielsz, em que ele diz o seguinte:

Para o bebê, o útero é o seu mundo, um universo em miniatura. Vivendo em um espaço escuro e aquecido, o feto é sustentado pelas gentis fibras musculares do útero de sua mãe, balançando de um lado para outro. As primeiras ultrassonografias de seu bebê retratam-no a caminho de um novo mundo. Ele é viajante em um espaço uterino de olhos abertos e inocentes, sonhando intermitentemente é um astronauta ligado à nave-mãe por um fino e transparente cordão umbilical.

Este pequeno e inocente ser que recentemente foi concebido no útero de Bate-Seba surge como resultado de um relacionamento sexual entre ela e Davi, o rei de Israel. Ambos viveram momentos de intenso prazer, naturalmente proporcionados por uma ardente relação sexual. Talvez seria insensatez e muita inocência de nossa parte pensar o contrário deles. Este homem não era solitário, mas de muitos

amigos – talvez não na mesma proporção que seus inimigos. O fato é que ele revolucionou os dias de Israel durante os anos de seu reinado. Não era mais o fugitivo na caverna de Adulão, ele era o rei Davi! Sim, o grande rei Davi!

Escolhido a dedo por Deus entre os familiares e entre os milhares de Israelitas, uma escolha realmente adequada para um tempo tão hostil. Homem de habilidades múltiplas, sabia fazer poesias. De olhar contemplativo sobre a vida, era sensível e intenso no que fazia, capaz de amar a Deus e de demonstrar isso através da arte literária e do louvor. Era um modelo de vida que soube aproveitar cada dia de seu tempo. Ele tinha o respeito dos homens e as mulheres lhe faziam canções em reconhecimento aos seus valores. Executava com perfeição a arte da guerra, e isso é tudo o que um povo precisa ver em um grande monarca. Ele conseguira provar por que Deus o havia chamado.

Seguindo o modelo da arquitetura da época, esse grande e próspero rei construiu sua casa bem em cima de uma colina. Normalmente, seus aposentos eram erguidos onde descansavam e dormiam: no segundo andar da casa. Eram amplos e arejados, adornados com tapeçarias elegantes e cortinas bordadas à mão. Sua mobília provavelmente lembrava a elegância e a versatilidade do cedro do Líbano na confecção dos móveis, compondo um ambiente que, além de bem decorado, oferecia conforto e aconchego para esse grande homem.

O clima sinalizava o fim das estações chuvosas em Israel. Ventos calmos e tranquilos, somados ao quadro das construções da antiga cidade de Davi, convidavam moradores a observar a vida passar tranquilamente de suas janelas. Havia um amplo terraço junto às acomodações da casa do rei, construída no alto da colina. Assim, quando ele decidia passear por ele, era privilegiado com a

bondade do clima e dali podia observar tudo e todos.

Naquele dia, quando descansava em seu quarto após dormir, o rei contemplativo e observador dos detalhes da natureza saiu para dar um pequeno passeio em seu fabuloso terraço. Longe da guerra em que estavam seus homens liderados por Joabe, um dos seus mais fiéis guerreiros, ele podia tirar proveito de um dos sentidos mais importantes do seu corpo: a visão. E ele cuidadosamente passou os olhos em um imenso céu azul, traçou as medidas do horizonte e vagorosamente enquadrrou a visão cidade adentro. De repente pequenos ruídos de água caindo ao chão lhe chamaram a atenção, aos quais ele calmamente se orientou. Não acreditava no que estava vendo. Talvez tenha tentado desviar os olhos, talvez não! Mas lá estava ela, sua vizinha, em uma parte aberta de sua casa onde muitos acreditavam ser o lugar especialmente construído para o banho



dos cidadãos da época. Ela sabia que podia ser vista por alguém?

Se ela tinha a intenção de não ser vista, penso que lhe faltou prudência. Se ela desejava ser vista, conseguiu com enorme sucesso, e conseguiu um fã incondicional, o próprio rei Davi!

O texto bíblico diz que Bate-Seba era uma bela mulher. Naquele exato momento, resolveu tomar banho no pátio central de sua casa, bem ao ar livre, aproveitando o bom tempo em Israel. Para uma israelita, que convivia com tantas tradições religiosas, com certeza não seria um comportamento adequado. Ela era uma mulher bonita, mas estava sozinha. Seu esposo, Urias, o heteu, era um homem de grande responsabilidade militar, e estava ao lado de Joabe no campo de batalha dando a vida pela nação.

Bate-Seba era uma mulher casada, porém muito solitária.

O texto bíblico nos diz que ela, ao se banhar, estava se purificando do período menstrual. Então, a exposição de sua nudez em seu quintal atraiu o olhar do homem mais importante de Israel: o tão estimado rei Davi. A paixão foi inevitável, e o moço ficou extasiado com a visão da esposa de seu fiel soldado.

Depois que Davi a viu pela primeira vez, mandou buscar a bela e sensual vizinha solitária, mas um dos seus servos lhe avisou de que ela era casada. Independentemente de qualquer situação, ele já não era mais inocente, tinha plena consciência do mal que estava para cometer.

## *Depois de tudo, uma gravidez!*

Por conveniência ou não, o autor deixou alguns pontos obscuros no texto. Por exemplo, ele não deixou claro como foi a reação de Bate-Seba

quando os servos de Davi foram buscá-la em sua casa. Teria ela mostrado algum tipo de resistência ou ela atendera ao chamado deliberadamente?

Alguns comentaristas bíblicos acreditam que tudo não passava de um plano de Bate-Seba, pois, segundo eles, ela era uma mulher extremamente inteligente, habilidosa, sabia o que estava fazendo e simplesmente se deixava levar pelas circunstâncias sem se sentir incomodada.

É bom lembrar, porém, que não percebemos nenhuma evidência de suas reações no texto sagrado, apenas que houve relação sexual e, como resultado, ela engravidou.

Quem pode saber se esta era ou não a sua intenção? Isso também é outro ponto obscuro, mas há quem diga que, por ter consciência de seu período fértil, ela tinha consciência do que isso poderia resultar. E aconteceu tal como ela realmente pensou, mas nada disso também teríamos condições de afirmar. O que temos certeza é de que muito em

breve a mulher solitária com o esposo na guerra se tornaria mãe de um filho do rei Davi.

Bate-Seba era uma mulher saudável e com certeza a gravidez poderia fluir de modo muito perfeito. A criança que acabara de ser concebida em seu ventre fora resultado de um adultério entre ela e o rei. Mas e agora? O que poderia ser feito com o pequeno ser gerado mesmo com a existência do pecado?

A existência está subordinada a processos que por si só garantem o sucesso da vida na terra. O sexo visto hoje de modo tão banal por nossa sociedade não apenas tem a função de proporcionar prazer a um homem e uma mulher, e esta é uma das formas inteligentes de Deus para nos dar prazer. É uma ação que gera dependência: homem e mulher dependem um do outro, e isso não é um produto de mera evolução.

Como a evolução poderia ser capaz de agir por si mesma sem que ninguém estivesse organizando nossos padrões biológicos, nos proporcionando a

inacreditável dinâmica de interação a dois de modo tão coerente? É uma inclinação à sensação perfeita, o prazer deve ser perfeito, só uma mente como a mente de um Ser perfeito é capaz de proporcionar ao homem predisposto a passar por tantas privações entre dores, lutas e doenças, a grandeza de uma sensação sem defeitos, pois as suas motivações também fazem parte do planejamento de todas as realizações divinas na terra.

A atividade sexual, o desejo pelo prazer, é um fenômeno biológico. O sexo está ligado à vida e não há nada mais honroso para o homem do que ele também ser responsável por gerar vida. O único que não precisou ser gerado através de uma relação sexual foi Jesus, que primorosamente, por um milagre perfeito, foi gerado no ventre de Maria por uma ação exclusiva do Espírito Santo. Sua mãe viera de uma descendência e ela fora resultado de uma relação íntima entre o seu pai e sua mãe. Então esta é uma das maiores provas de que uma das

maiores bênçãos de Deus é a capacidade do homem de ser pai e a da mulher de ser mãe.

Deus é livre e cria homem e mulher de modo perfeito, mas o homem consegue macular todo elemento perfeito que o Senhor criou.

A mulher de Urias se tornou mãe de um filho do rei. E o que esse homem não previa era a gravidez da mulher que ele, do terraço de sua casa, viu tomando banho. Mas ele era também um homem saudável e em pleno vigor físico, forjado na semelhança de todos os homens, biologicamente preparado para se tornar pai mais uma vez. Essa é uma questão já concebida na Criação: homem e mulher geram filhos! A concepção desse pequeno príncipe e a sua existência foi confirmada pela legitimidade de sua vida, por mais informe e minúsculo que ainda fosse no ventre de sua mãe. A vida desse feto era cem por cento real para a biologia e para Deus. A partir daquele momento, ele era uma alma vivente. No ventre da mãe, já possuía

as características que o definiriam como um ser semelhante a Deus e a sua pequena vida permaneceria sempre vinculada à essência da eternidade.

Como não admitir que em cada ser gerado no ventre da mulher exista a real manipulação das mãos eternas de Deus? E permanece presente com Aquele que no ventre da mulher cria as vias para introdução do espírito na vida de cada ser concebido. Isso acontece a todo instante, independentemente de um querer humano ou de forças espirituais. Essa é uma parte da matemática eterna de Deus. Seu trabalho é criar as devidas condições para que esse pequeno seja também preenchido pela presença de Seu lado intocável, dotado de invisibilidade, porém habilitado para garantir a sobrevivência e usar essa pequena criatura para que seja sensível à presença do seu Criador eterno.

O bebê lá no ventre materno não é como uma vida abandonada em uma caixa de papelão ou numa

caçamba de lixo. O espírito doado por Deus é garantia de uma existência. Ele precisa ser presente a partir do pulsar das primeiras batidas do minúsculo coração. E é o fôlego do Criador concretizando os intentos mais íntimos da relação entre o ser humano e Deus. Essa é a lógica do início da vida no ventre, que consiste na necessidade de ser perfeita e imaculada com a mesma ênfase dada no princípio de todas as coisas quando, com Suas próprias mãos, Deus criou o homem e, logo após tê-lo formado, assoprou em suas narinas. Desse modo, o coração de Adão bateu pela primeira vez e o seu sangue jorrou por suas veias, repleto de glóbulos brancos e vermelhos no exercício de suas funções.

O espírito da vida doado ao filho de Bate-Seba por Deus fez dele um ser essencialmente perfeito no fator mais íntimo da existência humana. Ele não tinha mácula; era perfeito no espírito, pois o seu Doador é perfeito. A ação imperfeita havia sido a intenção que o fez existir, e ele foi resultado de uma



relação íntima, mas aparentemente apenas com o intuito de uma aventura; somente uma paixão momentânea.

O que fazer com esse bebê?

As evidências do texto não negam. A mãe da criança não sabia o que fazer e enviou a notícia ao rei: “Estou grávida!”. É uma frase curtíssima, mas com peso notável. Essa mulher estava grávida de uma criança, com a qual, pelo que vemos, ninguém sabia o que fazer. É uma estranha sensação pensar que a criança no ventre de Bate-Seba não passava de um estranho no ninho. Ele nada mais era do que um imprevisto e jamais foi visto por nenhuma previsão profética. Era apenas um acidente de percurso. Como criar, então, um espaço no mundo para uma criança cuja existência ninguém tratou? Talvez nem mesmo Deus havia pensado nela.

Seria muito insignificante dizer que, depois que se constata uma gravidez como essa, o que cabe a Deus Ele cuida. Um bebê, porém, para se manter

vivo, não depende apenas de Deus, pois está em um ventre pertencente a uma mulher, que pode fazer dele o que quiser. Que estranho saber que essa mulher não era Deus, mas tinha uma vida nas mãos dela, uma vida sem domínio algum, sem autoridade sobre si mesma. Nesse bebê ainda não havia memórias, ele apenas começou a enfrentar suas primeiras adversidades. Sua existência causou um desajuste familiar e social. Essa gravidez não podia ter acontecido, mas o bebê iria nascer e Bate-Seba seria mãe de uma criança concebida em uma relação ilegal. Davi, o pai, estava preocupado com o escândalo, mas a atitude da mãe continua sendo um mistério.

Ela queria ser mãe daquele menino? Por que a Bíblia faz silêncio sobre o assunto? Seria o adultério? Por que o autor não mostrou sua alegria ou seu sofrimento e permaneceu calado? Onde estava Bate-Seba?

Ela mais nos parece uma personagem sem força de presença. É uma mulher indecisa ou decidida demais!

Diferentemente de outras mães da Bíblia, ela não agiu, não se movimentou, não teve ideias criativas, não orou. Mas, apesar de tudo, não deixou de ser uma mãe da Bíblia, pois teve um filho dentro do contexto. A grande dificuldade é que ela, de fato, não sabia o que fazer com a criança, pois as circunstâncias realmente eram gravíssimas, a ponto de Davi ordenar a morte do grande Urias, que se recusou a voltar para casa e ficar com sua esposa. Se assim o fizesse, quem iria suspeitar que o filho não era dele?

Sabemos que em tais circunstâncias um aborto seria o ideal, afinal a criança no ventre é totalmente indefesa, não sabe lutar e não tem destreza. Não sabe orar. É uma vida que pode se extinguir. Jamais deixaria vestígio algum e ninguém pagaria por isso.

O aborto sem uma justificativa clara da Medicina é uma ação contra uma vida inocente. Neste caso, porém, não foi a criança que morreu, mas Urias.

Para que o escândalo não acontecesse, ele precisou morrer e a criança, nascer. A questão é que ela não era saudável e ainda sequer tinha um nome. É uma personagem que quase não aparece, mas nasce do ventre de sua mãe. Penso que tenha nascido apenas para nos contar uma história, uma pequena e triste história de seu nascimento que incomodou e desestruturou duas famílias, em um jogo de poder e sedução. O bebê viveu por poucos dias e logo depois faleceu. Deus talvez tenha decidido transformar o destino da criança, levando-a para Si e deixando um vazio que nos estranha até hoje.

*Um problema do mundo moderno*

Uma gravidez como a de Bate-Seba se repete a todo instante. Algumas mulheres se tornam mães de filhos, que, em determinadas circunstâncias, podem ser indesejados por estarem associados a uma série de fatores, desde financeiros a crises no casamento. Crianças indesejadas se tornam vítimas de abusos de adultos inconsequentes que conduzem a vida de qualquer modo. Bate-Seba representa a ausência da grandeza de espírito presente em todas as demais mães da Bíblia, que, com ousadia, foram criativas, sábias e corajosas para defender seus filhos e família. O autor do texto bíblico nesta narrativa apagou por um tempo o heroísmo de Davi, ofuscou a beleza de Bate-Seba, mas por um momento engrandeceu Urias como um exemplo de integridade e lealdade.

A criança seguiu seu destino no coração de Deus. Sua história jamais deveria ser apagada de nossa mente. O que a princípio poderia ser apenas mais uma aventura amorosa, acabou por revelar o que

pode haver de pior no coração das pessoas quando se trata dos seus desejos e paixões. Deus perdoou Davi e Bate-Seba por seu pecado, mas a casa de Davi jamais voltou a ser a mesma. Por consequência do erro cometido, sua família enfrentou grandes tragédias.

De qualquer maneira, esta é só mais uma história sem um final feliz na terra dos viventes e Bate-Seba não foi a única mulher que aparentemente não soube o que fazer de sua gravidez.

Termino o último capítulo deste segundo livro da série “Mães da Bíblia” como uma voz que sem a eloquência dos grandes oráculos modernos que lutam por um mundo melhor e mais digno.

As mães da Bíblia talvez sejam uma referência para tantas mulheres do nosso tempo que suportam a dor, atravessam desertos e dão a vida por seus filhos.

Em cada linha deste livro, sou incapaz de me esquecer de minha mãe, que criou dez filhos com

todas as dificuldades do Brasil de anos atrás. Eu sou o oitavo filho da família e ela decidiu cuidar de mim na tentativa de transformar o meu destino, como também o dos meus irmãos... Minha mãe, por diversas vezes, precisou ser criativa para enxugar as nossas lágrimas e curar a nossa dor.

A grande vantagem do amor de mãe é que ele faz parte da natureza da mulher. Para ele existir no coração de cada uma delas e ser tão eficiente, Deus nunca precisou baixar um programa digital, não implantou um *chip* no cérebro feminino nem precisou realizar congressos mundiais para ensiná-las sobre as etapas do seu amor.

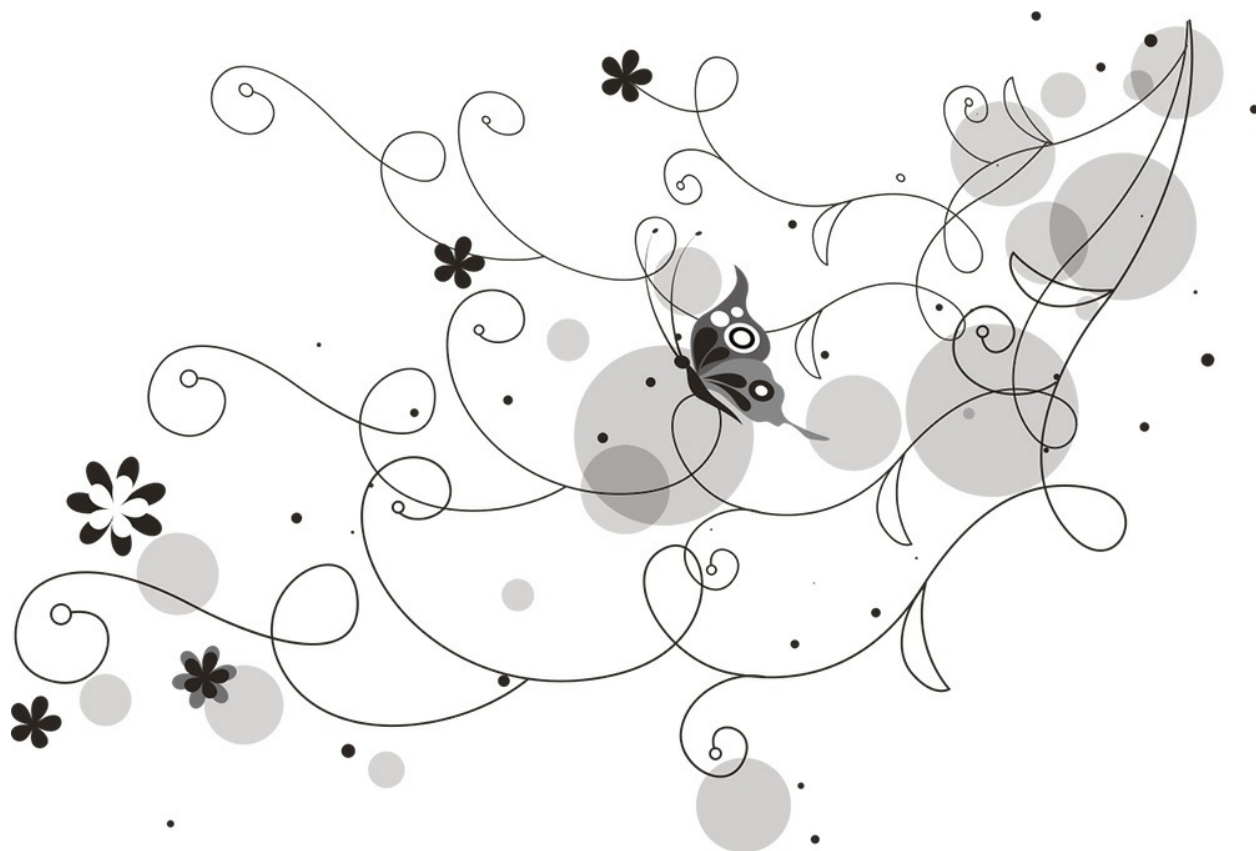
Amor de mãe sustenta a vida nas alterações das estações e norteia corações indecisos. O amor de mãe é o contexto da história dos que transformam o mundo. Por trás das mãos que curam, que lutam nas guerras, que protegem a sociedade, que governam estados e presidem nações sempre haverá uma história de uma mãe protetora que, muito antes de

proteger no seu ventre sua pequena criatura ainda informe, já o protegia em seus lindos sonhos infantis, ensaiando singelas canções de ninar a embalar seus bebês de brinquedo.

Mãe tem o poder de conseguir tornar a vida mais simples. Ela consegue nos fazer sentir saudades de um almoço de domingo – aquele frango com quiabo, maionese e o mexidão da segunda-feira, feito com o que sobrou do almoço. Mãe é mesmo assim. O mundo muda e tudo se transforma, mas ela continua implicando com as nossas escolhas amorosas e com o horário de chegar em casa no sábado à noite. Mãe é o milagre intocável de Deus. Quanto à Bate-Seba, ela teve outra chance de mudar a sua história e conseguiu transformar o destino de Salomão, seu filho, que se tornou rei de Israel, podendo finalmente fazer parte desta narrativa que também fez dela uma personagem desta simples prosa chamada *Mães da Bíblia – Outras histórias de mulheres transformando destinos*.



Que Deus abençoe todas as mães da Terra!



# *Agradecimentos*

Sei o quanto é difícil expressar em tão poucas linhas uma maneira justa de colocar como sou grato a Deus, que é o motivo e a principal inspiração deste trabalho, e a todos os que, mais uma vez, estiveram ao meu lado durante esta grande jornada. Sinto-me à mercê das minhas limitações quando me lembro dos meus colaboradores, pelo carinho, incentivo e pelas sugestões dadas durante todo o processo da criação desta obra.

É com imensa alegria e enorme senso de dever que desejo colocar aqui meus agradecimentos ao meu ilustríssimo Pr. presidente, Simoni, sua estimada esposa, Rosa, e toda a sua família.

Ao meu reverendíssimo Pr. José Vieira Izidório, presidente da Comademg, sua esposa, Nilcie, e sua família, agradeço por tamanho exemplo de vida e todo auxílio a mim prestado. E aos mestres diretores e suas respectivas esposas, Pr. Luis Carlos e

Elizabete, Pr. Paulo Cezar e Nanci, Pr. João Carlos e Silma, e Pr. Rogério e Marta.

Quero destacar minha gratidão ao meu diretor Gleidson Izidório, pelo lindo prefácio elaborado para esta obra. MUITÍSSIMO obrigado, meu grande amigo!

Aos meus pares e amigos do colegiado de pastores da ADBH e a todos os mestres que me ensinaram com sugestões, dicas e apoio para o enriquecimento deste trabalho, expresso aqui minha sincera gratidão.

Ao Pr. Ricardo, Dr. Renato Nonato, Pr. Fernando Inácio, Pr. Jorge Luiz Theodoro, Pr. Antônio Carlos, Davi Lucindo, Pr. Douglas Aguiar, Renata Ávila, Ednalva (Nalva), Gisele Modesta, Mônica Todinho, Silvia Oliveira (Silvinha), Pr. Laércio, Dra. Margareth, Dr. Marcus Vinícius, Dr. Wiler e ao Pr. Orestes Corlaite e à sua esposa Jaqueline.

Aos meus amigos Washington Santos, Natanael Andrade, Antônio Carlos Inocêncio, Pr. Idail Costa, sua esposa, Silvia, e seus filhos, Isaque e Izabel (Bel)!

Ao meu amigo Jair Di Gregório, por seu carinho e incentivo. Aos meus confrades e confreriras da Academia de Letras do Brasil, em especial ao meu ilustre presidente, Dr. Helbert Pitorra, meus agradecimentos.

Minha gratidão aos meus familiares, em especial às minhas irmãs Marta, Maria, Marlene e Mariza e a meus irmãos Mateus e Marcelo; a todos os meus sobrinhos e às minhas tias Elza e Maria!

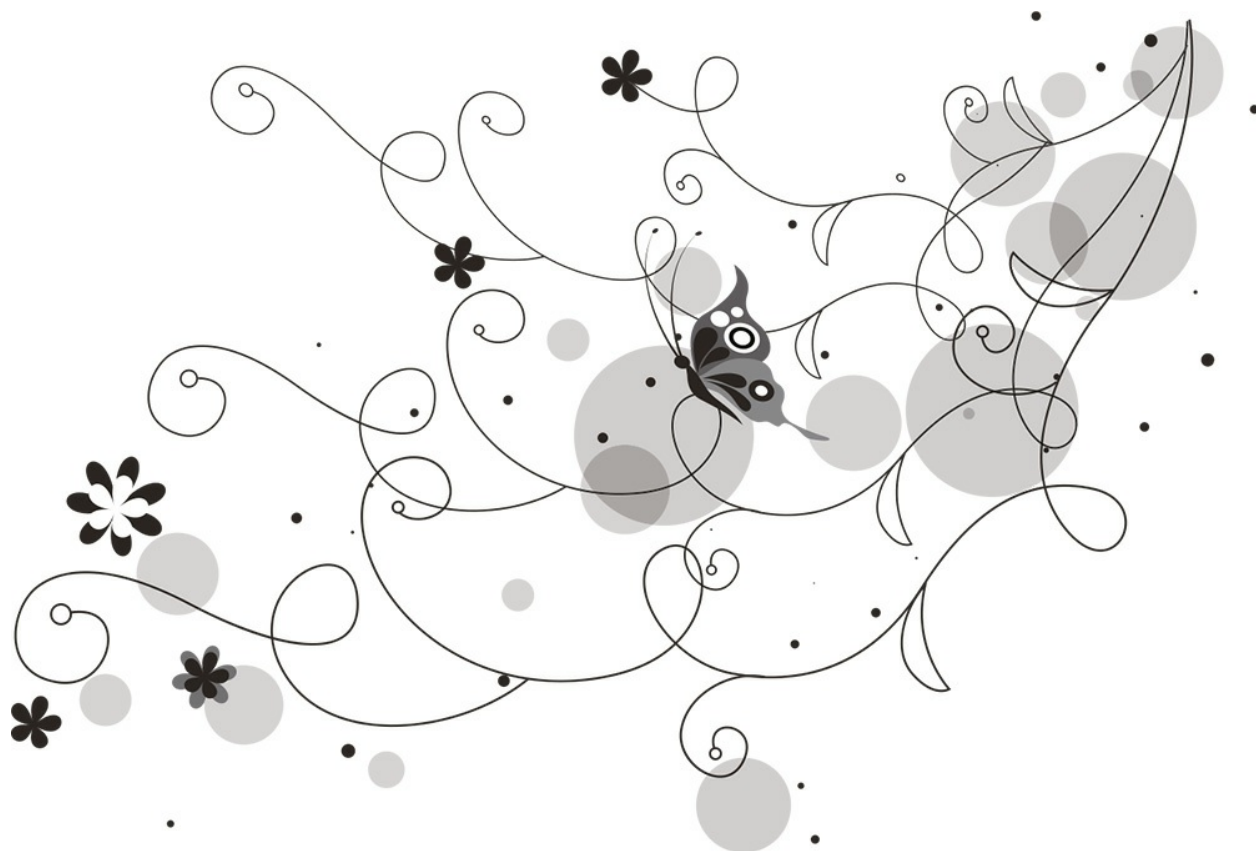
Quero agradecer a esta fantástica equipe da Editora Ágape por todo o auxílio técnico, cuidado e respeito. Ao Sr. Luiz Vasconcelos, à Rebeca, à Rubenita e a todos da editora, muito obrigado.

Aqui reservo estas últimas linhas para agradecer minha família, a quem sempre dedico o meu trabalho, pois formamos uma grande equipe e por isso chegamos até aqui. Agradeço a Deus pela vida, dedicação e carinho de minha esposa, Fátima, pelos enfadonhos momentos prestando-me auxílio nas

orações, nas sugestões para o progresso desta obra e por sua dedicação a mim.

Amo você, Fátima. Deus te abençoe.

Minhas filhas, Gabriela e Nathália, vocês são duas pedras preciosas de valor incalculável; com vocês tenho aprendido o que é o amor de pai, sempre na tentativa de lhes dar o melhor de mim, porque amo vocês.



# *Referências bibliográficas*

BÍBLIA. Português. *Bíblia Mulheres Intercessoras*. Tradução de João Ferreira de Almeida, edição revista e corrigida – 4ª edição. São Paulo: Comunidade da Graça, 2012.

BRENNER, Athalya. *Mulher israelita*. São Paulo: Paulinas Editora, 2001.

CHAMPLIN, R.N. *Antigo Testamento interpretado*. São Paulo: Hagnos, 2003.

DUARTE, Ana Cris. *A dor do parto*. Disponível em: <<http://www.amigasdoparto.com.br/dor.html>>. Acesso em 15 de nov. 2015.

ESTÉS, Clarissa P. *A ciranda das mulheres sábias*. Rio de Janeiro: Rocco, 2007. 13, 14, 33 pp.

FORBES, Jorge. *Você quer o que deseja?* Rio de Janeiro: Best Seller, 2011.



HENRY, Matthew. *Comentário Bíblico: Antigo Testamento – Jó a Cantares de Salomão*. São Paulo: CPAD.

KAHNEMAN, Daniel. *Rápido e Devagar: Duas formas de pensar*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2012. 66-68 pp.

KIDNER, Derek. *Série cultura bíblica, Introdução e Comentário*. São Paulo: Edições Vida Nova.

NATHANIELSZ, Peter. *A vida do bebê no útero*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2002.

SALGADO, Plínio. *Vida de Jesus*. São Paulo, Ática, 1943. 11, 12 pp.

SANTOS, Francisco Ferreira. *Dicionário analógico da Língua Portuguesa*. São Paulo: Lexikon, 2010.

SWINDOLL, Charles R. *Jó, série heróis da fé: Um homem de tolerância heroica*. São Paulo: Mundo Cristão, 2004. 53, 54 pp.

WIERSBE, Warren W. *Comentário bíblico expositivo*. Rio de Janeiro: Central Gospel, 2007.



**MARCOS VERÍSSIMO**, natural de Belo Horizonte (MG), é palestrante, congressista e bacharel em Teologia pela Faculdade Teológica Karpos, EBPS/BH, onde atualmente trabalha como professor. Casado com Fátima e pai de duas filhas, Gabriela e Nathália, é pastor auxiliar na igreja Assembleia de Deus, Ministério de Belo Horizonte.



[www.agape.com.br](http://www.agape.com.br)



---

#Ágape nas redes sociais



# Table of Contents

Folha de Rosto

Créditos

Dedicatória

Prefácio

Introdução

Eva - A primeira mãe

Contexto histórico

Uma serpente em meu jardim

Consequências e dores multiplicadas

Ana - Uma mulher humilhada por ser estéril

Um lar dividido

Uma mulher que se renova

A viúva de Sarepta - Uma mãe cumprindo com amor uma orientação de Deus

Contexto histórico

A dura vida da viúva

Uma boa qualidade para a mulher de hoje

Duas mães disputam um filho

Contexto histórico

A sábia decisão do rei Salomão!

Crianças trocadas nos dias de hoje  
A mãe dos filhos de Jó - Um sofrimento  
inexplicável

Contexto histórico

Coisas difíceis de entender

A mulher cananeia - Uma mãe busca a libertação  
de sua filha

Contexto histórico

Um diálogo decisivo

Mães que lutam por seus filhos

Isabel - Uma mãe gerando uma voz para o  
deserto

Isabel e Maria, uma amizade para dividir  
sonhos

Gerando um filho para marcar gerações!

Um milagre para a mulher!

A mãe de Belsazar - A lembrança dos bons  
tempos

Contexto histórico

A rainha-mãe

A rainha e suas crenças

Noemi e Rute - Como mãe e filha

Contexto histórico

O poder para recomeçar

De volta ao lar  
Noemi, uma mãe de espírito atraente  
Mulheres fortalecidas  
Raquel - As aflições e o desejo de ser mãe  
Contexto histórico  
Uma surpresa desagradável após o casamento  
O sofrimento e a queixa de Raquel  
O grito da mulher de hoje!  
O pedido da mãe de Tiago e João  
Adequando a oração da mãe na dimensão de  
um projeto maior  
Uma lição a ser extraída  
Bate-Seba - Uma gravidez inesperada  
Depois de tudo, uma gravidez!  
Um problema do mundo moderno  
Agradecimentos  
Referências bibliográficas  
Colofão